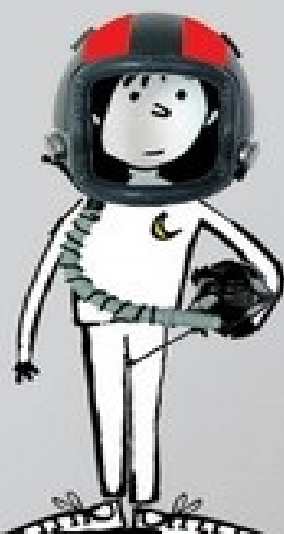


FRANK
COTTRELL
BOYCE



CÓSMICO

SÉGUINTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Caro leitor,

Foi pensando em você, que sabe o que procura nas estantes e está sempre ligado nas novidades, que a Companhia das Letras criou a **Seguinte**, selo voltado ao que há de melhor em aventura, romance e literatura pop, feito para jovens exigentes em busca de grandes histórias, narrativas inteligentes e muita diversão.

Com o mesmo cuidado na escolha e edição dos livros que você conhece da Cia. das Letras, o novo selo jovem da Companhia vai continuar publicando autores importantes do catálogo da editora — como Lemony Snicket, John Boyne e Cornelia Funke —, aliados a lançamentos diversos, imprevisíveis e vibrantes como a literatura deve ser.

Saiba mais em:

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

FRANK COTTRELL BOYCE



Tradução

ANTÔNIO XERXENESKY

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

*Para meus pais — um livro
sobre a magia dos pais*

Um foguete com uma tripulação de cinco pessoas foi lançado ontem de uma base particular ao norte da China e está desaparecido. Boatos sobre uma missão espacial tripulada secreta tomaram conta da internet ainda ontem. Hoje, tanto a Nasa como a Agência Espacial Federal Russa confirmaram que um foguete foi lançado, mas garantiram que não têm nada a ver com o ocorrido. O foguete entrou em órbita e desapareceu no espaço sideral. Nenhum foguete tripulado saiu da órbita da Terra desde a *Apollo 17*, em 1972.

Não estou exatamente na região dos lagos

Mãe, pai... Se vocês estão ouvindo... Lembram que eu disse que ia ao Centro de Atividades da Região dos Lagos com o colégio?

Para ser completamente sincero, não estou exatamente na região dos lagos.

Para ser completamente sincero, estou mais, tipo, no espaço.

Estou em um foguete chamado *Possibilidade Infinita*, a mais ou menos trezentos e vinte mil quilômetros da superfície terrestre. Tá tudo... quase bem.

Sei que devo algumas explicações. Então lá vou eu.

Menti sobre minha idade.

Eu meio que dei a impressão de ter mais ou menos trinta anos. Na verdade, é óbvio que tenho treze. Ou vou ter, depois que fizer aniversário.

Para ser sincero, todos mentem sobre a idade. Pessoas mais velhas fingem ser mais novas. Adolescentes fingem ser mais velhos. Crianças querem ser adultas. Adultos querem ser crianças.

E não foi muito difícil... Todos acham que sou mais velho do que realmente sou, só porque sou alto. Na Escola Joana d'Arc, os professores achavam que idade e altura eram a mesma coisa. Se você era mais alto que alguém, deveria ser mais velho também. Se fosse alto e fizesse algo errado, ouviria: "Um rapaz do seu tamanho deveria saber das coisas".

Por quê?, eu pergunto. Por que alguém deveria saber alguma coisa só por causa do tamanho? O King Kong é um cara grande. Será que *ele* saberia onde ficava o banheiro no primeiro dia de aula? Se ninguém tivesse explicado? Duvido muito.



Enfim, algumas horas atrás, o *Possibilidade Infinita* deveria ter feito uma manobra rotineira, mas, simplificando, não fez. O foguete saiu de órbita, destruindo todo o equipamento de comunicação, e agora estou perdido no espaço.

Eu trouxe comigo este telefone celular porque tinha umas fotos de casa nele. Só que ele também tem um gravador. É isso que estou fazendo agora: gravando toda a história. A não ser que vocês recebam esta mensagem, não vão saber disso, porque estamos em uma missão secreta. Já fomos avisados de que, se algo der errado, vão negar qualquer conhecimento da missão. Ou de nós. Tem cinco pessoas a bordo. Os outros estão dormindo.

Dá para acreditar nisso? Estamos em um foguete, girando sem controle, em direção à eternidade, e o que os outros decidem fazer?

Tirar um cochilo.

Quando erramos por pouco a manobra — o suficiente para nos condenar — os outros gritaram por

uma hora e depois caíram no sono.

Não consigo dormir. Acho os sacos de dormir desconfortáveis. São pequenos demais para mim.

Além disso, acho que, se eu ficar acordado, posso ter alguma ideia. E salvar todos nós. Por isso estou gravando tudo no meu Draxphone. Se eu conseguir voltar para casa, vou entregar o áudio e vocês vão entender como fui parar no espaço sideral se disse que só ia mergulhar numa lagoa.

Mas se você está escutando isso, e se não for minha mãe ou meu pai, provavelmente é um alienígena de cabeça pontuda e noventa patas com ventosas. Nesse caso, só posso dizer: “Olá, venho em paz. Se você tiver a tecnologia necessária para isso, por favor, mande este áudio para: sr. e sra. Digby, rua Glenarm Close 23, Liverpool, Inglaterra, Planeta Terra, Sistema Solar, Via Láctea etc. Se não for muito incômodo”.

Totalmente condenados

O que me deixa levemente preocupado é que estou até curtindo o momento. Estar condenado não é bom. Mas não ter peso é sensacional. Sempre que me curvo para a frente, dou um salto mortal perfeito. Quando estico meus braços, levito. Lá na Terra, minha única habilidade especial era ser melhor em matemática e mais alto que a média. Aqui em cima, tenho tantos talentos que sou praticamente um Power Ranger.

E tem as estrelas.

Na Terra, nossa casa ficava ao lado do shopping. Aquele prédio de vários andares tapava boa parte do céu. As únicas estrelas que eu tinha observado eram aquelas que brilhavam no escuro e vinham no móbile do sistema solar que eu tinha ganhado quando fiz nove anos. E eu só dava atenção àquelas porque elas sempre prendiam no meu cabelo. Móviles são péssimos presentes para pessoas altas.

As estrelas são muito diferentes quando vistas daqui de cima. Tem muito mais delas, só pra começar. Grandes redemoinhos e nuvens de estrelas, tão brilhantes que chegam a machucar os olhos. Quando você está no espaço, tem a impressão de que é o maior show de fogos de artifício do mundo — só que congelado. Até mesmo estando totalmente condenado é impossível não se impressionar.

A única coisa ruim dessa vista é que não dá para ver a Terra. Não vemos o planeta desde que saímos de órbita. Eu disse para os outros: “Bem, a Terra tem que estar por aí. A gente deve estar olhando para o lado errado. Vamos encontrá-la. Com certeza”. Mas isso não acalmou ninguém. Um membro da tripulação — Samson Two — desenhou um diagrama para provar que, mesmo se estivéssemos olhando para o lado errado, ainda deveríamos conseguir enxergar a Terra. Respondi: “Então, o que você está dizendo? Que caímos em um buraco negro mágico e saímos do outro lado do universo?”.

“Possivelmente.”

“Que a Terra simplesmente desapareceu? Sumiu?”

“Possivelmente.”

Daí todos gritaram até não poder mais e caíram no sono.

Pelo menos eles gastam menos oxigênio dormindo.

Tentei imaginar que há alguém do outro lado da linha. Alguém estranhamente silencioso. Também tentei ligar. Pensei que o sinal fosse melhor aqui em cima, já que estou próximo dos satélites. Mas não é assim que funciona.

Minha gravidade favorita

Não acho que o mundo desapareceu. Mas é um tanto preocupante não conseguir enxergá-lo. Afinal de contas, é no planeta Terra que guardo todas as minhas coisas. Pensar no que mais gosto — minha mãe, meu pai, meu quarto, meu computador — me deixa um pouco mais calmo. Tem o meu barco viking de Playmobil gigantesco que ocupa metade do quarto. Ou costumava ocupar. Guardei tudo na caixa no dia que descobri que tinham surgido pelos no meu rosto. Pensei que, se eu tinha barba — mesmo que fosse bastante rala —, estava muito velho para brincar de Playmobil.

Eu disse que *descobri* os pelos no meu rosto. Mas, para ser sincero, nunca tinha notado, pois usamos lâmpadas econômicas no banheiro. Foram outras pessoas que me mostraram, quando todos os alunos do sexto ano foram para a Terra Encantada.

O brinquedo mais famoso na Terra Encantada é o Cósmico. No caminho para lá, os garotos comentaram sem parar como era enorme e assustador. Todo mundo tinha um irmão ou um primo que tinha andado nele e “nunca mais foi o mesmo”. Se você não sabe, o Cósmico é uma espécie de jaula de metal com dois assentos. Fica preso no alto de um guindaste enorme por umas faixas elásticas enormes. Eles puxam a jaula até ao chão com uma corrente e a prendem a um eletroímã. Você se senta e eles desligam o ímã. As faixas elásticas te catapultam para o alto e depois te puxam de volta para o chão. Então você salta para cima e para baixo por um tempo. Só é assustador por uns dez segundos, mas, para alguns, esses dez segundos são tão aterrorizantes que dizem que o cabelo do primo do Ben ficou completamente branco. E que o brinquedo é tão rápido que o estômago do primo do Joe se afrouxou e foi parar no pescoço, então ele teve que operar. Dizem que ele mostra a cicatriz e os pontos se você pedir.

Apesar desses problemas todos, todo mundo disse que queria andar no brinquedo. Só que, quando chegamos lá, descobrimos que exigiam uma altura mínima. Havia um marciano de madeira com o braço estendido e um balão de diálogo onde estava escrito: “Se você consegue passar por baixo do meu braço, não pode viajar no Cósmico”. Todos passaram tranquilamente por baixo do braço do marciano. Todos menos eu. Ele só batia no meu ombro. “Certo”, disse o sujeito. “Você pode.”

Viram o que eu disse sobre altura e idade? Há uma altura mínima, não uma idade mínima. Todo mundo reclamou, disseram que não era justo, comentando como era ruim ser criança e como queriam ser adultos. Foi o que disseram. Na verdade, todos ficaram bastante aliviados por não serem altos o bastante.

O sujeito que operava o brinquedo acrescentou: “Você precisa ir acompanhado. São dois ao mesmo tempo ou não tem viagem”.

Olhei para a srta. Hayes, nossa professora. Ela deu de ombros e perguntou: “Posso andar mesmo estando grávida?”

“Não”, respondeu o sujeito, mas quase ninguém escutou, pois todos estavam empolgados com a notícia de que a srta. Hayes ia ter um filho.

“Ninguém mais?”, ele perguntou.

Então, todos olharam para o pai responsável que tinha aceitado acompanhar nossa turma — no caso, meu pai. Ele sempre ia junto nesses eventos, porque ele é motorista de táxi, então pode escolher o horário em que vai trabalhar.

Florida Kirby ficou cutucando meu pai: “Vai lá, senhor Digby. Vai lá. Meu pai iria se estivesse aqui. Ele é supercorajoso”. Ela meio que empurrou meu pai pela rampa. O cara nos colocou na jaula e amarrou os cintos de segurança. Lembro-me de ouvir meu pai perguntar: “Alguém já morreu nisto aqui?”.

E então o operador do brinquedo o encarou. “Não”, ele disse, “ninguém NUNCA morreu andando na minha máquina.”

“Só estou perguntando”, disse meu pai.

Então o sujeito fechou a porta da jaula, olhou-nos pelas grades e comentou: “Mas tem primeira vez para tudo”.

Se tivéssemos falado “Tire a gente daqui!”, não adiantaria nada, porque logo em seguida começou a tocar uma música incrivelmente alta, uma nuvem de gelo seco surgiu e as luzes começaram a piscar. Eles realmente gostavam de criar expectativa. Meu pai apertou minha mão e gritou: “Não tenha medo, Liam”. Antes que eu pudesse responder que não estava assustado, algo fez BANG e saímos voando em disparada. Dava uma sensação horrível de esmagamento, como se uma mão enorme estivesse te empurrando dentro de uma bola. Daí, lá no alto, a mão te solta e você se sente mais leve que o ar e nem um pouco assustado com nada, como se todo o medo tivesse sido arrancado de você. O segundo salto foi quase tão alto quanto o primeiro, mas não foi nem um pouco assustador. Ficamos ali, nós dois, gargalhando feito loucos enquanto esperávamos os elásticos pararem. Saltamos mais cinco vezes.

Quando saímos do brinquedo, eu estava com o corpo inteiro formigando e tudo ao meu redor parecia estar um pouco mais nítido. Tudo parecia mais claro. Os garotos estavam próximos do marciano de madeira, gritando e comemorando. As meninas ainda estavam perto da srta. Hayes, perguntando sobre o bebê. Notei que estávamos lá há apenas dois minutos.

Florida Kirby gritou: “Você vai passar mal?”.

“Não.”

“Julie Johnson ficou enjoada no Trem Fantasma.”

Ela achava que, se me informasse disso, eu concordaria em ficar enjoado também, só para me encaixar melhor. Florida Kirby é obcecada por duas coisas — celebridades e passar mal. Se ela souber de uma celebridade que passou mal, está no paraíso.

Eu disse: “Isso. Foi. Demais. Podemos ir de novo?”.

Meu pai retrucou: “Comigo não, nem pensar”.

“Mas...”

“Liam, você acaba de passar por uma experiência única. E agora acabou.”

Então ele saiu para jogar Pescaria. Wayne Ogunsiji estava com ele e os dois entraram numa conversa profunda sobre a defesa do Liverpool. Meu pai disse que os zagueiros eram fracos. Wayne retrucou que eles eram bons, mas não sabiam passar direito. De vez em quando, eu via a jaula do Cósmico disparar para o alto, passando o nível dos outros brinquedos, girando e se retorcendo como uma lua lançada em

um canhão, e parte de mim pensou: *Eu passei por isso*. E o resto de mim pensou: *Preciso fazer de novo*.

Quando chegou a hora de ir embora, a srta. Hayes nos encaminhou para a saída das turmas de colégio. Tentei dar uma última olhada no Cósmico.

Devo ter saído da fila, porque, quando fui atravessar o portão, o segurança disse: “Pode esperar um pouquinho aqui ao lado, senhor?”. Fiz isso e observei todos os alunos saírem.

Quando meu pai passou por mim, estava tão ocupado escalando o Liverpool mentalmente com Wayne Ogunsiji que nem me viu. Assim que ele saiu, o segurança fechou o portão e disse: “A saída principal é ali, camarada. Essa é apenas para as turmas”.

Ele achava que eu era um adulto!

As pessoas sempre acham que sou mais velho do que de fato sou, mas ninguém nunca tinha me confundido com um adulto antes. Eu poderia dizer: “Eu *sou* um aluno de escola. Por favor, me deixe sair”, ou eu poderia ficar quieto e aproveitar para andar outra vez no Cósmico. Então eu tinha duas opções, mas, de alguma forma, na minha cabeça, elas se resumiam a apenas uma.

Voltei direto para o Cósmico.

O operador me viu por ali e perguntou:

“Seu amigo não curtiu, então?”

“Meu amigo?” Percebi então que ele estava falando do meu pai.

“Sabe, você pode me fazer um favor, se quiser. Ajudar a preencher as lacunas.”

“Que lacunas?”

“Bem, gosto de manter o brinquedo sempre em movimento. Não parece muito legal se a jaula fica só parada aí. Muita gente desiste na última hora. Queria alguém que pudesse entrar de vez em quando.”

“Claro”, respondi com um tom de voz meio de adulto e fiquei ao lado da jaula.

Naquela tarde, andei no Cósmico com um garoto cuja mãe estava assustada demais para acompanhá-lo, um adolescente que estava tentando ganhar uma aposta, um sujeito cuja namorada era gorda demais para o assento, e outras quatro pessoas. Oito no total. O operador disse que eu devia ter um centro de gravidade muito desenvolvido. Eu sempre ficava com aquela sensação de Admirável Mundo Novo. O efeito nunca diminuía.

De acordo com o operador, o Cósmico gera 4g na subida. “Ou seja, quatro vezes a força gravitacional exercida pela Terra. É o suficiente para que você aprecie como a gravidade normal é confortável. Antes eu deixava a máquina regulada em cinco, mas as pessoas desmaiavam, e pega mal. Não tem como não sentir pena das pessoas que vivem em um planeta de alta gravidade o tempo todo. Deve ser dureza.”

Depois disso, o sujeito trouxe cachorro-quente e batatinhas, que comemos dentro da jaula, balançando suavemente, presos no elástico bem acima do resto do parque. Dava para enxergar todos os brinquedos espalhados, como se fosse uma maquete de vilarejo, e às vezes uma gaivota passava por nós. Finalmente, vi meu pai correndo apressado, perto do Túnel do Terror. Gritei: “Táxi!!!! Táxi!!!!”. Sempre funcionava.

Ele olhou para tudo quanto era lugar, menos para cima. Demorou um tempão para pensar em erguer a cabeça.

Acho que se você está procurando por mim agora, pai, deve estar fazendo a mesma coisa. Olhando para todos os cantos, menos para cima, para o espaço. Foi divertido ver você fazer isso. Mas quando

descei, você não estava achando nada divertido.

“Por onde andou? Contamos os alunos na saída. As pessoas juraram que tinham visto você no ônibus. Só na metade do caminho notamos que não estava conosco.”

“Eu fiquei aqui. O tempo todo. Não é verdade, senhor?”

“Isso aí”, disse o operador. “Qual é seu problema, amigo?”

“Não sou seu amigo. Sou o pai dele.”

“Você parece meio jovem para ser o pai dele.”

“Ele tem doze anos.”

“Quê?”

“Ele só é mais alto que o normal.”

“Não é a altura... É a barba.”

Essa foi a primeira vez que alguém mencionou os pelos precoces no meu rosto.

Meu pai só disse: “Liam. Ônibus”.

Todos comemoraram e bateram palmas quando entrei. Sentei na janela e tentei enxergar minha nova barba no reflexo da janela. Só consegui enxergar pequenos tufos que pareciam fiapos de algodão-doce marrom. Perguntei: “Como foram parar aí? Será que a gravidade fez com que saíssem dos meus poros?”.

Não sei por que, mas isso deixou meu pai furioso. “Liam — blá, blá — procuramos você por duas horas — blá, blá. Todos os taxistas da região estão te procurando. Tive que falar do seu sumiço mágico de um ônibus em movimento...”

“Eu não entrei no ônibus.”

“... para a polícia.”

“Não!”

“Aí encontro você todo alegre, comendo batata frita em um brinquedo do parque. Como acha que me senti?”

“Feliz por eu estar vivo?”

Ele me encarou e disse: “Talvez. Em algum canto longínquo e nobre do meu coração, sim. Mas, de modo geral, não”.

“Desculpe.”

Ele então respondeu: “Um rapaz do seu tamanho deveria saber das coisas”.



É assim que funcionam os pais. Se você desaparece, eles ficam preocupados e acham que pode estar morto. Quando encontram você, querem te matar.

Meu pai estava furioso porque, enquanto ele morria de preocupação, eu estava tranquilo. Mas por que não estaria? Eu sabia que ele iria me buscar. Nunca cogitei outra possibilidade. Quando você é criança, acha que seu pai consegue fazer qualquer coisa.

Agora, tudo está diferente. Se me perguntassem se eu acho que meu pai vai aparecer aqui no foguete,

trezentos e vinte mil quilômetros acima da superfície da Terra, e nos levar de volta, eu diria que isso provavelmente não vai acontecer.

Acho que significa que não sou mais criança.

Quase me barbeei até a morte

Apesar de mal conseguir enxergar os pelos precoces no rosto, eu não conseguia parar de pensar neles desde que soube de sua existência. Eles coçavam, e quando eu passava a mão neles, as outras pessoas os notavam e diziam “Wolverine!” ou coisa pior. Por isso resolvi me livrar deles.

Decepei os fiapos de algodão-doce marrom com a lâmina do meu pai, que conseguiu acabar com todos os fios. O problema é que também sangrou bastante.

Lençóis de sangue escorriam do meu rosto. Eu não sabia bem como funcionava o procedimento, então apertei uma toalha no queixo, rezando para não morrer, e continuei apertando e rezando por mais ou menos uma hora. Quando comecei a achar que já estava morto, minha mãe me chamou para jantar. Desci, e ela perguntou: “O que aconteceu com você? Parece que colocou seu rosto para ferver”.

Meu pai explicou: “Ele se barbeou”.

“O quê?!” , disse minha mãe. “Ele não pode fazer a barba! É jovem demais. Liam é *muito* novo para se barbear.”

“Bem, ele com certeza é jovem demais para ter barba”, disse meu pai, que depois me mostrou como me barbear de uma maneira menos perigosa.

“O problema é que agora que ele começou, não tem mais volta. Os pelos ficam mais duros a cada vez que você tira”, ele disse.

Então agora não tenho mais fiapos de algodão-doce. Em vez disso, cresce algo parecido com a ponta de uma escova de privada.

“Liam, você tem que parar de crescer tão depressa. Não estou pronta para perder meu garotinho. Aliás, se você acha que vou limpar todo aquele sangue, está muito enganado”, disse minha mãe.

Ela ficou tão nervosa com a história toda que me levou ao médico. Ele disse que não havia motivo para preocupação, o que a deixou muito preocupada. Minha mãe disse que queria ver um especialista.

“Especialista em quê?”

“Bem, nessas pessoas sobre quem a gente lê e que crescem rápido demais. Elas começam a ficar carecas na adolescência, daí surgem as rugas e com vinte anos já parecem idosos.”

Minha mãe nunca tinha me falado dessas pessoas. Ela deve ter percebido minha expressão de pavor completo, porque complementou: “Essas pessoas são muito raras, mas existem. Tem uma porção de coisas sobre elas na internet”.

Fiquei aliviado quando o médico respondeu: “Acho que nunca ouvi falar disso, para ser sincero. Posso recomendar um especialista em ortopedia no hospital pediátrico”.

No hospital, fizeram raios X e exames de sangue, e me deram um adesivo escrito FUI CORAJOSO.

Levaram-me a um especialista, e então a um especialista especial. Os dois disseram que eu era normal. Completamente normal. Normal para além da conta. Anormalmente normal.

Embora alto.

“Ele é apenas um garotinho”, disse minha mãe. “Está crescendo rápido demais.”

“Todos temos essa sensação em relação a nossos filhos, senhora Digby. O importante é lembrar que ele ainda é uma criança, apesar de parecer um adulto. Só porque não pode comprar roupas para ele na seção infantil, não quer dizer que sua infância terminou. Os meninos crescem em ritmos diferentes. Ainda mais nesse momento da vida. Depois das férias de verão, Liam, você pode voltar para a escola e descobrir que todos passaram por um surto de crescimento e você já não é o mais alto da turma.”

“Sabe, isso faz sentido”, concordou minha mãe. “O pai dele era alto na escola. Agora, olhe para ele. Está abaixo da média.”

“Na verdade”, disse meu pai, “sou um pouco mais alto que a média.”

“Acho que não.”

“Pode ser só um pouquinho, mas com certeza estou acima da média.”

“Outro dia a gente fala disso”, disse minha mãe. É o que ela sempre fala quando quer que alguém cale a boca.

O especialista especial estava parcialmente certo acerca dos surtos de crescimento. Quase todos tiveram um durante o verão.

Inclusive eu.

Quando minha mãe quis marcar minha altura na tabela da cozinha, ela precisou subir em uma cadeira para alcançar o topo da minha cabeça. “Ah”, ela disse, “você teve um surto de crescimento!”

E meu pai completou: “Dezessete centímetros não é um surto. É uma mutação”.

No primeiro dia de aula na Escola Waterloo, eu era a pessoa mais alta de todas.

O uniforme que minha mãe tinha comprado no início do verão não servia mais, e tiveram que encomendar um blazer extragrande. Consegui uma dispensa especial que me permitia usar minhas próprias roupas enquanto isso.

Quando fui pegar minha carteirinha para o ônibus escolar, a mulher do escritório não acreditou que eu tinha idade para isso, então tive que ir até em casa buscar minha certidão de nascimento. Na manhã seguinte, quando mostrei a carteirinha à motorista, ela não acreditou que era minha, então tive que sair do ônibus, mandar uma mensagem para a minha mãe, e ela foi explicar à motorista do ônibus seguinte que eu era mais alto que o normal para minha idade.

“Não é a altura, querida”, disse a motorista. “É a barba.”

Minha mãe perguntou: “Vou ter que fazer isso todas as manhãs?”

“Só até nos acostumarmos com ele.”

Por fim, minha mãe mandou fazer um passaporte para mim. Eu o mantinha no bolso, caso alguém duvidasse da minha idade. Meu pai disse: “Isso vai te manter longe de encrenca”.

Ele não podia estar mais enganado.

Meu pai também me deu seu telefone celular antigo, para poder me localizar caso eu me perdesse outra vez — como tinha acontecido na Terra Encantada. O celular dele tinha o programa DraxWorld. Se você não sabe do que estou falando, é um aplicativo que mostra sua localização no momento, o trajeto de qualquer lugar até qualquer outro lugar, e fotografias de satélite ao vivo de qualquer canto do mundo. Você pode usar o programa para observar vulcões em erupção. Ondas gigantescas. Incêndios florestais. Mas meu pai usava para ver se o trânsito está fluindo bem.

No primeiro dia de aula, fiquei mexendo no DraxWorld durante todo o caminho até a escola. Usei o programa para olhar parques de diversões e seus brinquedos. Encontrei o Oblivion nas Alton Towers, a Montanha Espacial da EuroDisney, o Terror em Camelot, Thunder Dolphin, Air, todos. Enquanto atravessávamos a estrada Waterloo, digitei “Waterloo”, perguntando-me se seria capaz de encontrar uma foto de satélite do ônibus. Em vez disso, a tela se encheu com dez mil opções. Havia Waterloos por todos os lugares. Estação Waterloo em Londres. Waterloo, o porto em Serra Leoa. Waterloo na Bélgica. Você pode dar a volta ao mundo indo de Waterloo a Waterloo.

Encontrei Waterloos com cachoeiras. Waterloos na floresta, Waterloos nas montanhas nevadas e Waterloos em praias de areia branca. Não conseguia entender por que alguém que quisesse morar em uma Waterloo pensaria: *Waterloo, mas não a que possui uma grande praia, ou aquela com um vasto terreno branco na Sibéria. Quero morar na que tem um viaduto que leva direto ao shopping.*

O DraxWorld mostra o caminho para qualquer lugar, então é bem simples. Se você é um adulto de verdade, e não apenas um garoto barbudo — se você fosse meu pai, por exemplo —, só precisaria encher o carro de gasolina, dobrar à esquerda, à direita, seguir reto e, quando olhasse, encontraria praias de areia branca, montanhas nevadas, corais. Sério, a vida adulta é desperdiçada com os adultos.

Quando cheguei à escola, a sra. Sass (a diretora) me viu na recepção e chamou: “Ah... Tom?”.

“Liam.”

“Isso, certo. Sou Lorraine. Venha por aqui.”

Lembro-me de pensar: *Que educado da parte dela me dizer seu primeiro nome. Não é simpático? A senhora Kendall, da Escola Joana d’Arc, nunca nos disse seu nome.*

Então, “Lorraine” me levou para a sala dos professores e começou a apresentar todos eles, que apertaram minha mão e disseram que era um prazer me conhecer. Fiquei pensando: *Que escola educada! Será que eles fazem isso com todos os alunos novos? Devem perder um tempão nisso!* Então Lorraine disse: “Pessoal, esse é Tom — desculpe, Liam — Middleton, o novo professor de estudos midiáticos”. E ela estava apontando para mim.

Sei que deveria ter corrigido a diretora naquele instante, mas então alguém me deu uma xícara de café e um biscoito amanteigado, e eu me sentei em uma cadeira grande e confortável. Então pensei: *Posso explicar a situação depois de comer o biscoito.*

Foi quando Lorraine disse: “Temos uma reunião esta manhã. Vou chamar você ao palco e apresentá-

lo à escola. Quer que eu dê algum detalhe específico sobre você? Como para qual time de futebol torce, ou algum interesse especial que tenha?”.

Acredito que esse deve ter sido o momento ideal para contar: “É engraçado, mas não sou professor. Estou no sétimo ano”. Mas ela parecia tão contente que eu apenas disse: “Gosto de jogos de computador on-line”.

Ela pareceu pasma.

“Como *World of Warcraft*, sabe? Você cria um personagem com certas habilidades, e ele parte numa missão.”

“Ah”, disse Lorraine, “habilidades. Acreditamos muito em incentivar os alunos a desenvolver suas habilidades aqui na Escola Waterloo.”

“Tenho muitas habilidades”, continuei. “Claro que muitas delas não são úteis na vida real — como domar dragões. Algumas são ilegais, como arremesso de facas. Pelo menos eu acho que é.”

“Deve ser.”

“Tentei convencer a diretora da última escola a começar um clube de *World of Warcraft*, mas ela apenas me encarou como se eu fosse um idiota.”

Lorraine me encarou como se eu fosse um idiota.

Então o sinal tocou. “É melhor irmos para a reunião. Talvez você deva só se apresentar. Não se preocupe em parecer interessante.”

Foi assim que fui parar no palco, ao lado da sra. Sass, enquanto ela falava para toda a escola. Tinha umas oito pessoas na primeira fileira que me conheciam, porque também tinham estudado na Escola Joana d’Arc, inclusive Florida Kirby, que ficava acenando e fazendo caretas. A sra. Sass disse que todos eram bem-vindos e que esperava que as férias tivessem sido ótimas, e então comentou algo sobre um novo procedimento de matrícula, e aí: “Agora gostaria de apresentar o novo membro do corpo docente. Ele vai lecionar estudos midiáticos e será o monitor da turma nove. Este é o senhor Middleton...”.

E apontou para mim.

Caminhei em direção ao microfone e disse: “Obrigado, Lorraine — desculpe, senhora Sass”. Mas todos no auditório começaram a sussurrar: “Lorraine... o nome dela é Lorraine...”, e Lorraine pareceu irritada.

Todos os rostos olhavam na minha direção. Parte de mim pensava: *Se eu refletisse mais sobre as consequências das minhas ações, esse tipo de coisa não aconteceria comigo.* Mas outra parte pensava: *Isso é bem legal.*

“Bom dia, pessoal.”

Todos responderam: “Bom dia, senhor”.

Senhor!

Eu disse: “Alguém aqui já esteve na Waterloo que fica perto de Liverpool?”.

Centenas de mãos se ergueram e balançaram no ar como se estivessem fazendo uma saudação. Olhando para eles, eu me senti como um imperador do mal em *Star Wars*. Respirei fundo e continuei: “Alguém aqui já esteve na Waterloo da Bélgica, onde em 1815 ocorreu a Batalha de Waterloo?”.

Ninguém. Prossegui: “Sibéria. A Sibéria é tão grande quanto a Europa. Tem o maior lago de água doce do mundo. Um lago tão grande que tem sua própria espécie de golfinho. O gelo lá é tão grosso que um trilho de trem passa por cima dele. Lá também tem uma cidade chamada Waterloo. Alguém já esteve em Waterloo na Sibéria?”

Ninguém levantou a mão.

“Por que não?”

Ninguém respondeu, mas todos se encolheram em seus assentos, como se ir para a Sibéria fosse o dever de casa que eles não tinham feito.

“Waterloo em Serra Leoa?”

Ninguém.

“Serra Leoa tem florestas exuberantes e uma história impressionante. Alguém?”

Ninguém.

“Por quê?!”

Todos se encolheram novamente. “Por que todos nós estivemos na Waterloo com a via expressa e o distrito comercial, mas ninguém esteve na Waterloo com cachoeiras, na Waterloo com florestas, na que tem um lago congelado? Por quê? Esses lugares não ficam em Nárnia. Você não precisa de um guarda-roupa mágico para chegar a eles. Não ficam em Azeroth. Você não precisa criar um personagem e usar um computador. São lugares reais. Dá para chegar lá de ônibus. Às vezes, muitos ônibus. Mas eles estão lá. São parte do nosso mundo.”

Alguém gritou: “É isso aí!”.

Fiquei surpreso de ver que não foi um dos alunos: foi a sra. Sass. Agora me dou conta de que ela achou que eu estava sendo metafórico. Ela pensou que eu ia dizer algo sobre como a educação abre novos mundos ou algo do tipo. Mas não fiz isso. Exclamei: “Vamos lá!”. Ninguém se mexeu. Todos acharam que eu estava sendo metafórico. Prossegui: “Vamos lá. O que estamos fazendo aqui? Vamos lá. Me sigam”.

Não sei de onde saiu a última frase. Simplesmente apareceu. Fazia parte da corrente de pensamento. Caminhei pela sala até as portas no fundo. Demorou um minuto, mas alguém começou a me seguir. E então outra pessoa. E daí outra, e outra, e todos me seguiram até a saída que levava ao playground.

O sol brilhava lá fora. Os pássaros cantavam. Fui até o portão e o empurrei. Nada aconteceu. A Waterloo é uma escola que se preocupa com a segurança. Os portões são trancados às nove da manhã e ninguém consegue entrar ou sair sem um cartão magnético. Por isso havia um homem de jaqueta de couro parado do lado de fora, falando no interfone.

“Sou o novo professor de estudos midiáticos”, ele dizia.

E, do outro lado do interfone, a secretária respondia: “Não faz sentido. O senhor já está aqui. Está na reunião”.

Nesse momento, a sra. Sass já estava no portão. Ela olhou para o verdadeiro professor de estudos midiáticos. Então, olhou para mim e disse em um tom de desaprovação: “Quem é você?”.

Tentei explicar tudo para ela. “Sinto muito, Lorraine.”

“Não me chame de Lorraine. É senhora Sass de agora em diante.”

“Sim, senhora Sass.”

“Por que não me disse seu nome verdadeiro?”

“Eu disse.”

“Mas... bem, um rapaz do seu tamanho deveria saber das coisas.”



Quando cheguei em casa, minha mãe perguntou: “Então, como foi o primeiro dia na nova escola?”.

“Tudo bem”, respondi.

“É só isso que você tem para contar? Tudo bem?”

“Não.”

“O que foi?”

“Estou morrendo de fome.”

Às vezes é melhor não entrar em detalhes.

Meu amigo visível

Enviaram uns dez milhões de cartas discutindo meu comportamento “estranho e perturbador” na reunião, e fizeram muitas reuniões sobre isso. A sra. Sass decidiu que o problema era que eu não tinha “habilidades sociais” porque era filho único. “Ele não se dá bem com os outros alunos. É uma figura solitária no playground.”

Você não seria uma figura solitária se as pessoas te seguissem gritando “Senhor, senhor!”, “Wolverine!”, ou “Ei, você aí em cima!” um milhão de vezes por dia? O que esperavam de mim? Que encolhesse?

“Você tem que tentar fazer novos amigos”, disse meu pai.

“Tenho vários amigos. Tem vinte membros do clã só aguardando minhas ordens.”

“Estou falando da vida real, não de computadores.”

“Não vejo diferença.”

“É exatamente isso que estou dizendo”, prosseguiu meu pai. “Você precisa de um amigo visível a olho nu.”

O legal de *World of Warcraft* é que os outros jogadores não sabem se você é alto, baixo, magro ou gordo. Eles simplesmente o aceitam pelo que você é — no meu caso, um elfo noturno com poderes de cura superdesenvolvidos.

Isso não era o bastante para meus pais. Então eles me mandaram para o grupo de teatro Pequenas Estrelas. Todo sábado de manhã. Lisa — a garota que coordenava o grupo — não parecia impressionada com minha falta de habilidades sociais. Ela sugou o lábio, olhou para mim de cima a baixo e disse: “Na verdade, somos um grupo para crianças”.

“Ele tem doze anos”, assegurou meu pai.

“Como assim? De idade mental?”

“Não. De idade física. E mental, imagino. Liam tem doze anos. Mentalmente, fisicamente, emocionalmente, tudo isso. Ele só é um pouco alto. E barbudo.”

“Ah!” Ela pareceu não acreditar nele, então mostrei meu passaporte.

“Liam é um garoto esperto”, complementou meu pai. “Ele é da turma avançada.”

“Mas não é exatamente uma *Pequena Estrela*, é?”, comentou Lisa.

“Acho que se montássemos *O bom gigante amigo*, ele se encaixaria perfeitamente. Então”, ela sorriu, “por que não fazemos isso?”

Foi o que fizemos. Florida Kirby já era uma Pequena Estrela totalmente matriculada. Lisa deu a ela o papel da pequena amiga do gigante, Sophie.

“A Sophie da peça”, disse Florida, “recebeu esse nome em homenagem a Sophie Dahl, a supermodelo. Então, quando eu fizer o papel de Sophie, estarei fazendo uma jovem supermodelo.” Florida sempre quer ser uma celebridade. Quando Lisa nos fez participar de um jogo no qual tínhamos que fingir que vimos um fantasma, Florida viu o fantasma de Britney Spears. Quando precisamos fingir

que éramos um cachorro, ela era o cachorro da Madonna.

Enquanto voltávamos para casa a pé por dentro do shopping, depois do primeiro dia de teatro, Florida ficou ensaiando suas falas comigo. Em geral eram coisas como: “Você é enorme!”, “Por Deus, como você é alto!”, ou “Você é gigantesco mesmo!”, e ela interpretou todas as falas com uma voz no melhor estilo Pequena Estrela, em alto e bom som. Sentei em um dos bancos perto do jardim japonês, só para me sentir um pouco menor por um tempo.

“Se sentarmos aqui”, disse Florida, “o segurança vai aparecer e nos dar uma bronca. Eles odeiam quando crianças ficam nesse banco. Eles odeiam crianças, na verdade.”

Mas o segurança não apareceu. Na verdade, um deles passou por mim e me cumprimentou com um movimento de cabeça.

“O que está rolando?”, perguntou Florida.

“Eles acham que você está comigo. E que eu sou seu pai”, expliquei.

“Não! Você está de brincadeira! Sério? Sério mesmo?”

“Sim.”

“Mas isso é genial.”

E ela tinha razão. Podíamos fazer o que quiséssemos, então fizemos. Naquele sábado e em todos os sábados seguintes, brincamos no elevador, aprontamos na cabine de fotos, fomos no fliperama e jogamos todos os lançamentos. Até entramos na revistaria, que proibia expressamente a entrada de crianças. Florida adorou o lugar, porque podia folhear todas as revistas sobre celebridades enquanto eu comprava um jornal para parecer ainda mais com um pai. Às vezes ela me dava um pouco de dinheiro antes de entrarmos para que eu comprasse chocolate para ela.

“Compre você seu próprio chocolate”, eu disse.

“Garotas não compram o próprio chocolate quando saem com o pai. Eles compram para elas.”

Florida tentou até me convencer a comprar cigarros para ela.

“Pais não compram cigarros para os filhos.”

“Meu pai de verdade faria isso. Ele faria qualquer coisa por mim. Ele vai me comprar um pônei.”

“Então peça para ele.”

Uma vez entrei lá sem Florida e a mulher do caixa perguntou: “Onde está sua princesinha hoje, hein?”.

Florida *amou* a história quando contei. “Princesa é genial. Você tem que me chamar assim!”

“Acho que não.”

“Por que não? Meu pai me chama de princesa o tempo todo.”

“Outra hora a gente conversa sobre isso”, respondi.

“Puxa, você parece mesmo um pai falando assim.”

“Valeu.”

Outro dia, ela levou a irmã mais nova, Ibiza.

“Ah, mais uma”, disse a mulher da revistaria. “Não sabia que você tinha duas. Espero que não se incomode com o que vou dizer, mas é lindo ver um jovem pai aproveitando o tempo ao lado das filhas.”

E vocês não são meninas de sorte por ter um pai bom como esse?”

Então, ela deu um bombom para cada uma delas.

Foi uma época maravilhosa, e talvez a gente devesse ter parado por ali. Mas, se você joga bastante, quando fica bom, sente como se estivesse no nível um. Você fica se coçando para mudar.

Um dia, Lisa teve que terminar a aula mais cedo, pois o pai dela estava doente. A gente podia ter passado o tempo extra no shopping fazendo as coisas de sempre. Ou podia usar esse tempo para passar para o nível dois.

O ônibus parava do lado de fora da igreja e ia até o centro de Liverpool. Então era isso. O caminho para o nível dois.

Ser adulto no shopping era divertido. Ser um adulto no centro de Liverpool era totalmente cósmico. Quando saímos do ônibus, uma mulher que vestia uma minissaia branca e uma faixa vermelha veio em minha direção, cumprimentou e entregou uma amostra grátis de um novo iogurte. “Tome”, ela disse, “pegue uma amostra para sua filha.” Nem tínhamos terminado de beber quando outra mulher apareceu para me dar um jornal grátis. Outra mulher ainda — vestindo um terninho — perguntou se eu tinha tempo para responder a algumas questões.

As perguntas eram principalmente sobre como tínhamos chegado à cidade e quais eram nossas lojas favoritas. Então, vieram perguntas sobre o ano em que nasci e meu emprego. Dei a data de nascimento do meu pai e disse que era taxista. “Você gostaria de vir comigo e experimentar o novo queijo cremoso que estamos criando, para dar uma opinião?”, ela perguntou.

A mulher nos levou a uma sala bonita e nos deu sanduíches grátis e água com gás. Depois disso, preenchemos questionários e ela nos deixou ficar com as canetas. Florida pediu mais sanduíches. A mulher de terninho riu e comentou: “Acho que isso é tudo que queríamos ouvir de opinião”.

“Então, podemos ganhar mais sanduíches?”

“Não.”

E foi assim que fomos parar perto da orla de Liverpool. De lá, olhamos pela janela uma loja da Porsche. “Seria ir longe demais, não?”, perguntou Florida.

“Vamos descobrir.” Eu estava com aquela sensação de Admirável Mundo Novo outra vez.

Foi a primeira vez em que entrei em uma loja de automóveis. Eu nunca tinha visto um carro sobre um tapete. Era como estar na sala da família Carro-Chique. Eles pareciam menores e mais reluzentes do que o normal. Um homem de terno nos viu, veio em nossa direção e disse: “Já falo com o senhor, um minutinho. Pode se servir de café”.

Havia uma máquina de café e um prato de biscoitos — para nossa decepção, a maioria era apenas digerível. Florida pegou o único de chocolate. Então, ela caminhou por ali, deixando cair farelos no carpete. Tinha um carro realmente legal, bem moderno. “Tire uma foto minha com o celular”, Florida pediu.

“Por quê?”

“Porque é o que os pais fazem.”

Ela se inclinou sobre o capô e sorriu enquanto eu batia a foto. Logo em seguida o homem de terno apareceu ao nosso lado. “Admiro seu gosto”, ele disse.

“Esse é o Boxster. Rooney tem dois desses, em vermelho”, comentou Florida.

“É verdade”, concordou o sujeito. “Ele comprou esses carros aqui. Você é uma menina bem informada.” Então ele me perguntou qual era a idade da minha filha.

“Ela tem onze anos”, respondi. Então pensei que deveria dizer algo que um adulto diria: “Não tenho certeza quanto à cor do carro”.

“Tem um vermelho igual ao do Rooney aqui ao lado. Venham dar uma olhada.”

Então fomos.

“Tenho que concordar. Um carro desse tipo nasceu para ser vermelho.”

Foi legal da parte dele concordar comigo, apesar de eu não me lembrar de ter dito aquilo. “Custa um tantinho...”

“Eu sei.” O preço estava no para-brisa.

“Mas vale a pena.”

“É, vale mesmo.”

“Você está pensando em comprar ou está só olhando?”

Sim, eu sei o que deveria ter respondido, mas dizer que queria comprar parecia mais adulto.

“Você traria um carro antigo para dar de entrada?”

“Não, não. Gosto do meu carro antigo. Acho que vou ficar com ele. É um bom carro.”

“Conheço a sensação. O outro é um carro de família. Para quando você se comporta como um pai de família. Já este Porsche é para quando você quer brincar de corrida. Não é assim?” Ele deu uma piscadela para Florida. “Homens, hein? Nunca crescemos...”

“Ele com certeza não cresceu”, ela comentou.

“Bem”, disse o homem de terno, “vamos fingir que somos maduros. Só por um instante. Qual é a sua renda?”

“Não sei ao certo. Varia bastante.”

“Tem razão. Você está totalmente certo. Sou muito intrometido. Quer dizer, você nem disse que quer levar o carro, certo?”

“Não, eu não disse.”

“Sempre forço a barra na hora de vender. Mas um carro desses se vende sozinho.”

Foi quando Florida pediu: “Podemos entrar nele?”.

O vendedor olhou para Florida por um segundo e ela complementou: “Por favor?”.

“Vão em frente.”

Entramos. “Você devia ter me dito para pedir *por favor*”, ela sussurrou.

“Mas você disse.”

“Sim, mas você deveria ter cobrado antes de eu falar. Seria uma atitude de pai.”

“Está bem.”

O homem de terno olhou para dentro do carro, piscou para Florida e perguntou: “Confortável?”.

“Sim”, ela disse.

“Sim o quê?”, perguntei.

“Sim, obrigada.”

Então ele me entregou as chaves. “Vamos lá”, disse. “Você sabe que está morrendo de vontade de fazer isso. Só leve o carro para a rua. Para ver como anda.” Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele estava pedindo para os outros vendedores tirarem os carros do caminho e abrirem as portas para eu sair.

“Você vai ter que empurrar o banco um pouco para trás. Afinal, é um cara grande, não?”

Eu podia ter respondido: “Sim, sou um cara grande, mas isso não quer dizer que sou velho”. Mas não respondi. Eu só disse “Valeu”, e acrescentei, “camarada”.

“Você está com a carteira de motorista, senhor...?”

“Hã... Digby. Não. Estou sem.” Tentei parecer triste por isso.

“Sem problemas. Confio em você. Quase ninguém confiaria.”

Ele se agachou ao meu lado e me explicou rapidamente o painel: “Aqui está o som, o botão de ajuste do assento ergonômico, o GPS...”.

Tive uma ideia. “Tenho o DraxWorld no meu telefone. Consigo ligar isso ao GPS?”

Ele ficou impressionado. “Não sei. Tente.”

Liguei o DraxWorld e escolhi uma Waterloo.

“Waterloo”, disse o sujeito. “Não, não funciona. Fica a quinze minutos de distância. Aqui mostra uma viagem de três dias.”

“Na verdade”, respondi, “marquei a Waterloo que fica em Serra Leoa, na África.”

Ele me olhou como se eu estivesse declamando poesia. “Uau... África. E está nos seus favoritos? O que você faria? Passaria pela França? Sobre os Pirineus?” Ele estava em outro mundo, imaginando a viagem inteira na cabeça — os rios, as montanhas, os barcos, o deserto. “Senhor Digby”, ele disse, “você *merece* esse carro. Se pudesse, eu o daria a você.”

Então girei a chave na ignição. O carro emitiu o ruído de um gato ronronando. O homem se afastou e apontou para o capô. “Perfeição da engenharia.” Ele sorriu.

Este é o momento, pensei. Daqui a cinco minutos, tudo pode virar um monte de sucata. O problema do nível dois, claro, é que traz perigos novos e inesperados. As chances de morrer são muito maiores.

Olhei para os pedais. Eu sabia que um deles era o acelerador. Só não tinha certeza de qual. Uma coisa que *World of Warcraft* ensina é que, se você quer ser bem-sucedido no próximo nível, precisa adquirir novas habilidades. Não suba de nível se não tem habilidades o suficiente. Infelizmente, essa era uma lição que eu tinha esquecido. Tinha bastante certeza de que o acelerador era o do meio. Estava com o pé nele quando a porta do lado do passageiro se abriu e uma voz muito conhecida ordenou: “Saia agora”.

Eu provavelmente não disse isso naquele momento, pai, mas, pensando melhor, fiquei feliz de ver você.

Quando saí do carro, você estava gritando com o homem de terno, dizendo que eu podia ter morrido e perguntando por que eles não conferem a idade dos clientes.

“Como eu poderia imaginar?”, ele se defendeu.

“Olhando a carteira de motorista dele.” Bem pensado, pai.

“Ele estava sem a carteira.”

“É claro! Ele tem doze anos!”

“Escute aqui, amigo”, disse o homem de terno. “Não me culpe se seu filho é uma aberração.”

Pensei que meu pai fosse dar um soco no sujeito naquele momento. Mas ele só grunhiu: “Ele não é uma aberração. É normal. Só é um pouco alto”.

“Não é só a altura. É que ele parecia ter uma filha.”

Meu pai tem uma estatueta de São Cristóvão no painel. Quando ele foi me enfiar no táxi, bati nela, que caiu e rolou no chão.

“Junte isso”, ele ordenou.

“Está bem, está bem. Mas você derrubou o menino Jesus das costas dele.”

“Só fique quieto, Liam.”

Eu fiquei, mas tinha algo que queria perguntar a ele. Esperei até chegarmos à estrada, então disse: “Como você sabia onde eu estava?”.

“Sou seu pai”, ele disse. “Se você age de forma estranha, percebo. Se você pega um ônibus diferente em vez de ir para casa, eu sigo você, mesmo que signifique recusar passageiros e ouvir meu chefe me xingando pelo rádio. Sou seu pai, e é isso que os pais fazem.”

Pensar sobre isso agora faz com que eu me pergunte se você não está aqui, em algum lugar atrás da gente, procurando pelos confins do espaço em seu táxi. Mas não. Táxis não conseguem andar mais rápido do que a velocidade de escape da atmosfera da Terra.



Caso você esteja interessado, foi assim que meu pai nos localizou naquele dia: quando me deu seu celular antigo, ele comprou um novo, mas manteve o número antigo. Então existiam dois telefones — telefone um (o do meu pai) e telefone dois (o meu) — com a mesma identidade. Ou seja, se ele estivesse preocupado comigo, era só ligar o DraxWorld e pedir a localização atual do telefone dois, que o celular apontaria onde eu estava.

Então, meu celular parecia um celular, mas na verdade era uma coleira eletrônica.



Como compartilhávamos o mesmo número, eu recebia todas as mensagens para meu pai falando sobre novos produtos, enquanto o meu pai recebia mensagens de membros do meu clã em *World of Warcraft* que diziam coisas do tipo: “Fui atacado por dragões — preciso dos seus poderes de cura já!” e “Capturei quinze goblins. Mato? Ou os mantenho como reféns?”. Uma pessoa paranoica poderia pensar: “Droga, estamos sendo invadidos por criaturas míticas” e fugir para se esconder no meio do mato atrás do campo de golfe. Mas meu pai apenas pensava: “Esse celular está doido. Vou desligar e

ligar de novo”.

Essa é a solução do meu pai para qualquer problema tecnológico. Micro-ondas, GPS, computador, máquina de lavar louça — desligue e ligue que tudo ficará bem. Para ser sincero, geralmente funciona. Eu tentaria fazer isso agora, mas não sei se o foguete tem um interruptor.

Meu planeta Panda Pop

O incidente na escola foi ruim. O incidente na Porsche foi como morrer e voltar como um personagem de nível um sem vidas extras. “Tudo o que queríamos”, minha mãe disse, “era que você desenvolvesse suas habilidades sociais.”

“Habilidades sociais?”, disse meu pai. “Bem, vejamos: ele convenceu uma menina a fingir que era filha dele, e um vendedor a emprestar um Porsche. Ele tem habilidades sociais. Tem habilidades sociais *demais*. Ele levou nosso pedido ao extremo. Esse é o problema.”

No final, meu pai estava certo sobre amigos visíveis serem diferentes dos virtuais. Se alguém não aparece no *Warcraft*, você só precisa chamar outra pessoa. Mas, quando caminhava pelo shopping nas manhãs de sábado, sempre notava que nenhuma das várias pessoas lá era Florida.

Minha mãe ficou realmente incomodada com a situação toda. “Liam”, ela se perguntava, “o que vamos fazer com você?”

Meu pai pesquisou na internet por grupos de autoajuda para pessoas com problemas incomuns. Uma hora depois ele voltou e perguntou: “Que tal isso? Um resort popular na costa da Tunísia. Cento e cinquenta libras por pessoa”.

“A Tunísia é meio longe”, reclamou minha mãe. “Será que não tem um grupo na biblioteca?”

“Não, estou falando de fazer uma viagem. É disso que a gente precisa, não? Nós três. Ir para algum lugar onde ninguém nos conhece. Só para relaxar.”

Fiquei muito empolgado com essa história. Nunca tinha viajado para fora do país. Passei a semana toda lendo anúncios e até fui com meus pais à agência de viagens, o que foi um desastre total, porque quando fico empolgado acabo falando demais. Quando mencionaram a Tunísia, por exemplo, eu disse: “Sim. Hotéis quatro estrelas, com refeições incluídas. E a gente podia conhecer o deserto do Saara”.

Minha mãe retrucou: “Deserto do Saara? Você está brincando? O deserto do Saara é um deserto. As pessoas se perdem no deserto. Elas morrem de fome, veem miragens e são comidas vivas por formigas. Não, não, não. Não vamos para um deserto”.

A moça da agência de viagens explicou: “Se escolher a excursão *opcional* pelo deserto, senhora Digby, uma equipe local treinada acompanhará vocês em um ônibus com ar-condicionado. É uma viagem muito bem planejada”.

“Ninguém nunca PLANEJA ser comido vivo por formigas. Mas acidentes acontecem. Ainda mais no deserto do Saara. O que mais você pode nos oferecer?”, perguntou minha mãe.

“Tenerife já está com um clima bem quente.”

Apesar de ser politicamente espanhola, a ilha de Tenerife fica na costa da África, e, portanto, lá é quente o ano todo. Especialmente no sul. Chove mais ao norte por causa de uma montanha pontuda que fica no meio da ilha. Ela é tão alta que tem neve no topo, até mesmo no verão. O nome dessa

montanha é Teide. Minha mãe ficou interessada quando contei tudo isso a ela. Eu deveria ter parado por aí, em vez de mencionar que Teide não era uma montanha comum.

“Um vulcão?!” , ela exclamou.

“Um vulcão *extinto*”, a mulher da agência de viagens apressou-se em complementar.

“Extinto ou adormecido?”, perguntou minha mãe, surpreendendo a todos com seu conhecimento inesperado de geologia.

“Qual é a diferença?”, perguntou a moça da agência.

“É a diferença entre a vida e a morte”, respondeu minha mãe.

A agente mostrou um panfleto anunciando uma viagem para a Flórida.

“Bem popular”, a moça disse sorrindo, sem entrar em detalhes.

Minha mãe me olhou. Eu não disse nada.

Ela encarou a agente de viagens, que continuava sorrindo.

Então minha mãe olhou para meu pai. Ele tentou manter o sorriso. Mas ela levantou uma sobrancelha e ele não resistiu à pressão e admitiu, ao final: “Jacarés”.

Depois disso, a moça nos mostrou Turquia (terremotos), Chipre (peixes venenosos), Itália (mafiosos) e Grécia (naufrágios). Quando saímos da agência, minha mãe respirou fundo e disse: “Bem, nós nem viajamos e já me sinto feliz de voltar para casa”.

Eles resolveram esquecer os planos de viagem e redecorar a cozinha. Meu pai argumentou que uma viagem só dura uma semana ou duas, enquanto uma cozinha nova dura para sempre. Então, em vez de embarcar em uma viagem bem organizada com ar-condicionado para o Saara, fomos para a loja Pias e Companhia ver superfícies de granito.

“Essa é um pouco cara”, disse o vendedor, “mas vale o preço. É granito italiano de verdade.”

A pia era predominantemente azul. Lembro-me de olhar e pensar: *Isso é uma rocha ígnea. Veio do subsolo da Itália.* A pia tinha uma vida mais emocionante que a minha.

Meu pai perguntou: “O que você acha, Liam?”.

“Legal. Com rochas ígneas, não tem erro. É uma rocha ígnea, certo?”

O homem respondeu: “Acho que não. Essas foram entregues hoje por nosso fornecedor de Turim”.

Expliquei: “Ela é feita de magma cristalizado”.

“Não, meu filho. Isso é granito italiano de verdade. Não foi produzido.”

“Foi produzido a partir do magma que borbulha há milhões de anos no manto da Terra. O magma derretido esfriou na crosta e se transformou em cristais. Depois provavelmente ficou ali parado por um bilhão de anos até ser escavado por italianos. Depois de muito trabalho, o granito é removido e enviado para a Pia e Companhia, onde minha mãe olha para ele por cinco minutos e diz: ‘Estou em dúvida quanto à cor’.”

O sujeito olhou para meu pai, que deu de ombros. “Ele é da turma avançada. Na escola. Eles estudam esse tipo de coisa. Mês passado o assunto era aquecimento global.”

Minha mãe prosseguiu: “Mas ele tem razão. Estou em dúvida quanto à cor”.

Além de eu não ir mais para a Tunísia, não podia voltar sozinho para casa. Meus pais passaram a me

encontrar na escola e me escotar, como se eu fosse um prisioneiro. Eles teriam me proibido de participar do Pequenas Estrelas também, mas todos tinham trabalhado tanto na montagem de *O bom gigante amigo* que seria maldade ter que cancelar a peça.

Lisa tentou levar tudo numa boa. “Você é a estrela”, ela disse, “por isso vai ter o próprio camarim.” Então me botou numa saleta de papelão logo atrás do palco. Tinha uma cadeira, nenhuma janela e um pacote de batatinhas Space Rangers sabor cebola e salsa, além de um refrigerante Panda Pop azul. As Space Rangers são as batatinhas mais baratas que existem. Elas são crocantes, mas só até você colocar na boca. Assim que entram em contato com sua língua, deixam de ser crocantes e se tornam molengas. O sabor é quase opcional, no sentido de que parece cair das batatinhas e formar uma gosma de pó no fundo do saco, que você pode raspar com o dedo se quiser. Já os Panda Pop azuis são supostamente de framboesa, mas o sabor é irrelevante, porque tem tanto gás nesse refrigerante que, quando você toma um gole, seus sentidos são bloqueados e seu cérebro grita: “GÁS!”. Depois, você fica um tempão arrotando, o que é adequado para o papel do gigante amigo, pois ele é um personagem bem grosseiro.

Lembro-me de me sentar naquele cubículo e sentir como se o resto do mundo tivesse desaparecido e eu orbitasse ao redor do Sol por conta própria, sentado em minha cadeira. Planeta Panda Pop. Sozinho em um lugar minúsculo comendo produtos químicos estranhos. Parece que as Pequenas Estrelas eram um treinamento de primeira para ser astronauta.

Durante o intervalo, fiquei mexendo no DraxWorld. Primeiro, conferi a “localização do telefone um”, para ver onde estava meu pai. Ele estava na plateia. Então olhei para todas as Waterloos do mundo, tentando escolher qual era minha favorita. Estava em dúvida entre a Waterloo de Serra Leoa e a de Trinidad e Tobago quando o telefone tocou. Era uma mulher com uma voz muito simpática que disse: “Olá, estou ligando em nome da Drax Comunicações. Notamos que você tem um padrão muito curioso de uso do celular e gostaríamos de fazer uma série de perguntas, se tiver um tempinho para responder”.

Eu tinha mais ou menos dois minutos e meio antes do início do segundo ato da peça.

“Gostaria de saber se você de fato foi a algum dos lugares que pesquisou recentemente. Waterloo, Serra Leoa?”

“Não.”

“Waterloo, Sibéria?”

“Não.”

“Waterloo, Bélgica?”

“Não.”

“Você tem planos de visitar algum desses lugares no futuro?”

“Sim”, respondi, “todos eles. Só não sei quando.”

“Também notamos que você tem pesquisado parques de diversões.”

“Ah. Sim. Alton Towers. EuroDisney. Six Flags. A montanha...”

“Praticamente todos os parques de diversões do mundo. Do que você gosta neles?”

“Gosto da sensação de Admirável Mundo Novo que dá quando você anda em um brinquedo radical. Adoro.”

“Então você anda nesses brinquedos com seus filhos?”

Ela achava que eu era um adulto e não podia me ver! Engrossei a voz e disse: “Isso aí. Sim”.

“Qual é a idade do seu filho?”

“Doze anos.”

“Que maravilha. Obrigada. E mais uma coisa: como você resumiria sua filosofia pedagógica como pai?”

“Minha o quê?”

“O que você quer para seu filho?”

“Bem...” Não consegui pensar em nada, e acabei dando a seguinte resposta: “Quero que meus filhos pensem no mundo como um grande parque de diversões”.

“Ah”, disse a mulher, “que pensamento bonito.”

É um pensamento bonito mesmo, pensei. De onde será que eu tirei isso?

“Obrigada, senhor Digby. Entraremos em contato.”

Ela desligou. Em *World of Warcraft*, quando você derrota um inimigo, pode pegar as coisas dele: dinheiro, armadura etc. Mas, às vezes, você descobre que o cara tinha algo que você não esperava, como uma habilidade mágica ou um frasco de elixir dos magos. E consegue sentir o poder adicional fluindo dentro de você. Foi como me senti ao desligar o telefone. Sabia que algo cósmico ia acontecer.

Uns minutos depois, Lisa bateu na porta, gritando: “Gigante no palco, já!”.

Enquanto caminhava pelos bastidores, recebi uma mensagem de celular. Lisa rosou: “Desligue esse telefone, pelo amor de Deus”.

“Um segundinho.”

“Na verdade, me dê ele aqui.”

“Tá bom, tanto faz”, respondi com um sorriso gigantesco. Eu estava sorrindo porque já tinha visto o que o SMS dizia.

Você foi escolhido para fazer parte de uma competição especial, com um prêmio que transformará você em um herói aos olhos de seus filhos. O Parque Infinito é um novo parque de diversões na China, cheio de atrações inovadoras e surpreendentes, o que inclui o maior brinquedo da história — o Foguete. Oferecemos a oportunidade de viajar ao parque, conhecer as atrações e visitar os pontos turísticos locais a quatro pais e seus filhos.

Não perca a chance de se tornar o melhor pai de todos os tempos. Ligue para este número secreto amanhã antes do meio-dia para descobrir se você é um dos quatro ganhadores. Mas, por favor, não revele este número a ninguém.

Você só precisa conseguir que alguém atenda.

Eu continuava sorrindo mesmo depois de a peça acabar e as pessoas pararem de aplaudir. Lisa disse que eu era o gigante amigo mais amigável que ela já tinha visto. Minha mãe disse: “Adorei. Você parecia *tão feliz* no palco!”.

Esperei até entrarmos no carro e mostrei a meu pai a mensagem. “China... o maior brinquedo da história... chance de se tornar o melhor pai de todos os tempos...” Tive aquela sensação de Admirável Mundo Novo só de reler a mensagem.

Achei que meu pai ia pular de empolgação e dizer: “Pegue o protetor solar, Liam”. Inexplicavelmente, ele não fez isso. Só balançou a cabeça e comentou: “Ninguém nunca ganha uma coisa dessas”.

“Bem, alguém deve ganhar. Senão, não poderiam divulgar uma coisa dessas. Claro que alguém vence. Vamos lá, é só fazer um telefonema.”

“Sim, um telefonema muito, muito longo. É só um truque para fazer você gastar uma grana preta ligando para um telefone que cobra fortunas por minuto. E, quando você liga, só escuta uma voz dizendo ‘Por favor, aguarde’ e uma música clássica tocando de fundo. E aí eles ganham dinheiro com a ligação.”

“Mas você foi especialmente selecionado.”

“Sim. Eu e outros dez milhões.”

Ele deletou a mensagem.

Voltando para casa, passamos pelo shopping. Olhei para cima e não consegui ver nenhuma estrela. Lembro-me de pensar: *Acho que nunca vou sair da cidade de Bootle enquanto estiver vivo.* É engraçado pensar que agora estou mais longe de Bootle do que qualquer outro ser humano.

Naquela noite, meu pai queria que todos nós jogássemos Banco Imobiliário na cozinha nova. Banco Imobiliário! Será que alguém já chegou ao fim desse jogo? A maioria das pessoas não entra em coma de monotonia após algumas jogadas e acorda seis meses depois com um punhado de hotéis? Se fosse War ou Detetive, tudo bem, mas Banco Imobiliário?!

“Sente aí”, ele disse. “Vai ser legal. Todos nós juntos. Faz um tempão que não jogamos nada.”

Retruquei: “Banco Imobiliário não é um jogo”.

“Tem um dado e um tabuleiro. É um jogo.”

“Não é um jogo porque NADA ACONTECE. Em Banco Imobiliário, você pode pedir para alguém jogar por você enquanto vai ao banheiro e nada muda. Você consegue imaginar uma coisa dessas em uma partida de xadrez, War ou futebol? Sabe o que é o Banco Imobiliário? É a minha vida. Andar em círculos, passando sempre pelas mesmas ruas, sem nunca ter dinheiro o bastante.”

“Então”, meu pai perguntou, “você não quer jogar?”

“Não, não quero.” Levantei. Fui para o computador jogar algumas horas de *World of Warcraft*.

“Bem, lá se foi o clima de animação”, comentou minha mãe.

“Você não quer jogar uma partida de Banco Imobiliário com seus pais de verdade”, continuou meu pai, “mas vai brincar a noite toda com seus amigos invisíveis de *Warcraft*.”

“Não tenho mais amigos de verdade, né?”

“Talvez tivesse se não ficasse o tempo todo envolvendo as pessoas em situações ilegais com carros esportivos potentes.”

“Ah, deixa disso”, reprimiu minha mãe. “Ele não faz isso *o tempo todo*. Foi só uma vez.”

“E uma vez não é o bastante?!”

Eles ainda estavam discutindo quando entrei em Azeroth e convoquei meu clã — os Guerreiros Andarilhos.



Estávamos atravessando as Terras Devastadas com uma caravana de comerciantes quando a porta se abriu e meu pai deu uma espiada. “Escute”, ele disse. “Sinto muito pela briga. Se não quer jogar Banco Imobiliário, tudo bem. Eu jogo *Warcraft*.”

“Ah, valeu. Mas não é bem assim que funciona.”

“Como funciona, então?”

Tentei explicar *Warcraft* para ele, mas, sinceramente, por onde eu ia começar? Ele nem sabia o que era um avatar.

“Sabe quando jogamos Banco Imobiliário e você é sempre o cara de cartola? Bem, é tipo assim. Só que mais complicado. Esse na tela sou eu, olha, o elfo.”

Ele espremeu os olhos. Havia centenas de personagens espalhados pelo vasto deserto das Terras Devastadas. Mostrei qual era o meu e apresentei todos os outros membros do clã. Quase todos eram elfos noturnos bem armados. Acho que ele ficou impressionado.

“Veja bem”, expliquei, “no Banco Imobiliário, você acumula o máximo de dinheiro possível, certo? E é isso. Aqui, você precisa conseguir dinheiro. E vida. E experiência. E habilidades. E daí, pode usar tudo isso. Para uma missão.”

“Que tipo de missão?”

“Bom, há missões de tudo quanto é tipo. Algumas são perigosas e complicadas, enquanto outras são simples. Às vezes você enfrenta desafios e monstros. Às vezes, os monstros são muito fortes, e você precisa sair correndo ou pedir ajuda. Outras vezes os monstros são fracotes, e você pode enfrentar sozinho. Se você completa a missão, ganha experiência e algumas habilidades novas, talvez um pouco mais de força e dinheiro. E aí pode subir de nível...”

“Quê?”

“Então, sou um elfo de nível quarenta, mas quero ser um elfo de nível setenta. Daí, vou poder enfrentar monstros realmente poderosos. Isso se chama combate. Meu clã está tendo um agora mesmo com esse dragão.”

O dragão tinha nos emboscado, mas os Guerreiros Andarilhos defenderam seu terreno e lutaram como uma máquina em perfeito funcionamento. Logo ele morreu. Assim como dois dos meus guerreiros, mas não tinha problema, porque eu tinha poderes de cura. Ressuscitei os dois e pegamos os itens da horda do dragão.

Eu entendia isso tudo, mas é claro que, para meu pai, eu estava apenas ali parado clicando tão rapidamente no mouse que parecia que estava tocando castanholas.

“Cósmico!”, gritei. “Olha o que encontramos: o elixir dos magos. Se você usa isso antes de uma batalha, duplica seu poder cerebral.”

“Isso não é um jogo”, comentou meu pai. “É um estilo de vida.”

“Mas é bom, porque as pessoas aceitam você pelo que você é.”

“Ou seja, um elfo com poderes mágicos de cura. É isso que você realmente é, Liam?”

“Não, mas no jogo, se eu tenho experiência, força e tal, posso partir em aventuras e fazer muitas coisas. Na vida real, você pode parecer um adulto, fazer a barba como um adulto e ser da turma avançada, mas ainda assim tem que sentar em uma sala de aula cheia de gente que chama você de aberração, Wolverine e coisas do tipo.”

Meu pai concordou como se tudo aquilo fizesse sentido para ele. Viu o perfil do meu personagem para entender melhor meu avatar.

“Diz aqui que ele é mais baixinho que a média.”

“Se você é mais baixo, tem mais agilidade. Além disso, consegue chegar escondido por trás dos inimigos.”

“Um ser mágico e baixinho cheio de amigos. Bem, é um personagem legal... Boa noite”, ele disse.

Eu me ofereci para dar uma explicação sobre a história de Azeroth e da horda, e falar um pouco sobre a Aliança, mas ele disse: “Já ouvi o bastante para uma noite. Obrigado de qualquer forma. Pode voltar para sua missão. Não fique acordado até tarde, você tem aula amanhã”.

Só quando meu pai foi embora notei que ele tinha esquecido o celular na mesa. E só quando peguei o celular lembrei que meu telefone era um clone do dele. Então a mensagem com o número que ele tinha apagado do meu aparelho ainda devia estar no dele. E estava. Copiei o número no meu telefone.

Na espera

Fiz a ligação quando estava no ônibus indo para a escola no dia seguinte. Lembro-me de olhar pela janela para as pessoas que formavam fila do lado de fora do correio, as que ficavam paradas esperando para atravessar na faixa de pedestres, as que entravam e saíam do mercado. Nenhuma delas parecia ter sido especialmente selecionada. Eu ia ganhar. Então telefonei.

A mulher de voz simpática respondeu logo em seguida. “Drax Comunicações. Você quer concorrer à chance de ser o melhor pai do mundo?”

“Sim, eu quero. Quero muito. Pensei nisso a noite toda...” Falei por mais ou menos um minuto até notar que estava conversando com uma gravação.

“... se você aceita as condições desta competição, aperte asterisco.”

Apertei.

“Vamos atendê-lo assim que possível. Por favor, aguarde. Lembre-se, tudo o que você precisa é que alguém do outro lado da linha atenda a ligação.”

Música clássica começou a tocar. E ainda estava tocando quando o ônibus parou em frente ao portão da escola meia hora depois. De vez em quando, a música parava, e a mulher de voz simpática dizia: “Sua ligação é muito importante. Por favor, aguarde”. Devia ter muitas pessoas na fila. Ou talvez meu pai estivesse certo. Talvez eu não fosse tão especial.

Estava atravessando o portão da escola quando recebi a mensagem de texto: “Que bom! Temos nosso primeiro vencedor!”.

Que bom?! O que tinha de “bom” naquilo?

Nosso primeiro vencedor é Klaus, da cidade de Hamburgo, na Alemanha, e sua filha Anna. As duas grandes paixões de Anna são parques de diversões e ajudar os outros, de acordo com o pai. “Anna já passou doze horas na montanha-russa Space Mountain na EuroDisney para arrecadar dinheiro para um hospital. Ela espera patrocínio para sua ida ao Foguete, e pretende doar todo o dinheiro arrecadado para as crianças feridas em guerras ao redor do mundo. Quando seus coleguinhas de escola souberam disso, todos quiseram ajudá-la. Eles sabiam que seria difícil conseguir a ligação, então todos chegaram cedo à escola e telefonaram para o número ao mesmo tempo. Um garoto conseguiu e passou o telefone para Anna. Ela mereceu ganhar.”

Em outras palavras, ela tinha roubado.



Eu ainda estava aguardando ao telefone quando entrei. Como a entrada da escola era barulhenta, ninguém percebeu a música. Mas a primeira aula era de matemática com a professora Jewell, uma aula sempre cheia de longos momentos de silêncio. Por exemplo:

Profª Jewell: Qual é a raiz quadrada de sessenta e quatro?

Turma: *(longo silêncio)*

Profª Jewell: Alguém? Alguém?

Turma: *(mais silêncio)*

Então, naquela manhã, tentei responder todas as perguntas dela, só para manter elevado o nível de barulho, de modo que ninguém percebesse o telefone. Quando ela perguntou algo sobre calcular o volume de um cilindro, gritei: “Professora, professora...”.

“Liam, não precisa gritar ‘Professora, professora’ se ninguém mais vai responder a pergunta. Não precisa ficar desesperado para chamar minha atenção se não corre o risco de alguém responder antes.”

“Sim, senhora. De qualquer forma, é pi vezes...”

“Obrigada, Liam. Eu sei a resposta. E sei que você sabe a resposta. Queria saber se mais alguém sabe.”

“Wayne provavelmente sabe. Ele é bom em matemática, mas não tem coragem de dizer...”

“Liam, fico feliz de ouvir você falar sobre geometria, mas não precisa dar sua opinião sobre seus colegas.”

“Então, voltando ao volume do cilindro, não é...”

“Não volte coisa nenhuma, Liam. Deixe alguém tentar responder.”

“Sim, senhora.”

“Então... o volume do cilindro. Alguém? Alguém?”

Longa pausa. Mas nada de silêncio. Uma pequena orquestra soava.

A professora deu de ombros. Andou de um lado para o outro. Dava para ver que ela achava que o som vinha da sala ao lado. Ou que só tocava na cabeça dela. Finalmente, perguntou: “Alguém mais está escutando isso? Ou são anjos que vieram me buscar?”.

Gargalhei — provavelmente alto demais, e com certeza por tempo demais. Ninguém mais riu, mas todos me encararam — inclusive a professora Jewell, que olhou para mim e depois para o meu bolso. “É Holst, não?”, ela perguntou.

“Não, senhora, sou eu”, respondi, pensando quem diabos era Holst.

“Essa música foi composta por Gustav Holst. O nome é ‘Os planetas’. Não é a bobagem de sempre. Por que você está ouvindo isso?”

“Bom, professora, eu vi na televisão que se você coloca música clássica de fundo, seu cérebro cria novos caminhos para as sinapses. Você pode ficar inteligente só ouvindo música clássica. Realmente funciona, a senhora viu quantas perguntas eu respondi hoje.”

Ela começou a cantarolar junto com a música. Tirei o celular do bolso para ela ouvir melhor e perguntei: “Por que o nome é ‘Os planetas’, professora?”. Eu sabia que estava sendo falso. Mas ela era professora, ou seja, adorava perguntas.

A professora Jewell falou a aula toda sobre música, mitologia grega e o sistema solar. Em certo momento, tentou explicar qual era a distância até Netuno, e todos ficaram boquiabertos. Então ela disse: “É um lugar próximo, se compararmos às estrelas...”, e fez um cálculo enorme na lousa para mostrar a distância da estrela mais próxima em quilômetros e em anos-luz. Foi a melhor aula que já

tinha nos dado.

Mas, ao final, eu continuava na espera do telefone.

Foi quando recebi outra mensagem de texto:

Nosso segundo vencedor é Samson Two Toure de Waterloo, em Serra Leoa. Samson Two é o garoto mais inteligente do país. Recentemente, teve de fazer um trabalho de geografia sobre irrigação. Alguns dos alunos tiraram A, mas o projeto dele era tão bom que o governo o comprou. Seu pai disse: “É importante incentivar os filhos a realizar seus sonhos. Samson Two e eu nos divertimos definindo metas. Por exemplo, quando fez dez anos, ele decidiu que um dia seria presidente do nosso país. Defini para ele o objetivo de ganhar essa competição para andar no Foguete, e ele conseguiu, criando um programa de computador que passava pela espera da ligação e entrava diretamente em contato com a operadora. Apesar de não se interessar por brinquedos de parques de diversões, ele está feliz com a oportunidade que terá de estudar uma das maravilhas do mundo”.

Sinto muito, mas se você já vive em Waterloo em Serra Leoa, em vez da Waterloo próxima de Bootle, então não precisa conhecer as maravilhas do mundo. Porque você já mora em uma das maravilhas do mundo. Lá tem florestas e rios em vez de gasômetros e viadutos. É como se o Grand Canyon estivesse louco para conhecer a rachadura do teto no meu quarto.

Ainda faltavam dois vencedores. Durante a confusão no intervalo entre as aulas, recebi o seguinte anúncio:

Nosso terceiro vencedor é Max Martinet, de Lille, na França. O pai de Max acredita em disciplina. “As crianças hoje não têm limites”, ele disse. “Mas Max é diferente. Eu o obrigo a fazer exatamente o que esperam dele. Se as crianças não são boas, você deve puni-las. Se são boas, merecem ser recompensadas. Max faz o que mandam. Disse para ele ganhar essa competição, e ele ganhou.”

Todas as outras crianças tinham recebido ajuda dos pais. E o que o meu está fazendo? Dirigindo um táxi.

A aula seguinte era de estudos midiáticos com o professor Middleton, que me odeia de forma escancarada. Assistimos a um DVD sobre a história das propagandas de detergente em pó. Ninguém percebeu o barulho do meu telefone no fundo. Eu estava preocupado com o crédito, porque fazia três horas que estava esperando. Se eu sentia vontade de desistir? Não. O que me fez querer desistir foi a mensagem seguinte. Só haveria quatro vencedores, e este era o quarto:

Temos um novo vencedor: Hasan Xanadu, da Bósnia. O pai de Hasan, Edhem, disse: “A infância é um período alegre, e como podemos ser alegres sem ter as coisas que queremos? Então procuro dar a Hasan tudo o

que ele quer. Afinal de contas, estamos falando apenas de dinheiro. E eu sempre posso conseguir mais dinheiro. Por exemplo, ele adora parques de diversões e queria ser o primeiro a andar no Foguete. Então descobri o número da garota que ganhou o prêmio com aquela história de caridade. Telefonei para ela e ofereci o dobro de dinheiro que ela conseguiria com patrocinadores. Simples! Todos têm seu preço”.

Se a competição tivesse terminado, então a música pararia e as linhas seriam fechadas. Mas a música ainda estava tocando. Foi quando me dei conta de que, se ele tinha comprado o lugar da garota alemã, não era o quarto vencedor.

Era um substituto do primeiro.

Ainda restava uma chance.

A música parou e ouvi um sinal. Alguém ia atender! Coloquei o telefone no ouvido e fiquei esperando o momento de falar.

Uma mão pegou meu telefone. Era o professor Middleton.

Implorei para ele não desligar. “Estou numa fila, professor. Estou esperando desde as oito da manhã.”

“Não permitimos o uso de celular na aula, e uma regra não permite exceções. É questão de educação. Você deveria saber disso.”

“Por favor, não desligue.”

Ouvi a voz da mulher simpática falando ao telefone. Eu tinha conseguido!

Ele fechou o telefone e sorriu. “Diga, qual foi o conceito que a Omo usou para promover seu detergente em pó nos anos 1960?”, ele perguntou.

“Conceito?”

“Vou dar uma dica. Espuma. Que dura mais. Então. Você sabe? Não. Não estava me escutando, certo? O que estava ouvindo? As vozes na sua cabeça? Ou no celular? Talvez você queira contar para o resto da aula o que estavam dizendo.”

Era uma pergunta do tipo monstro de nível setenta, o tipo de pergunta da qual você precisa fugir. Em vez disso, decidi enfrentá-la. “Estudos recentes mostram que as chances de um asteroide atingir o planeta Terra nos próximos cem anos são de uma em cinco mil. Mas essa chance aumenta a cada dia que passa. Um asteroide grande o suficiente poderia causar uma extinção global completa. E, portanto, não interessa quanto tempo dura a espuma. E realmente não importa se você foi especialmente selecionado ou não”, eu disse.

Às vezes você precisa tomar um elixir dos magos antes. Às vezes, se você encarar o monstro, o elixir simplesmente aparece.

Ele me mandou para fora da sala.

Pais têm filhos

Naquela noite, finalmente tirei meu móbil do sistema solar que brilhava no escuro do teto. Ele nem era astronomicamente correto. Ainda tinha Plutão. Todo mundo sabe que Plutão não é mais um planeta. É grande demais para ser um asteroide, mas pequeno demais para ser um planeta. Não é nada.

É como alguém que é grande demais para ser uma criança e pequeno demais para ser um adulto.

Então, o telefone tocou.

Uma voz amigável disse: “Olá. Aqui é da Drax Comunicações. Você ainda quer ser o melhor pai do mundo?”. Dessa vez esperei até que a voz começasse a dizer as opções. Mas ela não disse. Escutei uma pausa e então a voz amigável disse: “Alô? Senhor Digby?”.

“Ah. Quê? Sim. Sim, sou eu. Quem é?”

“Aqui é a doutora Dinah Drax. Ficamos esperando sua ligação.”

“Vocês ficaram esperando minha ligação?”

“Sim.”

“Mas tentei ligar de manhã e fiquei uma década aguardando. Achei que devia ter um milhão de pessoas na fila.”

“Eu disse que tinha sido especialmente escolhido. Você não acreditou?”

“Sim. Mas... o lance de esperar na linha demorou demais.”

“Eu realmente queria mostrar aquela música para você.”

“Ah. Poxa... obrigado. Eu gostei bastante dela.”

“Era para descobrir se você tinha paciência, uma virtude essencial para a viagem.”

“Ah, eu sou bem paciente. Sério. Posso ficar sentado por horas.”

“Bom saber. Certo, senhor Digby, você está dentro.”

“Isso é completamente cósmico.”

“Um carro vai buscar o senhor em seu endereço às oito da manhã de terça-feira.”

“Doutora Drax... esse Foguete... que espécie de brinquedo é? É tipo um bungee-jump? Ou uma montanha-russa? Ou...”

“Espere para ver. É uma maneira de exercitar sua paciência. Agora, fale um pouco sobre o filho ou a filha que vai levar...”

Tinha me esquecido completamente de que os pais têm filhos.

“Espero que seja uma menina. Temos poucas meninas.”

“Ah. É uma garota, então. Isso aí. O que você quiser.”

“E qual é o nome dela?”

“De quem?”

“Da sua filha, senhor Digby.”

“Minha filha?” Hora de enfrentar o monstro. Dei o nome da única filha que já tivera: “É Florida. O nome dela é Florida”.

Se o centro da cidade de Liverpool era uma área de nível dois, um local secreto na China devia ser no mínimo nível cinquenta. Daquela vez, eu não cometeria o mesmo equívoco. Ia desenvolver minhas habilidades antes de subir de nível. Em *World of Warcraft*, você pode ter habilidades de combate, de coleta de recursos ou de comércio. Você também pode desenvolver habilidades de mineração, mas elas são meio idiotas e você precisa comprar uma picareta.

Se eu ia partir em uma aventura disfarçado de pai da Florida, precisaria de habilidades paternas.

Olhei todos os livros que estavam na mesinha de cabeceira do meu pai. A maioria deles era só tabelas de cores de tintas de secagem rápida e pouco odor para banheiros, com nomes loucos como Brilho da Antártida. Mas havia um livro chamado *Converse com seu filho adolescente*, que era sobre como convencer seu filho ou sua filha adolescente a falar com você.

I.

Na.

Cre.

Di.

Tá.

Vel.

Era como encontrar uma lista de códigos e dicas para o *Orbiter IV*. Mas não era para o *Orbiter IV*. Era para a minha vida.

Seu filho adolescente às vezes parece para baixo e sem vontade de se comunicar? O momento certo para a conversa acontecer naturalmente é a refeição. Para criar as melhores condições possíveis para isso, você deve desligar a televisão e servir pratos que são demorados de comer. Isso mantém todos na mesa por mais tempo. Uma pizza pode ser devorada em minutos, enquanto um prato de espaguete pode manter um adolescente esfomeado na mesa por cerca de meia hora.

Em outras palavras, refeições são armadilhas. Mas que pessoa sã cairia em uma armadilha de espaguete?

Também dizia:

É muito importante demonstrar interesse pelo mundo deles. Pergunte sobre os amigos, as músicas, os livros e os jogos de computador.

Então, ele nunca esteve interessado de verdade na história de Azeroth ou nas armas dos Guerreiros Andarilhos! Ele só queria que eu falasse.

Eu devia ter percebido antes. Quando monitorei as conversas do meu pai por vários e vários dias, descobri que todas podiam ser encaixadas em um desses cinco tópicos:

1. Como chegamos aqui.

2. Como foi para estacionar.
3. Como eram as coisas antigamente.
4. Qualquer coisa que gere uma reflexão.
5. Qualquer coisa relacionada ao jogo de futebol da noite anterior.

Por exemplo, no sábado de manhã, fomos ao shopping procurar pegadores para o armário novo da cozinha. Não encontramos nenhum (mas compramos um suporte para cacto divertido no formato de um jumento). Isso foi o que meu pai disse:

1. A estrada principal estava tão lotada que teríamos chegado mais rápido a pé.
2. Duas libras para estacionar por duas horas! E meia hora tentando encontrar uma vaga!
3. Antigamente, se uma loja não tinha os pegadores adequados para seu armário, você voltava para casa de mãos vazias. Hoje em dia, com os shoppings, se eles não têm pegadores, você acaba comprando um suporte para cacto. Isso faz você pensar...
4. ... se somos realmente mais felizes hoje em dia do que éramos antigamente. Somos mais felizes porque compramos um suporte para cacto? A gente nem tem um cacto.
5. Não adianta marcar muitos gols se você leva muitos gols. Precisamos de um bom jogador no meio de campo.

Esses cinco tópicos se aplicam a tudo. Por exemplo, se meu pai algum dia visitasse Azeroth, ele diria:

1. Tomamos o Trem das Profundezas até Stormwind, no distrito dos anões.
2. O trem era gratuito e muito confiável, você nem precisa se preocupar com estacionamento. Por outro lado, fomos atacados por mortos-vivos e muitos de nós morreram. Ainda bem que um dos meus companheiros de clã tinha poderes de cura.
3. Não existia um lugar como Azeroth quando eu era pequeno. Se eu quisesse jogar um jogo de fantasia, teria que usar pedaços de madeira como espadas e cavalgar por aí num cavalo imaginário. E pedaços de madeira podem machucar.
4. Parecíamos idiotas, mas respirávamos bastante ar puro.
5. O dinheiro arruinou o futebol. Os jogadores passam mais tempo fazendo propaganda de produtos para o cabelo do que treinando.

Senti que tinha dominado o nível um da paternidade. Agora precisava arranjar uma filha.

Você vai achar legal quando chegar lá

A primeira pessoa em quem pensei para ser minha filha foi Florida. Afinal de contas, ela já tinha muita experiência em fingir-ser-filha-de-Liam e tinha reunido muitas habilidades em fingir-ser-filha-de-Liam.

Por outro lado, sua principal experiência em fingir-ser-filha-de-Liam envolvia a minha pessoa quase colocando sua vida em risco durante o incidente com o Porsche. Então eu imaginei que precisaria convencê-la a voltar atrás.

Quando tentei falar com ela na escola, Florida me ignorou por completo (mas, pensando bem, ela sempre fazia isso na escola) ou silvou como se fosse uma cobra furiosa. Quando tentei telefonar para ela, descobri que ligações do meu número tinham sido bloqueadas. Quando tentei mandar um e-mail ou falar por MSN, as mensagens retornavam. Tentei ficar sentado no shopping perto da fonte. Ela nunca apareceu. Eu a vi uma vez, mas ela me viu antes e se escondeu na Torre da Pizza.

Tudo bem. Se você precisa de equipamentos novos para uma missão, tem que batalhar por eles. É preciso procurar ouro, ou fazer bobagens como lutar contra trolls e roubar seus itens só para marcar pontos. Você repete tudo isso até conseguir o que precisa.

Florida não podia me evitar no Pequenas Estrelas. Naquele sábado, Lisa pediu à turma para formar duplas mistas e interpretar o papel de pai e filha. Florida tentou fugir de mim, mas cheguei por trás dela e disse: “Você pode ser Bryce Dallas Howard, estrela de *Homem-Aranha 3*. E eu seria seu pai, Ron Howard, diretor de *Apollo 13* e *O código Da Vinci*”.

“Quem ela era no *Homem-Aranha 3*?”

“A garota na aula de mecânica quântica do doutor Connor que se apaixona por Peter Park. Ele salva a vida dela de um guindaste em queda. Isso é o que acontece no filme. No original, ela estuda na mesma escola que Peter Parker, é a primeira paixão dele, e morre quando o Duende Verde a joga da ponte. Mas isso só acontece nos gibis.”

“Eu lembro. Ela era loira. O pai dela é famoso também?”

Ela não conhecia muitos pais e filhas celebridades, então não podia perder essa.

Lisa continuava falando: “E o pai comprou um presentinho para a filha. Vocês que vão decidir o que é essa surpresa. A filha realmente adora. Quero ver vocês interpretando alegria, surpresa e duas pessoas que realmente conhecem um ao outro. Quanto aos garotos, quero que atuem como alguém mais velho, mas não exagerem. Nada de interpretar um idoso. Não é preciso ser *velho* para ser pai”.

Assim que começamos a trabalhar nisso, Florida disse: “Tá bom. Então você é meu pai, diretor famoso, e a surpresa vai ser um papel no seu novo filme”.

“Eu sou o pai. Eu que decido qual é o presente.”

Logo de cara ela ficou desconfiada. “O que é, então?”

“Você vai ver.”

Quando chegou a nossa vez, foi assim:

Florida: Oi, pai, como foi no set de filmagem hoje?
Eu: Bem legal, Bryce. Tenho um presente para você.
Florida: Ah, pai, não precisava! Espere, eu sei o que é: um papel no seu novo filme!
Eu: Não.
Florida: Mas você disse...
Eu: Bom, mas não é isso. É melhor.
Florida: Lembre que eu já ganhei muita grana atuando em *Homem-Aranha 3*, então tenho praticamente tudo o que uma garota pode querer.
Eu: É uma viagem para um parque de diversões. Só nós dois.
(Florida parece intrigada)
Eu: É um parque de diversões novíssimo. Uma das atrações é o melhor brinquedo do mundo, e nós ganhamos um convite para andar nele. *(começo a sussurrar)* Tô falando sério. Eu ganhei uma competição.

Pausa extremamente longa. Depois de um tempo, Lisa perguntou: “É isso?”.

Florida (deixa de parecer intrigada e demonstra irritação): Pai, não posso ir.
Eu: Pode, sim. Vai ser ótimo. É uma chance única na vida. Faça as malas e venha comigo. Não perca essa oportunidade.
Florida: Tenho muitas atuações para fazer. Tantas obrigações. Não posso ir. Você sabe disso.
Eu: Mas essa é uma experiência única de vida. É o primeiro dia do parque de diversões. Você vai ser a primeira pessoa a andar nas atrações! SÉRIO!
Florida: Não.
Eu: Você vai achar legal quando chegar lá.
Florida: Não vou, não.
Eu: Vai sim. Só eu e você, juntos, pai e filha, como nos bons tempos.
Florida: Juntos?
Eu: Sim. Eu e você, pai e filha. Que tal? Nunca mais passamos um tempo juntos, porque você está sempre atuando e eu estou sempre dirigindo filmes.
Florida: Bem, você deveria ter dito antes. Não posso ir agora.
Eu: Por que não?

Outra longa pausa. Lisa incentivou: “Vamos, Florida, revele o motivo”.

Florida: Porque eu não quero. Já disse. Você não consegue aceitar isso, seu cabeça-dura?

Eu: Só estou tentando dar algo legal a você. Pensei que fosse adorar viajar com seu pai.

Florida: Não, na verdade não quero. Estou ocupada demais com outras coisas.

Lisa achou que o drama parecia muito real e comovente. “Me senti supermal pelo pai. Dava para ver que ele queria passar mais tempo com a filha, mas ela estava ocupada demais para dar atenção a ele. Liam, você pareceu tão... paterno. Parecia um pai de verdade. Aliás, lembrou meu pai. Ele sempre me dizia que eu ia gostar quando chegasse lá e... me desculpem.” Ela parou de falar porque estava chorando. No final, deu uma grande fungada, olhou para Florida e comentou: “E Florida, você também estava ótima. Você foi... ah!”. E saiu correndo da sala.

Enquanto Lisa estava longe, tentei rapidamente convencer Florida a viajar. “Seremos os primeiros no parque. Entrada exclusiva. Sem filas. Comida de graça.”

“E por que convidaram você?”

“É um prêmio. Fui especialmente escolhido.”

“E por que você quer que eu vá?”

“Bom, o prêmio é para pai e filho.”

“E então?” Por um segundo, ela pareceu não entender. Então a ficha caiu. “Ah! Não, não, não, não...”

“Por que não? A gente fazia isso o tempo todo.”

“Exatamente. A gente fazia isso o tempo todo; e daí quase sofremos um acidente de carro.”

“Nem chegamos perto de sofrer um acidente de carro. Só nos sentamos num carro e meu pai apareceu.”

“E se seu pai não tivesse aparecido? Não, não, não, não, não. Não.”

Ela ainda repetia a palavra “não” quando corríamos pelo shopping, depois da aula.

“Ei, não quer ir olhar as revistas como a gente fazia?”, eu disse.

“Não. Preciso pegar meu irmão mais novo na babá.”

“Não sabia que você tinha um irmão mais novo.”

“Tem muita coisa que você não sabe.”

O irmão da Florida tinha três anos de idade, cabelo encaracolado e vestia um casaquinho com o capuz bem amarrado ao redor da cabeça quando fomos buscá-lo na babá. Ele carregava um pedaço de pau.

“Agora ele é um cavaleiro”, explicou Florida. “O capuz é o elmo. O pedaço de pau é a espada. Se disser que é um dragão, ele vai querer matar você.” O garotinho segurou minha mão.

“Qual é o seu nome?”, perguntei.

“Orlando.”

“Minha mãe e meu pai foram para lá em lua de mel. Orlando, nos Estados Unidos. É onde fica a Disney. E o Sea World. E o Magic Kingdom.”

“O lugar para o qual ganhei ingressos é melhor que todos esses.”

“Como você sabe?”

“Porque tem uma atração chamada Foguete. É a melhor de toda a história.”

“Por que você não pede para seu pai ir com você?”

“Porque ele não quer. Enfim, *eu* sou o pai. Esse é o negócio.”

“Liam, escute, sei que você parece mais velho do que é, mas ninguém vai acreditar que é meu pai. Só sou três meses mais nova que você! E você não se comporta como um pai. Pais não roubam carros esportivos.”

“Eu não roubei. Só entrei em um. Enfim, andei estudando.”

“Liam, do que você tá falando?”

“Tenho aprendido habilidades paternas. Fiz um estudo científico sobre meu pai. Copiei todas as músicas do iPod dele para o meu telefone. Olhe. Oasis, Oasis, Oasis e Oasis. Aprendi todas as letras das músicas. Consigo cantar como um pai. Escute.”

“O quê?”

“Também monitorei as conversas e o estilo de vida dele. Então consigo falar como um pai. Quer ouvir?”

“Eu já sei como um pai fala. Eles dizem: ‘Que horas você chega em casa? Não se atrase. Vou buscá-la’.”

Ela se virou para mim. “Meu pai é mais participativo. Ele cuida de mim. Se eu fosse para um parque de diversões, ele perceberia.”

Foi quando intervi: “Ah, mas já pensei nisso. Escrevi duas cartas...”. Tirei os papéis da minha pasta do Pequenas Estrelas para mostrar a Florida. “Uma é da sua mãe para a escola, dizendo que você teve que tirar o apêndice. A outra, que foi impressa em um papel timbrado da escola, é da secretaria, informando que você foi especialmente escolhida para uma viagem da turma avançada até a região dos lagos.”

Viramos a esquina e fomos até o final da rua. Uns caras jogavam futebol, e Ibiza estava sentada no muro. Essa devia ser a casa de Florida. Eu ainda não a tinha convencido.

Ela estava abrindo a porta e deixando Orlando e Ibiza entrarem. Perguntei se o pai dela estava em casa. Mas não. “Ele está ocupado”, Florida respondeu. “Os pais de verdade trabalham, sabe?” Ela fechou a porta na minha cara.

Para ser sincero, estava sendo mais difícil do que eu imaginava. Resolvi tentar uma última coisa. Empurrei a carta da escola pela caixa de correio e gritei: “Leia! É genial”.

Como os senhores devem estar cientes, a Escola Waterloo possui uma parceria de longa data com o Centro de Atividades da Região dos Lagos, próximo a Kendal. Surgiu a possibilidade de que alguns alunos especialmente selecionados do sexto ano frequentem um curso da turma avançada naquele Centro. As atividades incluem: passeio de caiaque, rapel, caminhadas, mergulhos no lago, construção de muros e estudo da natureza. Sua filha foi uma das poucas escolhidas para este programa, que será completamente financiado pela Secretaria da Educação. O curso é gratuito. Insistimos para que os senhores permitam que ela se beneficie dessa experiência única. Por favor, preenchem e assinem o formulário abaixo.

Após alguns minutos, Florida abriu a porta outra vez. Achei que ela tinha ficado impressionada.

“Tudo isso só para andar em um brinquedo?”, ela disse.

“Bom, tem mais de um brinquedo. E o parque não fica em Bootle, sabe. Você precisa chegar lá. O transporte é por conta deles. Acho que vão mandar uma limusine.”

“Uma limusine? De verdade?”

Agora ela estava interessada.

“Sim. Uma limusine. Como se você fosse uma celebridade.”

“E onde fica esse parque de diversões?”

Respondi: “Bom, você sabe. Mais para o sul. Você precisa de passaporte e tudo mais. Você tem passaporte, não?”

Aguardei. Enfim, ela disse: “Vou pensar no assunto”.

Acho que foi uma boa estratégia dizer que ficava ao sul, e não especificar em que parte do sul.

Não mencionei que era muito ao sul e com certeza não falei que era *bastante* ao leste. Na China.

Olá, vencedores

Não adianta falar como um pai — você também precisa se vestir como um. Então, na segunda-feira, dei uma olhada no guarda-roupa do meu. Ele usa o mesmo jeans todos os dias, exceto aos domingos, apesar de ter quatro calças. Uma ficou muito justa na cintura. Outra era de quando ele estava tentando se vestir com roupas mais coloridas, então tinha uma tonalidade amarela estranha. Seria uma boa escolha para um camaleão querendo se esconder em uma travessa de pavê. Eu sabia que meu pai não sentiria falta daquela calça, então a levei, junto com *Converse com seu filho adolescente*, e coloquei tudo na mochila especial à prova d'água para atividades externas que minha mãe comprou, achando que eu ia para a região dos lagos.

Às 7h20 de terça, mandei um sms para Florida: “A limusine chegou”. Dez minutos depois, ela batia à minha porta.

“Cadê a limusine?”, ela perguntou. “Sabia que você tinha inventado essa história.”

“Oi, Florida”, cumprimentou meu pai. “Você também vai nessa viagem?”

“Sim, senhor Digby.”

“Estou fazendo bacon”, ele disse. “Quer um pedaço enquanto o ônibus não chega?”

“Ônibus?”, perguntou Florida, olhando para mim. Assim que ela se virou em minha direção, o transporte chegou, dobrando a esquina como um elegante tubarão. Era uma limusine preta.

“Nossa!”, exclamou meu pai. “As viagens escolares mudaram muito desde a minha época.”

“Não é uma viagem escolar qualquer”, comentou minha mãe. “É para os alunos da turma avançada. Você não leu a carta?”

“Sim, mas... eu não sabia que ele era tão avançado assim. Nem Florida.”

Florida grunhiu. Minha mãe retrucou: “É claro que ela é! Você não lembra? Ela interpretou Sophie em *O bom gigante amigo*. Decorou todas as falas. Que cheiro é esse?”

“Ah”, disse meu pai. “O bacon.” E saiu correndo até a cozinha.

Um homem saiu da limusine e abriu a porta de trás. Todo mundo da rua olhava da porta ou espiava pela cortina.

Florida disse: “Vamos lá”.

Respondi: “Isso aí”. Dei um beijo em minha mãe e gritei “tchau” para meu pai. Entramos na parte de trás da limusine. Olhei para fora por um segundo — minha mãe e meu pai na entrada, fumaça de bacon saindo pela porta e o alarme de fumaça disparando.

Minha mãe gritou: “Cuide dele, Florida”.

E eu respondi: “Até mais”. Não imaginei que talvez nunca mais fosse vê-los. Penso nisso desde então.

Não era uma daquelas limusines bem longas de festa de gala. Era um Audi Quattro preto e bonito. O carro tinha um GPS bastante educado. O GPS do meu pai só dizia: “Esquerda... direita... pare...” e tinha a

voz de um patrulheiro alienígena que estava roubando seu carro. Aquele tinha a voz de uma garota doce, e pedia “por favor” e agradecia.

O motorista tinha um quepe especial e um uniforme cinza. O nome dele era Barney. Havia duas sacolas grandes de papelão no banco de trás. “Presentinhos e mimos”, explicou Barney. “Como no Oscar.”

Se “limusine” tinha um efeito mágico em Florida, imagine o que a palavra “Oscar” causou. Aparentemente, quando as celebridades vão à cerimônia do Oscar ou algo do tipo, elas ganham uma cesta cheia de produtos legais. Hoje, como Florida rapidamente apontou, as celebridades éramos nós.

Ela se recostou no assento e olhou para as ruas que deixávamos para trás. “Eu me pergunto”, ela disse, “o que as pessoas comuns estão fazendo hoje.” E começou a fuçar sua sacola de presentinhos. Encontrou um novo telefone de quarta geração da Drax Comunicações, um relógio Draxcom, óculos escuros Draxcom, uma camiseta da Draxcom, uma caixa de chocolates com o logotipo da Draxcom na frente e um pequeno *Gamemaiden* rosa — que é uma versão para meninas do Game Boy feito pela Draxcom.

Peguei o telefone na minha sacola. Era cósmico. Tinha o DraxWorld nele, e o Draxcall — que permite que você use vídeos como toque de celular. Florida fez um toque de uma multidão em um estúdio batendo palmas e chamando o nome dela, como se fosse convidada de um programa de auditório.

O resto da sacola dos adultos era diferente. Em vez de chocolate e coisas do tipo, peguei um voucher para uma empresa de aluguel de carros, um livreto sobre campos de golfe e uma coisa que parecia um cartão de crédito azul que ajudava a controlar o estresse.

O meu dizia RELAXADO.

O GPS disse: “Enquanto atravessamos o viaduto, vamos aproveitar para ouvir uma mensagem da doutora Drax, sua anfitriã”.

Olá, vencedores. Mal posso esperar para conhecê-los no Q.G. secreto e espero que estejam fazendo uma boa viagem. Organizei essa competição para os pais, pois acredito que eles têm muito o que dar. Meu pai, por exemplo, me deu a empresa Drax Comunicações. No meu aniversário de doze anos. Até logo. Vejo vocês no local secreto muito em breve.

Embora Florida conhecesse o nome de todas as pessoas que já tinham aparecido em um reality show, ela nunca tinha ouvido falar em Dinah Drax.

“Como você nunca ouviu falar de Dinah Drax? Você tem DraxWorld no seu telefone.”

“Eu não sabia que Drax era uma pessoa. Pensei que fosse apenas uma palavra, como *telefone* ou *mercedes*.”

“Mercedes é uma pessoa. É a filha do homem que criou a empresa.”

“Nunca ouvi falar dela. Não é uma celebridade, é? Senão, apareceria nas revistas.”

“Muitas pessoas são famosas e não aparecem nas suas revistas.”

“Tipo quem?”

Fiz uma lista. Era incrível o número de pessoas famosas de quem Florida nunca tinha ouvido falar.

Por exemplo, Rob Pardo, Jeff Kaplan e Tom Chilton — ela nunca tinha lido o nome deles, embora fossem os responsáveis pela criação de *World of Warcraft*, ou seja, tenham revolucionado o mundo dos jogos on-line! Tolkien — o autor cósmico de *O senhor dos anéis*? Não. Ela confundiu Buzz Aldrin — o segundo homem a pisar na Lua — com Buzz Lightyear — de *Toy Story*. Reconheceu o sobrenome de Hitler, mas achava que o primeiro nome dele era Heil.

Barney deu uma pequena gargalhada quando ouviu isso.

Florida retorquiu: “Desculpe, mas do que o senhor está rind...”. Mas ela não terminou a frase. Só disse “Uau!”.

Estávamos andando no campo, e bem ali, na grama, onde a gente espera ver uma vaca, estava um grande avião vermelho.

“É um Learjet”, disse Florida, “igual ao que o John Travolta pilota.”

Barney sorriu. “Você pode não saber muito sobre líderes mundiais do século vinte, mas com certeza está atualizada sobre os meios de transporte das celebridades.”

“De quem é o avião?”, perguntou Florida.

“Hoje”, respondeu Barney, “ele é de vocês.”

Pensei que um avião faria Florida desconfiar da localização do parque. Mas ela estava tão emocionada com todo o glamour da história que se esqueceu de perguntar aonde o avião a levaria. Antes mesmo de o carro parar, ela já estava na escadinha de entrada do avião. Agradei ao motorista e tentei parecer o máximo possível com um pai. Peguei um jornal na lateral do assento, coloquei-o debaixo do braço e ajeitei meu cabelo para frente. Eu me *sentia* mais velho, disso tinha certeza.

Quando me aproximei de Florida, ela abriu os braços e sorriu. Não consegui entender o que achava que estava fazendo, mas então ela sibilou: “Fotos. Tire fotos. Com o celular. É o que os pais fazem”.

“Não o meu.”

“Bom, mas o meu tira. Ele é meu paparazzi pessoal.”

“Paparazzo. Paparazzi é quando tem mais de um.”

“E ele não corrige tudo o que eu falo.”

Competitividade paterna

Uma mulher pequena e bonita esperava na entrada do avião. Ela tinha dentes perfeitamente brancos e seu cabelo era liso e preto como o de um Playmobil. A mulher deu a mão a Florida e disse: “Florida Digby! Prazer em conhecê-la! Como se sente tendo um dos quatro melhores pais do mundo?”.

“Quem é você?”, perguntou Florida.

“Eu”, disse a mulher, “sou Dinah Drax.”

A dra. Drax! Em pessoa! Quando chegou minha vez de cumprimentá-la, fiquei tão empolgado que me esqueci de soltar a mão dela. A dra. Drax deve ter achado que eu queria levar um de seus dedos como souvenir. Tentei pensar em algo inteligente para dizer, mas só consegui pronunciar: “Adoro seus telefones”.

“Muitas pessoas adoram, sabe. Ainda bem.”

“Ele sempre fala de você”, disse Florida.

“De forma elogiosa, espero.”

“Não sei. Nunca presto atenção. *Amei* o avião.”

O avião era impressionante, preciso admitir. Não tinha fileiras de assentos como um avião normal. Tinha sofás, poltronas e mesinhas. Havia três crianças jogando Galaxy Trader em uma tela enorme. E três pais ao fundo, nos sofás.

“Acho que Florida pode ir brincar com as outras crianças, enquanto eu o apresento aos outros pais.”

“Certo.”

“Você já pode soltar minha mão, senhor Digby.”

“Desculpe.”

Eu não sabia, até aquele momento, que Dinah Drax era chinesa. Drax não é seu sobrenome de verdade. Seu sobrenome real significa algo como “Venceu as Adversidades da Vida”, mas ela mudou para Drax porque “Venceu as Adversidades da Vida” não cabe na lateral de um telefone.

A dra. Drax me levou ao fundo do avião, onde os pais estavam sentados. Um deles era magro e carregava um livro volumoso sobre números primos. Eu pensava que sabia tudo sobre números primos, por causa da turma avançada e tal. Mas tudo o que sabia sobre eles cabia em uma página. Esse livro tinha pelo menos mil páginas, e o homem estava quase terminando de lê-lo. Então ele era aproximadamente mil vezes mais inteligente do que eu. Ele tirou os olhos do livro e sorriu.

“Sou o pai de Samson Two”, disse, e apontou para Samson Two, que estava sentado ao lado de Florida, lendo um livro grosso também.

“Sou Liam”, eu disse, e, antes que eu pudesse perguntar qual era o motivo de Samson Two ter um nome estranho daqueles, ele explicou: “E meu nome é Samson One. Sou de Waterloo”.

“Também sou de Waterloo”, respondi, “mas não da que é próxima a uma floresta; da que tem um viaduto.”

Ele voltou a ler.

O outro pai era careca e vestia um belo terno azul. Ele me deu um cartão com seu nome e telefone e apontou para um garoto que estava circulando os videogames. “Aquele garoto adorável”, ele comentou, “é meu filho, Hasan Xanadu. Meu nome é Edhem, mas você pode me chamar de Eddie.”

Um homem de cabelo bem curto e torso largo sacudiu a cabeça na minha direção e se apresentou: “Martinet, à sua disposição”. Ele apertou minha mão com tanta força que eu não sabia se estava me cumprimentando ou tentando iniciar uma queda de braço. “Sou o pai de Max. Max! Dê oi para este senhor!”

Do outro lado do avião, um menino com um corte de cabelo idêntico ao do sr. Martinet se levantou e fez o mesmo cumprimento com a cabeça. “Max é diminutivo de Maximum”, explicou o pai, “e é isso que Maximum é. Ele é o Maximum Martinet.”

“Meu nome é Liam Digby”, eu disse. “Pode me chamar de Liam.”

Ele disse: “Por favor, me chame de *monsieur* Martinet”.

“Tá bom. Sou o pai de Florida.”

Foi a primeira vez que disse aquilo em voz alta. Pude sentir todos me olhando. *A qualquer instante, pensei, um deles vai me denunciar. “Não, você não é o pai dela. Você tem doze anos.”* Então, disse o que me pareceu mais convincente na hora para imitar um pai. Perguntei: “Alguém assistiu ao jogo ontem?”. Todos responderam ao mesmo tempo.

“Precisam comprar um zagueiro melhor”, comentou Eddie Xanadu.

“A defesa não tem disciplina”, disse Por-Favor-Me-Chame-de-*Monsieur*-Martinet.

“As leis da probabilidade afirmam que você não pode ganhar a Liga dos Campeões só fazendo gols. É igualmente importante não tomar gols”, disse Samson One.

Que fácil. Eu nem tinha assistido ao jogo!

Eu nem sabia que *tinha passado* um jogo!

Devia ter um talento natural para ser adulto.

“Bem”, disse a dra. Drax, sorrindo, “tenho que voar! É uma piada, aliás. Porque eu mesma piloto o avião. Acho que é a melhor maneira de manter o lugar aonde iremos em segredo. Não sou muito boa, mas tenho certeza de que vou pegar o jeito no caminho.”

Todos olharam para ela.

“Mais uma piada!” Ela gargalhou. “Peguei vocês! Na verdade, meu pai me deu a primeira aula de voo quando eu ainda tinha idade para sentar no joelho dele. Sou ótima pilotando.”

E lá se foi ela para a cabine. Não sei se é normal entre os pilotos fazer piada, mas, se for, não sei se é uma boa ideia. Segurei com força os braços do assento, fechei os olhos e tentei pensar no avião como apenas outro brinquedo de um parque de diversões.

Em comparação com outros brinquedos, a viagem à China foi um tanto longa — doze horas, acho. E, depois que você se acostuma com o fato de que está a trinta mil pés de altura, não é lá muito emocionante. Mas a vista era cósmica — quilômetros e quilômetros de nuvens, como um país feito de chantili. Lembro-me de observar a sombra do avião se movendo pelo branco como se fosse um cachorrinho correndo pela neve.

Eddie Xanadu estava sentado ao meu lado. “Avião legal, não?”, ele comentou.

“O melhor em que já andei.”

“Meu filho Hasan tem o sonho de comprar um avião como esse. E ele vai realizá-lo. Hasan se dá muito bem com dinheiro, desde quando ele era bem pequeno, na primeira escolinha. No meu país, as coisas estão sempre mudando, por causa das guerras e tudo mais. Uma vez, o uniforme escolar mudou. Antes você usava uma camisa branca, depois tinha que vestir uma azul. Todos foram então às lojas em busca de camisas azuis. Mas elas tinham acabado. No dia seguinte, Hasan apareceu na escola e abriu sua mochila. Havia uma porção de camisas azuis nela! Ele tinha comprado todas! Todos os alunos tiveram que comprar uma camisa dele. Hasan cobrou um pouco mais que as lojas. E, assim, ganhou dinheiro. Quando fez doze anos, já tinha juntado dinheiro suficiente para comprar uma casa. Hoje ele a aluga. Você também é bom com dinheiro, senhor Digby?”

Percebi que não estava carregando nenhum dinheiro comigo. “Não. Não desse jeito. Nem pensar”, respondi.

“Hasan é um gênio com dinheiro.”

“Com licença”, disse Samson One. “Não pude deixar de ouvir a conversa. Seu filho é mesmo um gênio?”

“Mais do que um gênio. Quando se trata de dinheiro, ele é um mago.”

“Ah. Com dinheiro”, comentou Samson One, balançando a cabeça decepcionado. “Samson Two é oficialmente um gênio. Ele fez um projeto de irrigação tão bom que o governo o comprou.”

“E quanto eles pagaram?”, perguntou Eddie.

“Cinquenta mil dólares.”

“Meu Hasan teria conseguido o dobro.”

Monsieur Martinet entrou na conversa. “Dinheiro é uma distração terrível. Meu Max é muito focado para se preocupar com isso.”

“E ele é focado no quê?”, perguntei, apenas para ser educado.

“No sucesso.”

“Ah. Certo.”

“Você também se interessa por sucesso, senhor Digby? Escrevi um best-seller sobre o assunto. Acho que todos podem se tornar vencedores. Só é preciso um pouco de disciplina.”

Meu clã de *World of Warcraft*, certa vez, conquistou todo um território. Íamos até mudar o nome do lugar. Mas, então, ele foi completamente destruído por uma horda de dragões. Respondi: “Tenho interesse, mas não é, sabe, minha maior preocupação”.

“E quanto a Florida? Qual é a especialidade dela? Ela é uma maga das finanças? Uma líder por natureza? Um gênio?”

“Vocês estão de brincadeira”, eu disse gargalhando.

Todos pareciam um tanto perplexos com minha resposta. Depois de um tempo, Samson One perguntou: “Por que isso seria engraçado?”

“Ela só pensa em celebridades e fazer compras. O sonho dela é ficar famosa.”

“Que estranho”, comentou *monsieur* Martinet.

“Nem tanto. Os amigos dela são assim também.”

“Quero dizer que é estranho um homem falar da própria filha desse jeito.”

“Ah”, eu disse. “Bom... você sabe...”

Descobri que ser pai é um esporte competitivo. Você precisa achar que seu filho é o melhor de todos. Você até mesmo deve tentar convencer os outros de que seu filho é o melhor de todos. Você tem que se orgulhar dele.

Tirei *Converse com seu filho adolescente* da minha mochila à prova d'água, mas pensei que os outros pais pudessem suspeitar de algo se me vissem usando um manual de instruções, então levei o livro para o banheiro. (Ler no banheiro é uma atitude totalmente paterna.) Tudo gira em torno de escutar seu filho, aparentemente. Se você não lhe der ouvidos, ele pode ficar introvertido e deprimido. Quanto mais você o escutar, mais o entenderá e mais se orgulhará dele. E, se você se orgulha dele, ele se orgulha de si mesmo. Depois, tentei escutar Florida — ela estava lá do outro lado do avião, falando sobre Daytona, Paris, Britney ou alguém do tipo:

“Olha só, a mãe dela tinha obesidade crônica. Você sabe o que é isso?”

“Ela foi gorda por muito tempo?”

“E é por isso que ela tem todos esses problemas alimentares, porque não quer ser como a mãe...” Etc.

Não pareceu ajudar. Na verdade, concluí que talvez fosse melhor se ela ficasse um pouco mais introvertida e para baixo.



Então, aterrissamos. E as portas se abriram. Estava escuro do lado de fora, mas o avião logo se encheu com o cheiro de areia.

Florida perguntou: “Estamos na praia?”

Respondi: “Não, não estamos”.

“A gente está no deserto”, disse Samson Two. “Considerando a velocidade do voo e a direção, eu diria que é o deserto de Gobi. Também conhecido como Han-Hai, ou Mar Seco.”

Florida disse: “Eu não sabia que tinha um deserto na Inglaterra”.

“Inglaterra?” Samson Two gargalhou. “A gente não está na Inglaterra. Aqui é a China.”

Florida se virou para mim. “CHINA! *Meudeusdocéuquefoiquevocêfez?* CHINA! Como a gente pode estar na Chinaseuidiota? Eu sabia. Sabia. Sabia que você ia aprontar uma dessas. Bem, pode me levar para casa agora!”

“Casa?”, perguntei. “O que você quer que eu faça? Chame um táxi? Leve você nas costas? Sabe a que distância estamos de casa?”

“Eu sei que estamos na Chinaseuidiota.”

Chinaseuidiota estava se transformando em um país à parte.

Todos olhavam para ela.

“Ah, querida”, suspirou a dra. Drax. “Nós, garotas, somos muito complicadas. Seu pai vai resolver isso. Imagino que ele saiba como cuidar da própria filha.”

Eu não tinha ideia do que a tinha feito pensar que eu sabia uma coisa dessas. Florida me chutava e berrava: “Você disse que a gente ia a um parque de diversões!”.

“Nós vamos. É aqui.”

“Fica no deserto. E não é nem um deserto comum. É um deserto chinês. Na China. Você disse que era ao sul.”

“E é ao sul.”

“Pensei que você estava falando de Londres.”

“Mas nós ficamos horas no avião. Se você fica horas e horas em um avião, é óbvio que está indo para um lugar mais longe que Londres.”

“Eu pensei que era um avião lento.”

Um avião lento.

Não tenha medo dos ataques de fúria. Muitas vezes, os adolescentes precisam contar algo a você, mas têm dificuldade em verbalizar isso. A raiva os ajuda. Pense nela como uma espécie de Fedex emocional — algo que você usa quando o correio comum não é rápido o bastante.

Em Converse com seu filho adolescente

Converse com seu filho adolescente não tem um capítulo com um título tão específico como “Quando sua filha chuta você em público”. Na verdade, quando se trata de Florida, *World of Warcraft* parece mais útil. Você só precisa pensar nela como uma espécie de monstro e lembrar que todo monstro tem um ponto fraco.

Eu já tinha identificado o de Florida. Então, quando notei que todos os outros estavam se reunindo ao redor da escadaria do avião, fingi ignorar Florida e gritei como se estivesse falando com a dra. Drax. “Não, doutora Drax, Florida não quer participar da foto do grupo.”

Assim que escutou a palavra “foto”, Florida se sentou e me deu ouvidos. Eu disse: “É só uma foto do grupo. Para os jornais, ou algo do tipo. Não sei direito. Não se preocupe com isso. Pode continuar me chutando”.

“Jornais?”

“Ou revistas. Não ouvi direito. Ah, talvez seja para a televisão. É sério, pode continuar chutando.”

Florida já estava lá na frente, sorrindo para a foto, antes de eu conseguir me levantar. A dra. Drax disse: “Bem, senhor Digby, você é realmente um pai que sabe cuidar de sua filha. Vamos lá, todo mundo, sorriam para a câmera”.

Na Chinaseuidiota

“Chegamos”, disse a dra. Drax. “Bem-vindos ao Parque Infinito. Está escuro demais para vocês conseguirem enxergá-lo direito.”

Uma coisa que parecia um micro-ônibus com esteiras apareceu para nos levar até nossas acomodações. Lembro-me de olhar pela janela e não enxergar nada — só uma fogueira estranha e, de vez em quando, um carro.

Tínhamos andado por cerca de dez minutos quando o micro-ônibus parou de repente e a dra. Drax nos pediu para olhar pelas janelas do lado esquerdo. Em um primeiro momento, só vimos escuridão, mas de repente algo como uma porta gigantesca se abriu. Havia um prédio ali. Parecia um morro vermelho iluminado por filas e filas de holofotes. Era maior que o maior arranha-céu que você já viu, e tinha letras chinesas enormes pintadas na lateral.

“O que é isso?”, perguntou, bem, praticamente todo mundo.

“Isso”, explicou a dra. Drax, “é o prédio Possibilidade.”

“E o que tem lá dentro?”

“Lá dentro está nossa principal atração. O Foguete.”

“Mas o que é esse Foguete? Com que outro brinquedo ele parece?”

“Com que outro brinquedo ele parece? Com nenhum. Ele é único. É o maior brinquedo de parque de diversões da história, só isso. Não tem como descrever, porque é indescritível.”

Quando eu bancava o adulto em Liverpool, ganhava iogurte grátis. Na China, me deram uma casa! A coisa que parecia um micro-ônibus nos largou em uma série de bangalôs com jardins numa rua iluminada. Parecia um condomínio.

Um bangalô inteiro só para nós. Perguntei a Florida: “Não é demais?”

“Em resumo, você me sequestrou e me trouxe para um deserto. Um deserto na China.”

“Acho que sim. Mas vamos lá, tirando o fato de que estamos na China, o que você acha? Quer dizer, olhe só para essa casa!”

“Não tem nada *tirando o fato* de que estamos na China, Liam. Estar na China é uma grande confusão.”

A casa era composta basicamente de uma sala grande e aberta. Em uma ponta estava a cozinha, e na outra ficavam dois sofás enormes. Havia um pequeno jardim de cactos no meio.

“E não tem televisão”, disse Florida, olhando ao redor.

“Bom, de repente podemos pedir uma. Enfim, talvez seja uma boa que a gente não tenha televisão, porque temos que acordar cedo...”

Florida tinha encontrado um painel com botões no braço do sofá. Quando ela apertou um, a parede inteira da sala ficou azul e emitiu um chiado. Então, apareceram a imagem e o som. A televisão ocupava

uma parede inteira da sala.

“Agora, *isso*”, comentou Florida, “é legal.”

Nós nos jogamos no sofá. Ficamos hipnotizados. Era incrível, apesar de só mostrar notícias em cantonês sobre a vida rural na China, mas, depois de zapear, encontramos um canal americano que exibia *Sessão Espírita com Celebidades* (no qual celebridades vivas tentavam entrar em contato com os espíritos de celebridades mortas), e Florida parecia estar no Paraíso.

“Olhe!”, ela berrou. “Lá está Lindsey. Aaaah!” Lindsey era a apresentadora, mas Florida agiu como se fosse a mãe dela, além da irmã, do gato e do cobertor favorito, todos reunidos em uma só pessoa.

Eu disse: “Assim que esse programa terminar é hora de apagar as luzes e ir para a cama. Amanhã é um dia importante”.

“Liam, pare de falar como um adulto. Não tem nenhum outro por aqui. E essa é a única coisa boa.”

“Mas eu tenho que interpretar seu pai. É esse o objetivo. Preciso entrar no papel, como Lisa sempre diz.”

“Se você vai ser um pai, seja como o meu, não como o seu. Me dê presentes e sorvete. Não fique aí sentado falando sobre história e coisas do tipo.”

“Você sabe que horas são? Não é tarde demais para tomar sorvete?”

“Seria, se você fosse um pai de verdade. Mas você não é. É uma criança. Eu sou uma criança. Podemos fazer o que quisermos. Se quisermos jantar sorvete, podemos jantar sorvete.”

E, aparentemente, era isso que queríamos. Por sorte, tinham *balde*s de sorvete no freezer, sabor Chocoapocalipse.

Florida pegou o sorvete e o levou até o sofá. De tempos em tempos, ela enfiava a colher ali. “E se quisermos ver televisão a noite toda”, ela disse, “nós podemos.”

“Sim, mas...”

“Não tem essa de ‘Sim, mas’. Diga apenas ‘Sim’.”

Enquanto ela se ocupava com o sorvete, dei outra olhada em *Converse com seu filho adolescente* e encontrei uma parte sobre como estabelecer regras e deixar claro para seu filho que existem limites. Estava pronto para fazer isso quando Florida berrou: “Liam! Venha ver isso aqui!”

Florida tinha descoberto que dava para mandar fotos do Draxphone dela para a tela da televisão. Ela me fez gravar um vídeo no qual fazia um discurso depois de receber um prêmio e depois o projetou na parede.

“Gostaria de agradecer à minha mãe e especialmente ao meu pai. Espero que vocês estejam orgulhosos de sua princesinha agora”, ela disse. “E espero que juntos possamos acabar com esse tal de aquecimento global, com a pobreza e tudo mais.”

Ficou tremido, mas convincente, na telona. Perguntei: “O que exatamente você está recebendo?”

“Um prêmio.”

“Pelo quê?”

“Por ser famosa.”

Fui pegar uma bebida na geladeira e encontrei umas garrafinhas d’água no formato de foguetes, com lemes e uma parte pontuda no topo. Eram as armas perfeitas para uma guerrinha de água. Coloquei três em cada bolso, caminhei na ponta dos pés até a sala e joguei água em Florida. Ela deu um grito e saiu

correndo atrás de mim. Joguei uma garrafinha para ela, só para deixar a briga justa, e tivemos uma guerrinha maravilhosa pela casa toda. Eu me escondi atrás do sofá, na esperança de armar uma emboscada. Devo ter caído no sono, pois quando me dei conta meu telefone estava tocando.

“Este é o seu despertador”, disse uma voz no celular. “Por favor, junte-se ao resto do pessoal no estacionamento do prédio Possibilidade às oito horas.”

Caminhei pelos baldes de sorvete deixados por toda parte e pelo piso encharcado e acabei encontrando Florida dormindo no armário, junto com os produtos de limpeza. Acordei-a (ela não ficou nada feliz) e fui trocar de roupa.

Esvaziei minha mochila na cama para separar meus pertences. Tinha umas anotações sobre *Warcraft* e um envelope inesperado contendo uma foto minha ao lado dos meus pais na minha primeira comunhão. Minha mãe provavelmente tinha colocado ali sem que eu visse. O São Cristóvão quebrado do meu pai também estava no fundo da mochila. Ele também devia ter colocado ali sem eu saber. Meu pai devia estar preocupado com a viagem à região dos lagos. Por isso eu trouxe o santinho comigo para o espaço sideral. Está sobre esse display multifuncional, assim como ficava sobre o painel do táxi dele. Se meu pai pudesse ver o santinho agora, ficaria *realmente* preocupado.

O brinquedo do século

Esta parte do espaço parece ser uma zona morta, de onde não conseguimos nos comunicar com ninguém. Meu celular está sem sinal. Talvez estejamos do lado errado dos satélites. Estou olhando as mensagens antigas na minha caixa de entrada. Ainda tenho a última que a dra. Drax enviou: “Cuide-se e cuide das crianças. Vejo vcs em 10h”. Isso foi mandado vinte e quatro horas atrás. Não apenas não vi mais a dra. Drax, como também não vi mais o planeta dela.

Ainda tenho a primeira mensagem dela. Diz: “Bem-vindo ao Parque Infinito. 8h no estacionamento do Possibilidade. Carro cortesia a caminho. Use cel p/ abrir veículo. Dirija c/ cuidado”.

Carro cortesia!

“O que é um carro cortesia?”, perguntou Florida.

“Bom, é um carro que emprestam para você usar o quanto quiser.”

“Ou seja, um carro para você dirigir? Ah, não, não, não, não, não, não! Não depois da nossa última experiência”, disse Florida. E então: “Que tipo de carro? É outra limusine?”.

“Vamos lá ver.”

Era um carro verde que parecia um Toyota. Na verdade, parecia ser um brinquedo grande. Passei a mão nele.

“Liam...”, disse Florida. “A gente não pode.”

“Não pode mesmo. Tem razão. Só que...”

“Só que o quê?”

“Só que eu supostamente sou um motorista de táxi.”

“Ah.”

“Então preciso fingir que sei dirigir.”

“Liam, você só pode fingir que sabe dirigir em um carro de brinquedo. Em um carro de verdade, você pode sofrer um acidente de verdade e nos matar.”

“Não parece tão perigoso. Sabe, parece bem menos perigoso do que aquele Porsche. A mensagem dizia que dá para abrir o carro com o celular.”

Apontei o telefone para o carro. Os faróis piscaram e as portas se abriram. Então, uma voz meio robótica do painel convidou: “Suba a bordo, Liam Digby”. Você tem que admitir que era legal. Não dá para culpar a gente por ter entrado no carro. Seria falta de educação não entrar.

Assim que nos sentamos, o carro voltou a falar. “Olá, Liam. Olá, Florida. O trajeto deve demorar quinze minutos. Não esqueçam de colocar os cintos de segurança.” E, sem que fizéssemos nada, o motor ligou. Um carro legal e gentil. Era bem tranquilizante. Parecia que ele *confiava* na gente. Colocamos os cintos.

Florida olhava para a parte de dentro do carro. “Tem algo faltando”, ela disse. “Não tem quase manivelas ou botões.”

“É automático. Meu pai dirigiu um desses quando estava substituindo alguém. Ele disse que era como

dirigir um carrinho de bate-bate.”

Florida comentou: “Carrinhos de bate-bate são fáceis de dirigir”.

Eu não tinha como discordar. Tinha dirigido vários na minha vida. Nenhum exigiu demais das minhas habilidades. E aquele carro parecia muito amigável.

Enquanto eu tentava me decidir, apertei um dos botões do painel. Florida gritou: “Não! Pode ser o botão de ejetar o assento ou algo do tipo!”.

Os limpadores de para-brisa começaram a ir de um lado para o outro. Caímos na risada. Pelo menos sabíamos para que servia um dos botões. E o que tinha o desenho de um farol provavelmente servia para ligar os faróis, e o que tinha números devia ser o que fazia o carro andar. Apertei-o de leve e o barulho do motor se transformou em um rosnado raivoso. O GPS disse: “Esse é o acelerador. Não se esqueça do freio de mão”.

Não fui nem eu que mexi. Florida encontrou o freio de mão e o soltou. O carro andou para a frente, ronronando. De repente, surgiu um ruído diferente — um barulho forte de buzina, uns gritos e luzes piscando. Outro carro estava dirigindo atrás de nós quando saímos. Outros carros! Tinha me esquecido dos outros carros. Ele nos cortou e buzinou outra vez.

“Genial!”, comemorou Florida, inexplicavelmente.

A parte mais difícil de dirigir um carro é mantê-lo no lado certo da rua. Você não pode se aproximar demais do meio-fio (os pneus fazem um barulho estranho de guincho) ou do meio da pista (os motoristas no sentido contrário parecem ficar com medo e raiva).

Tentei ficar bem no meio. Quando olhei pelo retrovisor, tinha uma fila de carros fazendo o mesmo, então devia ser a coisa certa. Não tinha ninguém na nossa frente.

“Somos os reis da estrada!”, gritou Florida.

Fizemos tudo o que o GPS ordenou. Pouco tempo depois, já não estávamos passando por gramados bem aparados e bangalôs brancos, e começamos a sacolejar em uma trilha estreita por um campo cheio de barracas e cabanas. Crianças corriam ao lado do carro, batendo na janela e sorrindo. Passamos por jumentos e pôneis amarrados à beira da estrada. Até mesmo um camelo passou na nossa frente. Eu disse: “Isso não pode estar certo”.

Mas o GPS nos assegurou: “Sim, está tudo certo. Pare de se preocupar”. É isso que eu chamo de alto nível de interatividade.

Então, lá estava. Depois das barracas, à esquerda, o prédio Possibilidade. Era realmente enorme. E vermelho. Como um enorme presente que ainda não tinha sido aberto. Tentei imaginar como era por dentro, e talvez por isso o carro tenha saído um pouco para o lado, e provavelmente foi por isso que começaram a disparar, por todos os lugares, sirenes e luzes piscantes, e Florida gritou: “Pare! Pare!”. Eu parei. Paramos por completo, para minha surpresa. Quando olhamos para cima, vimos dois policiais armados se aproximando.

“Bom, o jogo acabou”, disse Florida. “Eles vão pedir para ver sua carteira de motorista. Vão descobrir que você não é um adulto e nos mandar para casa.”

A teoria dela era muito mais otimista que a minha. Eu achava que eles iam atirar na gente.

Os policiais, na verdade, se curvaram em reverência, falaram em chinês por um tempo e depois fizeram outra reverência. Um deles perguntou: “Convidados de honra?”.

“Sim”, respondeu Florida. “Convidados de honra. Somos nós.”

Então ele fez um sinal que acho que significava: siga-nos-em-seu-carro-apesar-de-você-não-saber-dirigir. E eles nos conduziram até o estacionamento do prédio Possibilidade. Foi a coisa mais sensacional do mundo, de acordo com Florida, pois era uma escolta policial, e nem Madonna consegue algo assim.

“Isso porque a Madonna não tem um pai como o seu”, eu disse.

A dra. Drax estava nos esperando com os outros pais e filhos. Ela perguntou se estávamos prontos para ver a maior atração de parque de diversões da história.

Respondi “Sim!” um pouco alto demais e um pouco empolgado demais para um pai.

“Então, vamos lá!”, chamou a dra. Drax.

O prédio Possibilidade era tão grande que às vezes nuvens de chuva de verdade flutuavam dentro dele. Havia uma sala com seu próprio clima. Agora posso contar tudo isso, mas não notei nada na hora, porque estava ocupado demais olhando para a atração principal do prédio, o maior brinquedo de todos os tempos, o que tínhamos esperado todo aquele tempo para conhecer: o Foguete. Na minha frente. E acima de mim. Muito, muito, acima de mim. Porque o Foguete chega ao teto, passando até mesmo pelas nuvens internas.

E se chamava Foguete porque era um foguete.

Um foguete de verdade.

Um foguete azul.

Um foguete enorme.

Do tipo que leva você para o espaço.

Era tão grande que nem conseguimos notar que *era* um foguete, num primeiro momento. Parecia uma parede de canos e painéis. Não conseguíamos ter uma visão geral. Olhamos para cima e depois para baixo, como se fôssemos um grupo de scanners tentando capturar uma imagem. Samson Two parecia ter o processador mais rápido. “É um foguete”, ele disse.

“Sim.” A dra. Drax sorriu. “É o meu foguete.”

Que frase maravilhosa, não? “É o meu foguete”, como se fosse “é a minha lancheira”, ou algo do tipo.

“Nós, aqui na China, criamos foguetes desde que Feng Jishen inventou o primeiro, no ano de 970 d.C. Nessa época, eles eram usados para disparar flechas. Eram chamados de *Enxame de abelhas* ou *Cinco tigres ao ataque*. Mas meu foguete tem uma função diferente. Chama-se *Possibilidade Infinita*. E...”, ela disse, virando-se para as crianças, “estou entregando-o a vocês. Quero que vocês, crianças, pensem nisso como um presente. Da minha geração para a sua. Não vou andar nele, mas vocês vão.”

“Quando você diz *andar* nele”, perguntou Samson One, “você está falando de... ir para o espaço sideral?”

“Sim. Não há aventura maior do que ir para o espaço. Peço desculpas por ter mantido tudo isso em segredo. Foi apenas porque... é um segredo. E queremos mantê-lo dessa forma. Alguma dúvida?”

Monsieur Martinet perguntou: “Você quer mandar os nossos filhos para o espaço?”

“Só por umas horinhas. O foguete vai para o espaço, realiza uma pequena tarefa e retorna em

seguida.” Era como se ela estivesse falando de um elevador. “Quando se trata de brinquedos, esse é o melhor de todos.”

Concordamos.

A dra. Drax continuou: “A maior parte dos brinquedos exige uma altura mínima. Este exige um pouco mais... Você precisa passar por alguns exames médicos e treinar”.

“Vamos ser astronautas”, comentou Samson Two.

“Na verdade, aqui na China a palavra é *taikonauta*. Sim, vocês vão ser taikonautas, se seus pais permitirem, é claro.”

Todas as crianças olharam para seu pai, pedindo permissão. Até eu me virei para olhar para o meu. Então me lembrei de que ele não estava lá. Eu era o pai dessa vez.

A dra. Drax se virou mais uma vez para as crianças e prosseguiu: “Eu disse que o foguete era um presente, mas é mais uma espécie de desculpa. Veja bem, acho que minha geração não fez nada além de destruir esse lindo planeta azul. Espero estar errada, mas, se não estiver, a única esperança para a humanidade pode ser começar tudo de novo em outro lugar. Só porque destruimos a Terra, não significa que é o fim do mundo. Existem milhões e milhões de estrelas no universo. Provavelmente existem até milhões de planetas como o nosso. Tão bons quanto a Terra. É só questão de encontrar um”.

“Se vamos fazer isso, precisaremos realizar longas viagens que podem durar anos. E se uma viagem vai durar tanto tempo, você precisa formar uma equipe jovem. Para que eles continuem fortes e capazes quando chegarem ao planeta novo. Esse é o objetivo do Parque Infinito. Quero que se torne um lugar capaz de inspirar jovens como vocês a trabalhar no espaço sideral. Na verdade, se vierem ao parque, alguns deles poderão ir para o espaço por um tempinho. Este é o protótipo. Vocês serão os primeiros. As primeiras crianças no espaço.” Então, ela acrescentou: “Alguma dúvida?”

Florida ergueu a mão. “Isso significa que vamos ficar famosos?”

“Talvez. Mas não agora. Como eu disse, essa missão é secreta. É o nosso segredinho.”

“Quão famosos?”

“Bem... mundialmente famosos, acredito. Talvez. Se tudo correr de acordo com o planejado.”

Florida estava saltitando de tanta felicidade. Ela levantou a mão outra vez.

“Florida?”

“Adoro essa cor”, ela comentou, apontando para o foguete. “Qual é o nome dela?”

“Eu chamo de azul”, disse a dra. Drax. “Acho que a maioria das pessoas consideraria azul.”

“Mas tem azuis e azuis. Essa tonalidade é linda.”

“Bem, podemos chamar de azul-foguete. Próxima pergunta?”

O próximo a falar foi Samson Two. “E se a gente chamasse de azul-balístico? Balística é a ciência que estuda os foguetes, e azul-balístico é muito sonoro.”

“Legal”, sorriu a dra. Drax. “Próxima pergunta?”

Hasan disse: “Quanta tinta. O fornecedor ofereceu um bom desconto, já que era um pedido tão grande?”.

“Alguém tem alguma pergunta que não esteja relacionada à pintura?”, perguntou a dra. Drax.

Ninguém tinha. “Nesse caso, um dos nossos engenheiros vai mostrar o foguete para as crianças

enquanto nós, adultos, preenchamos a papelada. Muitos formulários são necessários para essa viagem, infelizmente. É surpreendentemente difícil fazer uma apólice de seguro para viagens espaciais. Apesar dessa ser extremamente segura. Completamente segura. Quase.”

Dava para ver que a dra. Drax estava decepcionada, porque ela achava que as crianças não tinham entendido a importância do foguete e só se preocupavam com a tinta. Mas é isso que as crianças fazem quando deparam com coisas importantes. Nós nos focamos nas pequenas coisas. Como as crianças que agora estão dormindo no foguete. Elas não estão sonhando com o planeta Terra. Sonham com seus quartos.

Já eu tive uma reação diferente. Não estava preocupado com a tinta. Só tinha um pensamento. Um pensamento triste. Que era:

EU NÃO VOU PARA O ESPAÇO.

As crianças teriam a diversão do século. E nós — os adultos — íamos ficar sentados e talvez assistir a um vídeo deles ou algo assim.

“Vamos lá, criançada”, disse a dra. Drax, sorrindo enquanto as crianças subiam na plataforma ao lado do foguete.

“Mas nós não podemos olhar o foguete também?”

“Sinto muito”, disse a dra. Drax. “Quero que as crianças se acostumem a ficar longe de vocês. Afinal, elas não vão estar com os pais no espaço.”

Correto.

Porque...

Eu não vou para o espaço.

Florida Kirby vai para o espaço.

Tudo estava acontecendo do jeito errado. A vida adulta deveria ser *mais* divertida. Foi por isso que preferi ser pai a criança. Qual é a graça de abandonar a infância se tudo que você recebe em troca são formulários para preencher?

Sou o pai do espaço

Quando me dei conta de que tinha ido até o deserto de Gobi só para ver Florida Kirby viajar para o espaço sideral, senti como se tivesse morrido. Não morrido na vida real. Mas morrido em um jogo. Como quando você está tranquilo no nível quarenta, tendo aventuras adequadas para o nível quarenta, e *bip*, você morre e não tem vidas extras, então precisa voltar ao começo e passar por todas as partes chatas de novo.

Enquanto Florida e as outras crianças estavam dentro de um foguete de verdade, nós tivemos que nos sentar e preencher formulários. Formulários cheios de perguntas sobre nossos filhos. Não dava para acreditar na quantidade de coisas que os pais tinham que saber sobre os filhos. Data de nascimento, por exemplo. Pelo menos essa eu sabia, porque estava com o passaporte de Florida.

“Puxa vida”, comentou a dra. Drax. “Um pai que não sabe o aniversário da própria filha.”

“Sei a data de aniversário de Samson Two”, interrompeu Samson One. “E, um dia, todo mundo vai saber, porque será feriado no nosso país.”

“Às vezes me esqueço do aniversário de Max”, comentou *monsieur* Martinet, “mas ele é educado demais para reclamar.”

A parte de preencher a data de aniversário se revelou a mais fácil. Havia perguntas sobre vacinas, alergias e doenças. Eu me lembrava de que Florida tinha ficado um tempão sem ir à aula no sexto ano, mas não recordava o motivo.

Todos os outros pais estavam marcando quadradinhos e preenchendo lacunas. Tentei enxergar o que o pai de Max estava escrevendo para copiar, mas ele notou que eu estava olhando e tapou o papel com a mão. Doenças. Não conseguia me lembrar de nenhuma. Quando Florida estava falando sobre celebridades, ela mencionou alguma coisa crônica. Pensei que se eu escrevesse “crônica”, isso me ajudaria a lembrar da outra palavra. Era isso! Obesidade crônica.

A dra. Drax estava atrás de mim, olhando o que eu preenchia. “Obesidade crônica? Tem certeza?”

Então, por sorte, lembrei que “obesa” significa “gorda”. “Não é obesidade crônica, desculpe”, eu disse. Risquei “obesidade” e coloquei “artrite”. Pareceu bem convincente por escrito.

A dra. Drax fungou com força e tirou o formulário das minhas mãos. “Vejo que na parte de vacinas você marcou febre amarela e malária.”

Eu tinha marcado várias vacinas, só por garantia.

“Ah, e dengue. Florida viajou bastante?”

“É, acho que sim.”

“Acha?”

“Quer dizer, ela viajou bastante. Esteve na Flórida. Por isso o nome. E... todos nós fomos para a Terra Encantada em Southport no sexto ano. Quer dizer, quando *ela* estava no sexto ano.”

“Southport, na Inglaterra?”

“Sim.”

“Você não precisa tomar vacinas para viajar pela Inglaterra.”

“Não, normalmente não”, eu disse. “Mas por que arriscar? O lema da família Digby é: nunca se é cuidadoso o bastante.”

Depois da papelada, as coisas pioraram. Nós jogamos golfe.

Golfe! Os outros pais não ficariam mais empolgados se você desse a eles uma capa de invisibilidade.

Golfe, enquanto Florida caminhava dentro de um foguete.

Golfe, enquanto ela se preparava para virar uma taikonauta.

Golfe.

Golfe. Se você acha que Banco Imobiliário é chato, deveria jogar golfe. Se você pudesse jogar golfe em *World of Warcraft*, que habilidades o esporte exigiria? Corrida? Não. Uso de espadas? Não. Inteligência? Não. Sabedoria? Não. Que piada. O objetivo do “jogo” é colocar uma bola em um buraco. Habilidades de arrumação — é disso que você precisa. Habilidades de arrumação e muito tempo livre. Um jogo? Deve parecer um jogo, se você for um morto-vivo.

Passeamos pelo campo de golfe em dois carrinhos elétricos. Todos falavam sobre médias e handicaps, e contaram histórias das vezes em que colocaram outras bolinhas em outros buracos.

“Ensinei Samson Two a jogar golfe alguns anos atrás”, disse Samson One, enquanto nos preparávamos para dar as primeiras tacadas. “É uma maneira prática de aprender sobre a interação das forças físicas e assim por diante. Por exemplo, se eu usar um *driver* para a primeira tacada...” *Driver* é um dos tacos de golfe que se usa para bater na bola — aparentemente, cada taco tem um nome diferente, como *wedge* e *iron*. Enfim, Samson One deu uma tacada com um *driver* e explicou que a parábola que a bola percorria era parecida com o movimento do taco na hora de bater, mas eu não estava prestando atenção. Apenas bati na bola com o máximo de força que consegui. Ela voou longe. Gritei: “Isso!!!”.

Os outros apenas me olharam, e *monsieur* Martinet perguntou: “Por que você está tão feliz?”.

“Minha bola chegou mais longe que a dele. Estou ganhando.”

Samson One gargalhou. “Mas ela foi longe demais. Passou o buraco e entrou na grama alta.”

Eu tinha entendido que o objetivo era jogar a bola o mais longe possível. Não tinha prestado atenção aos buracos.

“É extraordinário”, comentou *monsieur* Martinet, “que alguém atinja a vida adulta sem saber jogar golfe.”

Retruquei: “É, mas você sabe como se joga *World of Warcraft*? Aposto que não”.

Monsieur Martinet piscou e disse: “O golfe é um jogo que ensina muitas habilidades necessárias para se tornar bem-sucedido. Como, por exemplo, a importância de tomar decisões e a necessidade de prestar atenção aos detalhes. Os jogos de computador, por outro lado, são para idiotas”.

“Ou adolescentes”, complementou Eddie Xanadu.

Percebi que tinha dito a coisa errada. Tentei me recuperar um pouco dizendo: “Vamos ver se você faz melhor, então”. Não sei se soei muito adulto, para ser sincero.

Os outros colocaram a bola na parte lisa de grama próxima ao buraco. Eu tive que tirar a minha da

grama alta. A dra. Drax veio em minha direção e disse que eu deveria atingir a bola com um *niblick*. Fiquei empolgado com a sugestão. Imaginei, pelo nome, que *niblick* era um tipo de duende magricelo que vivia perto de lagos. Para minha decepção, não passava de outro tipo de taco.

Mas funcionou. Levantou bem a bola e ela caiu na parte verdinha. “Muito bem”, elogiou a dra. Drax. “Não há sensação mais agradável na Terra do que acertar a bola desse jeito.”

“Talvez não na Terra. Mas aposto que existem sensações muito melhores no espaço.”

“Sim”, ela concordou. “Você com certeza deu uma grande oportunidade à sua filha.”

Sim, dei uma grande oportunidade a Florida. Enquanto eu ganhei um *niblick*.

Os outros pais estavam todos alinhados para começar de novo. Samson One colocou sua bola próxima ao buraco com outra linda parábola. Eu continuei com meu *niblick*.

“Ah, você não pode dar a primeira tacada com um desses”, disse sorrindo a dra. Drax.

“Não vou dar a primeira tacada.” Bati na bola e coloquei-a na traseira do carrinho de golfe.

“Ah, veja o que você fez”, grunhiu *monsieur* Martinet.

“Eu fiz um lance genial. Quando você for até a parte verde no carrinho, minha bola vai junto na parte de trás do carro. E aí eu tiro ela de lá.”

“Você não pode fazer isso! Não pode levar sua bola em um carrinho de golfe.”

“Por que não?”

“As regras. O golfe tem regras. Muitas regras. Essa é a beleza do jogo.”

Samson One discordou: “A lógica diz que ele pode fazer isso. E se pensarmos no carrinho de golfe como uma área de risco? O jogo continua quando as bolas caem em bancos de areia, lagoas e assim por diante”.

Quando você fala em “risco”, as pessoas normais pensam em gelo na estrada, neblina forte ou uma invasão inesperada de elfos noturnos. Já os jogadores de golfe acham que você está falando de areia. Ou de uma poça d’água com um patinho em cima.

“As áreas de risco”, resmungou *monsieur* Martinet, “não saem andando e levam a bola até o buraco.”

“Não. Mas você não pode interferir. Se a área de risco estiver indo em direção à área verde, então a bola vai junto.”

Dava para notar que *monsieur* Martinet estava descontente com a história toda pela maneira como ele brandia seu taco de ferro ao redor da cabeça, gritando que eu era muito infantil.

“*Eu* sou infantil?! Não fico todo estressado por causa de um jogo.” Sério mesmo, os adultos sempre reclamam que os adolescentes passam tempo demais na internet e levam os jogos muito a sério. Mas uma partida de golfe parece demorar três anos, e eles falam sobre ela como se a próxima tacada fosse salvar o mundo.

“Sim, infantil. Que espécie de pai é você? Dá para entender por que sua filha é tão complicada. Você não tem o menor respeito pelas regras!”

Olhei para *monsieur* Martinet. Ele realmente achava que era um monstro de nível quarenta enquanto eu era um guerreiro inexperiente de nível sete que sairia correndo se ele rosnasse. Esperei minha barra de energia ficar completa e então entrei na batalha. “E você acha que é um bom pai? Que espécie de pai

deixa o filho ir para o espaço sideral enquanto fica jogando golfe?”

Monsieur Martinet ficou um tanto confuso ao ouvir isso. Assim como os outros pais. Até que a dra. Drax perguntou: “E você não está fazendo o mesmo, senhor Digby?”

Bom, sim, eu estava, mas sei que meu pai nunca faria uma coisa dessas. Minha mãe menos ainda. Eu disse: “Na minha escola — na escola da minha filha —, quando eles vão para uma viagem com a turma, um pai responsável vai junto. Até mesmo se for apenas uma visita ao museu. No shopping, você não pode nem entrar numa loja de doces sem um adulto responsável. Por que vocês não fazem isso aqui?”

“Quer dizer que você gostaria de acompanhar as crianças na viagem para o espaço?”, perguntou a dra. Drax.

“Sim. Sim, claro que eu gostaria.”

“Mas...”

Todos estavam me encarando. *Monsieur* Martinet revirou os olhos e murmurou: “É claro que ele gostaria de ir com as crianças. Ele é uma criança. Pode ser alto, mas não passa de uma criança”.

A dra. Drax levantou as mãos. “Acho”, ela disse, “que estou tendo uma das minhas ideias geniais.”

Aguardamos para ver do que se tratava.

“Um pai no espaço. Vou mandar um de vocês para o espaço. Mas qual?”

Respondi: “Eu. Eu vou”.

“Não seja ridículo”, rosnou *monsieur* Martinet. “Essa tarefa exige um líder de verdade. Eu vou.”

“Talvez o ideal seja que alguém que entende de ciência vá”, comentou Samson One. “Alguém como eu.”

“Vamos fazer uma pequena competição”, sugeriu a dra. Drax. “Pude observar, pela maneira como vocês jogam golfe, que são todos muito competitivos. E tão diferentes! *Monsieur* Martinet impõe uma disciplina rígida, Samson One acredita na educação...”

“Com certeza.”

“O senhor Xanadu é muito indulgente... ou generoso. E o senhor Digby é...” Ela olhou para mim como se tentasse se lembrar do motivo pelo qual me escolheu. No final, ela disse: “O senhor Digby está disponível”.

“Quando você fala de competição...?”, perguntou o sr. Xanadu.

“Simples. Vocês farão o treinamento espacial com seus filhos, e aquele que for o melhor taikonauta — não, não o melhor taikonauta, o melhor pai — vai para o espaço.”

Isso aí! Eu realmente tinha subido de nível. Foi como quando você passa de fase em um jogo e todo o cenário muda, e fica cheio de novos perigos, novas armadilhas e emoções. Pulei do nível de uma partida de golfe para a exploração espacial.

“Serei o vencedor”, sentenciou *monsieur* Martinet. “Se tem um assunto do qual entendo, é ganhar.”

“Eu serei o vencedor”, disse Samson One. “Tenho o cérebro para isso.”

“Eu serei o vencedor”, disse o sr. Xanadu. “Porque eu quero, e sempre consigo o que quero.”

“Isso”, comentou a dra. Drax, “quem decidirá são as crianças. Elas vão votar.”

Não disse nada. Eu sabia que ia vencer.



Eu estava morrendo de curiosidade. Assim que Florida passou pela porta, perguntei: “Então, como era? O foguete”.

Ela respondeu: “Legal”.

“Só isso? É a primeira vez que você entra em um foguete de verdade e tudo o que tem para dizer é *legal*?”

“Não.”

“O que mais?”

“Estou morrendo de fome.”

Lembrei-me do trecho de *Converse com seu filho adolescente* em que está escrito que uma longa refeição pode ser uma boa maneira de fazer seu filho falar. Fiz um refogado e sugeri: “Vamos usar pauzinhos”.

“Eu não sei usar isso.”

“Tem instruções no pacotinho.”

“Está escrito em chinês.”

“Vamos tentar.”

Fiz o jantar demorar um tempão, mas não melhorou nossa conversa, porque ficamos muito concentrados nos pauzinhos. No final, eu apenas disse: “Bom, não interessa. Não precisa falar como é o foguete. Eu vou junto”. E então contei a ela sobre a competição.

Finalmente, Florida começou a se comunicar. Ela disse: “Hahahahahahahahahahahahaha”.

“O que eu falei de tão engraçado?”

“É uma piada, não? Você não acha mesmo que vai ganhar, né?”

“Tenho chances, ué.”

“Liam, você tem uma bicicleta?”

“Eu tenho uma Cherokee Chief.”

“É uma bicicleta rápida?”

“Tem vinte e três marchas.”

“Seria capaz de ganhar uma corrida de cavalos?”

“Não.”

“Por que não?”

“Porque não é um cavalo.”

“E você não vai ganhar a competição dos pais porque você NÃO É UM PAI.”

“Verdade. Por outro lado, também não sou um elfo guerreiro, mas os Guerreiros Andarilhos detonam em *World of Warcraft*.”

“Liam, não faço ideia do que você está falando.”

“O que estou dizendo é que... às vezes fingir funciona. Como no Pequenas Estrelas.”

“Tá certo...”

“Então me ajude a fingir que sou seu pai. Tudo o que você precisa fazer é me chamar de pai.”

“Tá bom. Vou chamar você de pai...”

“Valeu.”

“... desde que você me chame de princesinha.”

“Prin... o quê?”

“É assim que meu pai de verdade me chama. Sinto falta de ser chamada de princesinha.”

“Vou tentar.”

O sorveteiro do deserto de Gobi

No primeiro dia de treinamento de taikonauta, precisávamos chegar ao local do lançamento do foguete antes do amanhecer. Eu estava muito empolgado. Florida estava com muito sono. Estava tão escuro que não conseguíamos ver quem mais se encontrava lá. As pessoas não passavam de um grupo de sombras bocejando e se espreguiçando. Nem o prédio parecia muito sólido, até o sol aparecer e descascar uma fatia de sombra da parte de trás do prédio, como se fosse uma grande banana vermelha.

Hasan e o pai dele estavam sentados em um carrinho de golfe. “Adoro andar nisto”, comentou Eddie. “Resolvi comprar um para o pequeno Hasan.” Era o garoto que pilotava. Ele dirigia em círculos, só por diversão. “Chega”, ordenou Eddie. “Você está fazendo minha cabeça girar.”

Monsieur Martinet vestia uma camiseta que dizia: “Vote em Martinet”. Acho que Samson One me viu olhando para a camiseta, porque sorriu e revirou os olhos. Eu já tinha visto outros pais fazerem isso com meu pai quando ele saía para fazer compras com a minha mãe. Era como um código secreto entre os pais ou algo do tipo. Por um segundo, eu me senti um deles, então revirei os olhos em resposta.

Foi quando a dra. Drax chegou. “Sinto muito por tirar todos da cama tão cedo”, ela disse. “Hoje é o primeiro dia de vocês como aprendizes de taikonautas, e vamos começar com um exercício simples de trabalho em equipe, resolução de problemas e tomada de decisões. Vai ser muito fácil. Sigam-me, por favor.”

Eddie ofereceu uma carona para ela no banco de trás do carrinho de golfe. “Muito obrigada”, ela disse, e embarcou. Eles foram até o outro lado do prédio. O resto tentou acompanhar a pé.

Quando chegamos, a dra. Drax estava apontando para o deserto. “Olhe”, ela disse. “A sombra do Possibilidade.” A sombra do prédio se estendia pelo deserto. Era longa e reta. “É como uma estrada, que leva a algo. Algo que eu gostaria que vocês procurassem e me trouxessem.”

“Tipo o quê?”, perguntou Samson Two.

“Ah, nada de mais. Uma bandeira. Uma simples bandeira. Deve ser fácil de localizar. Não tem nada lá. Vocês só precisam seguir a sombra.”

Todos olharam para o deserto. Realmente, não havia nada lá. Além de geologia. Quilômetros e quilômetros de erosão causada pelo vento e de depósitos de sedimentos.

“Hasan gostaria de usar seu novo carrinho de golfe, se não se importa”, disse Eddie.

A dra. Drax gargalhou e disse que não seria possível. “Não é uma corrida. Quero que vocês fiquem juntos e trabalhem como uma equipe. Tenho um presentinho para ajudar com o caminho...” Pensei que ela ia nos entregar pelo menos um jipe, ou uma arma. Mas não. Ela deu a Por-Favor-Me-Chame-de-*Monsieur*-Martinet algo que parecia um fogo de artifício enorme. “Isso”, ela disse, “é um sinalizador, para pedir ajuda. Se o acenderem, nós enxergaremos, não importa a que distância vocês estejam. E vamos correndo buscar vocês. Não queremos que ninguém se machuque.”

“Obrigado”, disse *monsieur* Martinet. “Usarei com sabedoria.”

“É claro que, se dispararem o sinalizador, isso quer dizer que vocês fracassaram. E aí precisarei

encontrar uma nova equipe. Resumindo: se usarem o sinalizador, vocês perdem o foguete. Certo?”

Eu mal podia esperar para caminhar pelo deserto. Os outros não pareciam tão empolgados. Samson One queria levar roupas especiais, água, bloqueador solar e um chapéu.

“E se demorarmos mais que um dia?”, perguntou Eddie. “Deveríamos levar barracas. E comida enlatada. E pratos. Quando você come na praia, cai areia na comida. No deserto deve ser pior.”

“Isso está virando um passeio no shopping!”, comentou Florida. “Adorei!”

“Não dá para a gente ir *agora*?”, perguntei, e me dei conta de que não era algo que um pai diria, então completei: “Já organizei expedições pelo deserto e sei como é. Na minha experiência, quanto antes partirmos, melhor”.

Todos me encararam. “Você já organizou uma expedição pelo deserto?”, perguntou *monsieur* Martinet. “Pensei que fosse motorista de táxi.”

“Foi bem antes de eu me tornar motorista de táxi.”

“Você nunca me contou isso, pai”, comentou Florida, com um sorriso falso no rosto. “Uma expedição pelo deserto? Sério?”

“Sim. Então... vamos lá.”

“Eu realmente acho que deveríamos nos preparar”, comentou Samson One.

“Na verdade”, interview Samson Two, “o senhor Digby pode estar certo. A única dica que temos quanto à localização da bandeira é que está em algum ponto da sombra do prédio. Agora, logo depois do amanhecer, a sombra está em seu estágio mais alongado. Com o passar do dia, ela vai ficar cada vez mais curta. Teremos menos sombra, e menos dados.”

“Isso”, eu disse, “é exatamente o que eu queria dizer. Vamos lá!”



Para a minha surpresa, o clima estava bastante fresco na sombra. Florida andou ao meu lado, falando sobre como eu tinha prometido que nos divertiríamos no parque. “Isso não é um brinquedo”, ela resmungou, “é um castigo.”

“Florida, é sexta de manhã. Você deveria estar na aula de matemática. Em vez disso, está caminhando pelo deserto de Gobi.”

“Algo que você já fez antes, aparentemente.”

“Eu não disse que percorri este deserto. Só que organizei uma expedição pelo deserto. O que é verdade.”

“Que deserto era, então? O deserto de Bootle?”

“Na verdade, eram as Terras Devastadas de Azeroth. E foi muito mais difícil que isso aqui. Tinha insetos gigantes. E um portal para uma terra dominada por poderes malignos.”

“Liam, do que você está falando?”

“Não me chame de Liam, e estou falando de *World of Warcraft*.”

“Bom, pare de falar sobre isso. Pais não falam dessas coisas. E por que estamos caminhando na

sombra? Podíamos pelo menos pegar um bronzado.” Assim que terminou de dizer isso, ela saiu da sombra e pisou no sol. De onde eu estava, parecia que Florida tinha desaparecido por completo. Mas ela voltou rapidamente.

“Ai, ai! Você sabe o *calor* que está lá? Vamos morrer cozidos.”

“Por isso precisamos encontrar a bandeira antes que a sombra diminua.”

“E por que tem tanta areia?!” Ela parecia achar que o deserto de Gobi era culpa minha.

“Porque aqui já foi o leito de um grande oceano que foi exposto ao vento pela queda do nível de água. As rochas e as montanhas que ficavam no leito foram partidas pelo vento no decorrer dos últimos milhares de milhões de anos.”

“Liam, eu não quero saber!!!”

Ela gritou tão alto que dava para escutar a voz dela se afastando de nós e chegando às dunas. Então, ouvimos algo que parecia Deus planando sobre o mundo. Era o vento. Um vento que jogava areia nas nossas pernas e nos nossos braços com tanta força que parecia que estávamos sendo apunhalados por bilhões de facas microscópicas. A areia entrava na boca, nas narinas e, pior de tudo, nos olhos. Nós nos abaixamos e nos juntamos em círculo, com as costas para o deserto. O rosto de *monsieur* Martinet ficou colado ao meu. Ele rosnou: “Então, senhor Digby, você já passou por isso antes. Qual a sua sugestão?”

Respondi: “Esperar o vento diminuir?”

“Você vai ficar um tempão esperando”, disse Florida. “Ele sopra há mais de milhares de milhões de anos, aparentemente.”

Eu não tinha pensado nisso. Fiquei estranhamente impressionado com ela. “É uma conclusão incrível, Florida.”

“Ah”, ela respondeu. “Valeu, Liam.”

Dei um beliscão nela e ela disse: “Eu quis dizer ‘pai’! Não ‘Liam’”. Então, Florida colocou os óculos escuros e comentou: “Ah, muito melhor”. Ninguém mais tinha posto os óculos escuros, mas todos olhavam para ela. “Ninguém mais trouxe óculos de sol?”

“Estava escuro”, comentou Samson Two. “Não parecia necessário.”

“Achei que eu ficaria legal com os óculos”, explicou Florida. “David Beckham usa óculos de sol até no escuro.”

“Pai”, disse Hasan. “Ela tem óculos escuros. Eu quero.”

“Claro, filho”, disse Eddie. “Garotinha, quanto você quer pelos óculos?”

“Não estão à venda.”

“Senhor Digby, quanto você quer pelos óculos da sua filha? Gostaríamos de comprar.”

“Os óculos não são meus. São dela.”

“Mas ela é sua filha. Peça para que venda os óculos.”

“Não farei isso”, respondi. “Mas tenho um plano. Minha filha foi a única esperta o bastante para trazer os óculos, certo? Então já sei o que a gente faz. Ela usa os óculos. O resto cobre o rosto com a camiseta ou seja lá o que for, e anda de mãos dadas, formando uma fila. Ela vai na frente e nos leva até a bandeira.”

Todos ficaram em silêncio por um tempo, até Samson One comentar: “Na verdade, esse é um bom plano”.

“Foi o que fiz na última vez que estive no deserto”, eu disse. O que era verdade. Foi assim que tirei um monte de elfos noturnos do Labirinto da Luz.

Monsieur Martinet concordou que era uma boa ideia, mas queria que Max usasse os óculos. “Porque Max é um líder nato.”

“Talvez”, retrucou Florida. “Mas o lance é o seguinte: esses óculos são meus. Então, vamos lá.”

Então partimos em uma fila de dançarinos de conga pelo deserto, enquanto *monsieur* Martinet gritava palavras de incentivo sobre outras pessoas que atravessaram o deserto. “Mark Antony”, ele disse, “e Lawrence da Arábia. Eles eram apenas homens. Nós somos apenas homens. Homens podem fazer isso.”

Andar para a frente, pisando em areia macia com os olhos vendados exige concentração, então ninguém disse nada por um tempo, mas houve um momento no qual todos pararam e pensaram a mesma coisa. Foi quando saímos da sombra. Nem precisa imaginar o que aconteceu. Era como se alguém tivesse apontado um lança-chamas na nossa direção. Lawrence da Arábia e Mark Antony tinham atravessado o deserto acompanhado de grandes exércitos, não de um grupo de crianças e dos pais delas. Além disso, quando terminaram a jornada, seus exércitos tinham diminuído bastante.

Então, o vento ficou mais fraco. Enfim podíamos abrir os olhos e ver onde estávamos. Mas as notícias não eram boas.

Estávamos diante de uma duna de areia gigantesca. Um morro de trinta metros de areia deslizante. Dava para ver o vento arrastando a areia do alto da duna. Quando Hasan viu a duna, começou a chorar. “Vamos ter que subir? Não quero. É alto demais.”

Monsieur Martinet encarou isso como um desafio. Mas não para ele. Para Max. “Max”, ele chamou, “suba essa duna e diga se consegue ver a bandeira.”

O garoto parecia chocado. “Por que eu?”

“Max”, gritou *monsieur* Martinet. “Vencedores tomam a dianteira.”

“Mas...”

“FAÇA O QUE EU DIGO! É UMA QUESTÃO DE DISCIPLINA!”

Max começou a subir sozinho a duna, e parecia sofrer muito com a areia mole.

Hasan Xanadu se sentou. “Não vou subir”, ele disse. “Nem se tiver milhares de bandeiras do outro lado.”

Eddie disse: “Meu querido Hasan não quer escalar. Vamos dar a volta”.

Samson Two achou que não era uma boa ideia. “A doutora Drax nos disse para seguir a sombra. Se sairmos da rota, talvez nunca nos encontremos novamente. É uma duna móvel. Pode ter vários quilômetros de comprimento na base... Talvez trinta ou até cinquenta...”

Caminhar trinta ou cinquenta quilômetros parecia ruim. Mas escalar aquela duna parecia impossível.

Max estava afundado até os joelhos na areia. “Não vou conseguir”, ele gritou. Dava a impressão de que estava quase chorando.

Monsieur Martinet parecia desconfortável. Ele desistiu de escalar. “Vamos dar a volta”, disse.

“Em um terreno árido como esse”, comentou Samson Two, “é difícil se orientar.”

“Difícil”, disse *monsieur* Martinet, “é a área de especialidade dos melhores. MAX!”

“Mas a doutora Drax disse que...”, implorou Samson Two.

“A doutora Drax espera que tomemos a iniciativa”, retrucou *monsieur* Martinet. “É assim que os vencedores vencem.”

Eu estava pronto para completar: “Sim, e é se perdendo no deserto que as pessoas morrem”. Mas eles já haviam partido na missão, até mesmo os dois Samsons. *Monsieur* Martinet realmente tinha um grande talento para a liderança.

A duna me lembrava de meu pai. Às vezes, se ele terminava o trabalho mais cedo no verão, íamos para a praia mergulhar nas dunas. Você já fez isso? É só subir numa duna, sair correndo e se jogar. A areia vai cedendo e seus passos ficam cada vez mais compridos até que as pernas mal tocam o solo. Você tem a impressão de que está caindo, mas não importa, porque a areia é mole. É o parque de diversões da natureza.

Antes mesmo de decidir fazer isso, juntei-me a Max na metade do caminho da duna.

Perguntei a ele: “Você está pronto?”

“Para quê?”

“Mergulhar na duna. Vamos lá, você já deve ter feito isso antes. Me dê a mão.”

Um tanto nervoso, ele estendeu a mão. Perguntei: “Pronto?”

“Para quê?”

“Para isso.”

Pulei.

A areia do deserto de Gobi era ainda mais suave que a de Southport. Em certo momento, afundei até o joelho. No próximo passo, metade da duna parecia ter desaparecido debaixo de mim.

Quando chegamos ao solo, os outros saíram do caminho e nós dois ficamos ali parados, olhando para o céu azul e nos dobrando de tanto rir.

Monsieur Martinet me olhou com reprovação e perguntou: “Qual foi o objetivo disso?”

“É muito, muito legal. E vou fazer de novo com toda a certeza.”

“Senhor Digby”, reprimiu *monsieur* Martinet, “você é uma criança.”

Por um momento pensei que tinha me descoberto, mas ele só estava sendo grosseiro.

Perguntei: “Alguém mais quer ir?”, e comecei a escalar outra vez a duna. Quando olhei para trás, Samson Two estava me seguindo, Hasan também, e até mesmo Florida.

Quando estávamos na metade do caminho, eu disse: “Podíamos saltar daqui. Ou continuar até o topo e olhar para o outro lado, para ver se enxergamos a bandeira. Se não enxergarmos, tudo bem, ainda teremos uma duna monstruosa para descer”.

Todos concordaram e nós nos arrastamos na escalada, ajudando uns aos outros no caminho. Os últimos metros foram os mais difíceis. Eu me joguei no topo da duna e acabei dando de cara na areia. Florida usou minhas pernas para continuar subindo. Assim como os outros. Consegui colocar a cabeça por cima do topo e espiar o que havia do outro lado. A parte oposta da duna estava coberta pela sombra do prédio. Não era uma sombra ondulada e turva, mas uma piscina profunda e fresca de sombra, que dava a impressão de que se podia beber aquilo. E ali, flamejando no meio dela, havia uma bandeira branca e brilhante.

Todos nós vimos que, se tivéssemos caminhado ao redor da duna, teríamos andado por horas no calor e talvez nunca encontrássemos a bandeira. Agora, conseguiríamos pegá-la em poucos segundos.

“Certo”, disse Max. “Vamos nessa.”

Todos deram as mãos, respiraram fundo e pularam. Bombas de areia explodiram ao nosso redor enquanto ganhávamos velocidade. Acabei dando um salto completo com uma cambalhota involuntária e deslizei a última parte do caminho. Aterrissei mais ou menos aos pés de Max. Ele segurava a bandeira e todos estavam exultantes.

“Foi você que inventou o mergulho em dunas?”, perguntou Hasan. “Porque você podia ganhar uma grana patenteando a ideia.”

“Meu pai brincava disso comigo. Os pais de vocês não fazem esse tipo de coisa?”

“Acho que meu pai diria que é uma distração inútil”, comentou Samson Two.

“O meu está sempre muito ocupado”, disse Hasan.

“O meu é muito focado”, disse Max.

Olhei para Florida e perguntei: “E o seu pai?”

“É claro”, ela respondeu, encarando-me. “Ele faz isso o tempo todo. Não faz, pai?”

Tinha me esquecido de que eu era o pai dela.

“Você tem um pai divertido, então”, disse Hasan. Ele olhou para mim como se pensasse que podia me comprar.

Dei de ombros, peguei uma garrafa de água da mochila e tomei um gole. Enquanto eu bebia, pude ver através do plástico que todos me olhavam.

“Nenhum de vocês trouxe água?”

Não. Dei um gole a cada um deles e disse: “Estou sempre preparado. Coisa de pai”.

Lutamos para subir novamente a duna e mergulhamos para o outro lado de novo, erguendo a bandeira de forma vitoriosa, como uma tropa de elfos noturnos vingativos.

No caminho de volta, o sol estava atrás de nós. Nossas próprias sombras dançavam à nossa frente como se fossem marionetes enlouquecidas. Nossas costas pareciam estar pegando fogo. *Monsieur* Martinet quis carregar a bandeira, então pus o sinalizador na minha mochila.

Às vezes víamos pegadas que tínhamos deixado no caminho de ida. Mas a maioria tinha sido apagada pelo vento. E não conseguíamos encontrar o prédio.

“Se não dá para ver, deve estar a quilômetros de distância”, resmungou Florida.

“É enorme. Deveríamos conseguir ver o prédio até de Bootle.”

Samson Two explicou que isso ocorria porque o sol estava brilhando reto no horizonte. “A luz é tão forte que parece dissolver as coisas.”

Então, *monsieur* Martinet gritou: “Ali!”. Ele apontou para a esquerda e ali estava. Parecia muito mais próximo do que esperávamos. Todos ficamos tão aliviados de ver o prédio que aceleramos o passo. Demoramos alguns minutos para entender que Samson One estava gritando para que parássemos. “Samson Two”, ele explicou, “gostaria de falar uma coisa.” Todos paramos de correr, mas ninguém tirou o olhar do prédio. “Sobre miragens.”

Ah, não. Lembrei que tinha passado por maus bocados nas Terras Devastadas graças às miragens.

Samson Two começou a explicar como funcionavam as miragens.

“E o que isso tem a ver?”, perguntou Florida.

“Que estamos vendo o prédio, mas ele não está realmente lá.”

“Claro que está”, retorquiu *monsieur* Martinet. “Você só está procurando uma desculpa para parar de caminhar. Vamos, Max. Quando a coisa fica difícil, temos que agir com mais vigor.”

“Acho que a medida mais sábia”, explicou Samson Two, “seria esperar até o anoitecer, quando o prédio ficará fácil de avistar, porque se ilumina por completo.”

“Ele é um gênio”, disse Samson One, “então deveríamos escutá-lo.”

“O prédio está bem visível agora”, retrucou *monsieur* Martinet. “Sei disso porque consigo vê-lo.” Ele saiu correndo, e Max o acompanhou.

Samson Two chamou os dois. “Se o prédio está mesmo lá, por que está no norte? A única coisa que sabemos é que ele está no leste.”

“Como sabemos disso?”, perguntou Florida.

“Porque seguimos a sombra do prédio. O sol nasce no leste, então a sombra apontava para o oeste. Agora, precisamos caminhar no sentido contrário.”

Hasan disse: “Quero ir com eles. Está um saco aqui”.

Eddie Xanadu deu de ombros. “Faço o que for preciso para deixar meu garoto feliz.”

Florida disse: “Estou entediada. Vou com vocês”.

Eles partiram.

“Como podemos pará-los?”, perguntou Samson One. “Eles ficarão exaustos, desidratados e provavelmente morrerão.”

“Bom”, eu disse, “a culpa é deles, que não quiseram nos escutar.”

“É verdade. Por outro lado, ela é sua filha.”

Eu tinha me esquecido disso. Gritei: “Florida! Volte!”.

Ela se virou. “Quem você quer que volte?”, Florida gritou. Eu não precisava de um manual de instruções para saber que aquilo era um teste. Se eu a chamasse de “princesinha”, ela ficaria tão feliz que voltaria correndo. Mas achei que seria melhor ameaçá-la. Berrei: “É melhor você voltar. Senão...”.

“Senão o quê?”

“Isso.” Todos tinham esquecido que eu estava com o sinalizador para pedir ajuda. Tirei-o da mochila e o levantei. “Se vocês não voltarem agora, vou disparar o sinalizador e acabar com a viagem.”

Florida me encarou. Todos me olharam. Eu disse: “Então voltem já. Todos vocês”.

Eles voltaram. Não ficaram felizes com a história, mas voltaram. Florida estava furiosa. “Está *fervendo* aqui. Nunca vamos chegar lá se não andarmos. Vamos morrer fritos. Ou entediados.”

“Tenho certeza de que encontraremos algo para passar o tempo”, eu disse.

“E que tal fazer anjos de areia? Como os anjos de neve.”

Eu me deitei no chão e mexi os braços para cima e para baixo para formar asas. Então me levantei. Não se parecia em nada com um anjo. Parecia uma mancha na areia.

“Ou podíamos escrever coisas engraçadas na areia”, sugeri. “Em letras garrafais. Vamos lá, pensem em algo engraçado.”

Florida pegou a bandeira e usou o mastro para escrever uma palavra em letras enormes: FOME.

Até então, estávamos muito ocupados sofrendo com o vento e a areia para pensar em comida. De

repente, não conseguíamos pensar em nada além daquilo. Reunimos toda a comida que tínhamos conosco.

Tratando-se de suprimentos de emergência para uma viagem ao deserto, não era grande coisa. Florida tinha uma quantidade impressionante de balas. Hasan tinha uma barra gigantesca de chocolate, que tinha derretido e virado uma gosma marrom dentro do pacote. Nós nos revezamos para lambar o alumínio. A gosma ficava mais cheia de areia a cada pessoa.

Samson Two tinha dois ovos crus. “Proteína é importante para o cérebro”, ele disse. Ninguém se interessou muito por eles, mas quando Samson Two os abriu não estavam nada crus. Tinham cozinhado com o calor.

Max havia levado duas bananas. “O café da manhã dos campeões”, disse o pai dele. Estavam assadas. Não demoramos muito para comer tudo o que tínhamos, e as pessoas já estavam ficando inquietas novamente quando Eddie Xanadu disse: “Na verdade, eu trouxe algo que pode ser útil”. Ele abriu a mochila e tirou uma garrafa térmica de lá. Por que alguém precisaria de uma garrafa térmica para manter algo quente no deserto? Quando removeu a tampa, uma fumacinha azul e refrescante saiu da garrafa. Estava cheia de sorvete branco, bem gelado. Todos suspiraram e se aproximaram. Você se sentia refrescado só de olhar para o sorvete.

“É claro”, disse Samson Two, como em uma espécie de sonho. “Fechamento a vácuo pode manter as coisas não apenas quentes, mas também geladas.”

“E cremosas”, completou Eddie. “E com um gosto delicioso de baunilha.” Ele pegou uma colher de chá, cravou no sorvete e deu a primeira mordida para Florida, anunciando: “Primeiro as damas”.

Florida fechou os olhos enquanto o sorvete descia por sua garganta.

“Florida, diga ‘obrigada’”, eu pedi.

“Não precisa me agradecer”, disse Eddie Xanadu. “Mas eu gostaria de receber seu voto esta tarde. Do contrário, não tem segunda colherada!”

Todos os pais começaram imediatamente a gritar “Isso não é justo”, ou “Isso é suborno!”.

“Não é suborno”, disse o sr. Xanadu, sorrindo. “É iniciativa, que, como você disse, *monsieur* Martinet, é o que os vencedores usam. Mas, é claro, se você não quer que seu filho ganhe sorvete...”

A partir de então, todas as crianças começaram a gritar que aquilo não era justo. Eddie Xanadu colocou a garrafa térmica junto ao peito e fingiu estar decepcionado. “Ninguém quer sorvete?”

“TODOS querem”, grunhiu Florida, “e todos votarão em você.”

“Fico feliz de ser tão querido”, disse Eddie.

Eles se empurraram e cavocaram o sorvete até comer a última raspa. Tinha chegado a minha vez quando Samson Two gritou: “Lá está!”.

E lá estava, à nossa frente — e não à esquerda — o prédio, como um grande batom que ia até o céu.

Após alguns minutos, tudo ficou escuro. O sol tinha se posto. Era como se Deus tivesse apagado as luzes. E, então, o prédio parecia cada vez mais claro e próximo, e começamos a andar mais rápido. A luz ao redor do prédio pareceu mudar de amarelo para uma cor prata azulada esquisita, e logo vimos o motivo: subindo por trás do prédio, de modo que no início só enxergávamos a ponta, estava a maior lua que já tínhamos visto. Era tão grande, gorda e redonda que dava a impressão de que, se você continuasse caminhando em direção ao horizonte, acabaria entrando nela.

Por um tempo, ficamos parados observando a lua. Parecia que esperávamos que, depois de lavar o mundo com sua estranha luz azul, ela faria algum outro truque.

Conforme a lua subia no céu, as estrelas foram aparecendo. As estrelas do deserto de Gobi não são as mesmas de Bootle. Para começo de conversa, havia muito mais estrelas — milhões delas —, em agrupamentos e constelações, e elas brilhavam com tanta força quanto o farol de um carro. Caminhamos olhando para o céu, tentando enxergar estrelas cadentes e destacar constelações no caminho até o Parque Infinito.

Enquanto Dinah Drax anotava os votos, Samson One veio em minha direção e disse: “Se não fosse por você, ainda estaríamos lá fora. Quando ninguém quis escutar meu filho, você fez os outros ouvirem. Sem você, talvez estivéssemos mortos”.

“Bom, não sei quanto a isso...” Mas era verdade. Eu tinha completado minha missão. Se estivesse em um jogo naquele momento, teria ganhado muitos pontos de recompensa. Minha vida teria aumentado. E meu ouro. E eu provavelmente teria adquirido novas habilidades. Na vida real, era diferente. Minha recompensa seriam os votos.

É claro que eles não iam votar em Eddie Xanadu só porque ele tinha sorvete. Eles votariam em mim. Eu tinha salvado a vida deles. De todos eles.

“Senhoras e senhores”, anunciou a dra. Drax. “Já temos os votos obtidos depois da nossa pequena excursão de hoje... E o senhor Xanadu recebeu todos. Obrigada.”

PLACAR	
EDDIE XANADU	4
TODOS OS OUTROS	0

Apesar de eu ter salvado a vida deles, apesar de ter encontrado a bandeira e dado a minha água, apesar de terem *dito* que eu era um bom pai, eles ainda votaram no sorveteiro. Até minha própria filha!

Se seu filho adolescente fizer algo que o magoar, sua prioridade é descobrir o motivo. Talvez ele não tenha feito de propósito. Diga para seu filho: “Você me machucou fazendo isso. Quero saber como se sente por dentro”.

Em Converse com seu filho adolescente

Mais tarde, tentei essa técnica com Florida. Perguntei: “Por que você votou em Eddie Xanadu e não em mim?”.

Ela respondeu: “Ele me deu sorvete e você não”.

“Só por isso?”

“É para isso que servem os pais, não? Por que você acha que Papai Noel se chama *Papai* Noel? Ele é um pai, então dá presentes. Os pais dão presentes. É o trabalho deles.”

“O trabalho deles não seria cuidar de vocês? Ou salvar as suas vidas?”

“Não são os pais que fazem isso, Liam”, ela disse, zapeando pelos canais da televisão. “Quem faz isso é o serviço de emergência.”

Não sei o que fazer com a minha calça

Na programação falsa do Centro de Atividades da Região dos Lagos, está escrito: “Terceiro Dia: caminhada por trilha natural e reconhecimento de árvores”.

No nosso terceiro dia no Parque Infinito, a atividade foi: introdução aos trajes espaciais.

Eu me lembro de entrar no prédio Possibilidade explodindo de empolgação. Conversava com Florida sobre meus trajes espaciais favoritos em jogos e filmes. “Você já jogou *Orbiter IV*? As roupas dos astronautas são simplesmente cósmicas...”

“Liam”, interrompeu Florida. “Você não parece um pai.”

“Quê?”

“Pais não jogam *Orbiter IV*. Pais não dizem que coisas são *cósmicas*. E, o mais importante, pais não se empolgam com roupas. Quando você sai para comprar roupas, eles não dizem ‘Ótimo’. Dizem: ‘Nós realmente precisamos ir?’. E aí, quando você chega à loja, eles se sentam do lado de fora dos provadores parecendo entediados.”

Eu disse: “Florida, um traje espacial não é uma roupa. É um *equipamento*. Provavelmente vem com um manual de instrução e tudo o mais. É um *gadget*. Os pais adoram isso. É coisa de homem, não um passeio de menininha no shopping”.

Quando nos viu, a dra. Drax comentou: “Ah, Florida, que bom que você está aqui. Vai ser como se estivéssemos no shopping fazendo compras”.

Então, elas falaram por cerca de dez séculos sobre combinação de cores extraterrestres. Os trajes de decolagem e aterrissagem são sempre laranja berrante, porque laranja é a cor mais visível no mar. Mas Florida estava preocupada que laranja não combinasse com o cabelo absurdamente vermelho dela, e a dra. Drax se identificou com o drama.

“Entendo completamente. Você ia parecer uma tangerina enorme. Por outro lado, uma tangerina enorme seria muito, muito visível.”

Enquanto isso acontecia, todos os pais estavam sentados juntos, entediados. Florida estava certa.

Eddie Xanadu sorriu em minha direção. Ele disse: “Eu estava pensando... De certo modo, você salvou nossas vidas ontem. Você encontrou a bandeira e nos fez escutar o que Samson Two tinha para dizer. Acho que você é um cara legal. É uma pena que eu tenha recebido todos os votos. Espero que não guarde rancor”.

Respondi: “Não, claro que não. Sem rancores”, mas acho que ele entendeu que, no fundo, eu estava dizendo: “Da próxima vez, vamos te pegar, cobrir com seu próprio sorvete e abandonar para ser devorado por formigas assassinas”.

“Bom homem. Espero que se junte a mim para um drinque.” Ele pegou outro frasco térmico, prateado e com suas iniciais formadas por diamantes. “Faz o tempo passar mais rápido”, ele disse. “Não

deixe ninguém ver.” Ele me passou o frasco por trás do jornal que lia.

Não entendi por que ninguém podia ver. Talvez porque todos iam querer, e ele só tinha um pouquinho. O sr. Xanadu comentou: “É feito de ameixa. Vem do vilarejo onde eu cresci. No outono, temos uma grande *fiesta*”.

“Obrigado. Acho que nunca tomei suco de ameixa. Tem gosto de quê? De refrigerante de uva?”

Dei um gole. Não tinha gosto de refrigerante de uva. Tinha gosto da minha garganta sendo queimada por um raio laser. Todos os músculos do meu corpo se retesaram e, depois, relaxaram. Então, meus olhos se arregalaram tanto que eu pensei que fossem cair.

“Bom, hein?”, o sr. Xanadu comentou sorrindo. “Quer mais?”

Tentei responder: “Não, obrigado. Não agora. Nem nunca mais”. Porém, tudo que saiu foi um coaxar ofegante. Isso e meus olhos arregalados me deram a sensação de que eu tinha me transformado num sapo. Só consegui pronunciar a palavra “obrigado”.

A dra. Drax nos deu as roupas de astronauta e disse que tinha chegado a hora de experimentá-las. Tentei dizer “Certo, estou pronto”. Infelizmente, minha mandíbula não abria nem fechava direito. Bem, ela até se abriu, mas não fui capaz de fechá-la depois.

Os trajes de decolagem e aterrissagem não são exatamente roupas de astronauta. Parecem mais salva-vidas que você veste durante a decolagem e a aterrissagem, caso algo dê errado. E algo parecia estar dando errado com a minha roupa, porque todos os outros entraram facilmente nas suas, enquanto eu não me ajeitava com a calça. Enxergava o buraco onde deveria entrar a perna, mas sempre que levantava minha perna o buraco sumia. Levantei a mão e reclamei: “Querida doutora Drax...”. Não sei por que a chamei assim. “Querida doutora Drax, meu traje não funciona.”

“Como assim?”

“Ele está com um problema de funcionamento.”

“Em que sentido?”

“Em um sentido muito, muito ruim, que me deixa com uma dor esquisita na cabeça.”

“Senhor Digby”, ela me interrompeu, de forma severa, “você andou bebendo?”

“Sim! Eu andei bebendo! É isso mesmo. Será que isso afeta o funcionamento delas? Não parece afetar as outras calças. Se você não pode vestir uma calça depois de beber, é um problema técnico. Na minha humilde opinião.”

Eddie Xanadu disse que me ajudaria — e o fez, segurando as pernas da calça para que eu conseguisse enfiar meu pé no buraco. Eu disse: “Senhor Eddie Xanadu, você é meu cavaleiro de armadura brilhante. Meu cavaleiro de armadura brilhante, é isso que você é”.

“Se nos permitem continuar...”, rugiu a dra. Drax. “A parte mais inovadora e útil desses trajes é isso...” Ela apertou um botão na roupa e — primeiro devagar, depois mais rápido — o traje começou a inchar. “O traje é inflável, como podem observar” — o dela continuava enchendo — “é só puxar o cordão, assim.” Todos fizeram isso, e os trajes começaram a inflar. “Eles estarão completamente cheios durante a decolagem e a aterrissagem. Assim, vocês ficarão confortáveis, como ervilhas gigantes em uma nave voadora.”

Meu traje continuava inflando. De repente, notei que todos estavam parados em fila, estáticos e sérios, mas também estranhamente laranjas, como uma linha de tangerinas criminosas numa batida

policial. De repente, senti que precisava bater bem forte em Eddie Xanadu com minha gigantesca barriga laranja. Foi o que fiz. A dra. Drax gritou comigo. “Senhor Digby”, ela berrou, “o senhor precisa crescer!” E, por algum motivo, isso me deixou muito, muito triste. Minha mãe nunca me pediu para crescer. Na verdade, ela queria que eu *parasse* de crescer.

O sr. Xanadu tentou continuar de pé, mas eu bati com muita força nele, que caiu na direção de *monsieur* Martinet. *Monsieur* Martinet caiu em Samson One, e Samson One desabou por cima das crianças. Quando vi, todos — até mesmo a dra. Drax — rolavam no chão como enormes bolas de gude laranja. Todos gritavam pedindo ajuda. Eu tentei ajudar a dra. Drax a se levantar, mas ela me afastou.

“Desinflatem os trajes”, ela gritou. “Não tentem se levantar antes disso!”

Achei que desinflar aqueles trajes ia ser muito engraçado. Imaginei todos nós tirando uma tampinha e saindo voando, como balões. Infelizmente, não era assim que funcionava. Não voamos para lugar nenhum, só murchamos.

Agora percebo que eu não deveria ter tentado consertar a situação correndo em círculos e balançando os braços enquanto fazia barulho de peido com a boca. Compreendo que não foi um comportamento adequado para um pai. Mas, naquele momento, achei que todos se juntariam a mim.

Monsieur Martinet resmungou: “Você está agindo como uma criança outra vez, senhor Digby”.

“Bem, alguém precisa agir assim. E não vão ser essas pessoas que vocês chamam de crianças. Olhem para eles. Todos estão tão *incomodados*. Nem parecem crianças. São como professores em miniatura.”

Eu sabia que aquilo não fazia muito sentido para eles e, por algum motivo, fiquei ainda mais triste, então deitei no chão e dormi.

Pensando bem, não foi um dos meus melhores dias. Mas eu tinha razão quanto às crianças. Hasan falava o tempo todo de dinheiro. Max sempre lutava para ser o primeiro. E Florida se perdia em devaneios sobre combinação de cores. Não eram crianças de verdade. Eram aprendizes de adultos.

Agora que estamos perdidos no espaço eles se comportam como crianças.

Quando acordei, estava na cama. Foi tão inesperado que achei que tinha sido abduzido por alienígenas. Ainda mais porque parecia que alguém estava tentando cavar um buraco no meu crânio. Achei que estava em Bootle e que toda aquela história de Parque Infinito tinha sido um sonho. Por isso gritei: “Pai!” — o que fez minha cabeça doer.

Florida entrou e disse: “Tive a melhor tarde de todas!”.

“O que aconteceu? Por que essa cama é tão pequena?”

Florida me ignorou. “Todos foram muito simpáticos comigo. Eles se sentiram muito mal porque acham que tenho um pai horrível, inútil e alcoólatra. Você sabe que ficou completamente bêbado, né?”

“Bêbado? Mas como?”

“A garrafa do senhor Xanadu. Ele disse que tentou impedir você.”

“Ele não tentou.”

“Todos foram muito legais comigo. Era como se eu tivesse três pais. E fiquei com o melhor traje espacial. É azul. Como o Power Ranger azul. Fiquei ótima com aquela roupa. Azul é a minha cor, sem dúvida.”

Grunhi. “A gente precisa disso?”

“Do quê?”

“De uma conversa de menininha sobre roupas e cores e tudo mais.”

“Trajes espaciais não são roupas, seu idiota. É um equipamento.”

“Ah, sério?”

Então, Florida me contou um monte de coisas incríveis sobre a história dos trajes espaciais. Vou repetir. Florida Kirby me contou um monte de coisas incríveis sobre a história dos trajes espaciais. Isso foi mais inesperado do que ser abduzido por alienígenas.

Ela me explicou que, como o espaço sideral era um ambiente hostil, o traje tem que ser uma espécie de planeta Terra que você pode vestir. O traje disponibiliza oxigênio e mantém o corpo a uma temperatura constante, em vez de deixá-lo congelar ou torrar no espaço. Além disso, ele protege da radiação e mantém a pressão no nível certo. Na Terra, o ar está constantemente pressionando você para baixo, e isso é o que mantém as pessoas inteiras, em um só pedaço. Mas não há pressão no espaço, então é preciso compensar essa falta. De modo geral, isso significa que você precisa usar um traje grandalhão, como um saco, cheio de gás. Então você anda por aí dentro de uma grande bolha de pressão. Funciona, mas você anda meio desengonçado, então os cientistas estão sempre procurando uma maneira de aprimorar o traje — como criar uma roupa de astronauta bem apertada que exerce pressão só porque é apertada demais. Como uma roupa de mergulho, só que mais apertada ainda. O problema é que qualquer traje apertado a esse ponto seria doloroso de usar e difícil de vestir. Mas a dra. Drax bolou uma solução — literalmente. Trajes espaciais líquidos. Trajes espaciais que você passa com um spray. Aparentemente, é como uma tinta grossa, meio grudenta no início, mas depois ela se fixa, transformando-se em algo resistente, mas maleável, parecido com borracha. Florida me mostrou uma foto dela no Draxphone. Ela realmente parecia um Power Ranger. Pelo jeito, antes de passarem o spray, eles colocam cabos pelo corpo todo, com pequenos motores neles, que você ativa com pequenos movimentos. Músculos coláveis, ou, em outras palavras, um sistema que permite que você pule algo como um metro e meio na Terra e talvez seis metros no espaço. Também tem canos e coisas assim para que você possa fazer xixi e tudo o mais sem ter que tirar o traje — pois, para tirar a roupa, você precisa de um spray solvente que demora mais ou menos uma hora. É tempo demais se você está desesperado para ir ao banheiro.

Como eu disse, tudo isso era incrível. Mas a parte realmente impressionante era que *Florida* estava me contando aquilo. Florida Kirby estava falando de pressão do ar e gravidade.

“Florida, como você sabe de tudo isso?”

“A gente só falou desse assunto o dia todo.”

“Sim, mas como você guardou todas essas informações?”

“Não sou burra, sabe? Os outros pais ficaram chocados porque eu não sabia nada sobre pressão e gravidade. E ainda mais chocados porque não sei nadar.”

“Eu não fazia ideia de que você não sabia nadar.”

“Exatamente. Foi o que *monsieur* Martinet disse. Ele acha que você é um bêbado que não se interessa por mim. Tivemos que nadar em uma piscina especial para ver como seria usar o traje em um ambiente em que nosso corpo tivesse outro peso. Eles ficaram muito surpresos com o fato de que eu não sabia

nadar. Falaram que uma das principais tarefas de um pai era ensinar justamente isso ao filho. Eles me ensinaram. Samson One explicou sobre flutuação e *monsieur* Martinet me empurrou para o fundo. O senhor Xanadu disse que compraria uma piscina para mim se eu conseguisse nadar de uma ponta à outra. Todos falaram que era uma tragédia que uma criança especial como eu tivesse um pai descerebrado como você.”

“Posso apenas lembrar que não sou seu pai de verdade? Sou apenas alguém que se sentava na carteira atrás da sua no sexto ano. Quem não ensinou você a nadar foi seu pai de verdade, não eu.”

Soube naquele instante que tinha dito a coisa errada, porque Florida ficou em silêncio. Não quieta como na manhã de domingo. Silenciosa como Varimathras, o Lorde do Terror das Terras Assoladas, preparando-se para usar uma nova arma.

Eu disse: “Florida...”

Ela respondeu: “Não fale comigo”.

“Eu só...”

“Não *fale* comigo.”

“Eu não quis...”

“*Não* fale comigo.”

“Eu nunca nem conheci...”

“Não fale *comigo!*”

“Mas...”

“Nunca mais fale sobre meu pai. Certo? Nem agora nem nunca. Nunca. Meu pai — vou explicar para você — é incrível. Ele viaja pelo mundo todo. Por isso nos deu o nome de lugares distantes. Ele me dá presentes. Ele me chama de princesinha. Ele não esquece meu aniversário!”

Ela saiu apressada, bateu a porta do meu quarto e depois a porta do quarto dela.

Converse com seu filho adolescente tem um conselho sobre o que fazer quando seu filho bate a porta: deixe assim. Não se aproxime. Deixe que a criança se acalme. O livro dava a impressão de que, se tentasse abrir a porta, você se desintegraria ou algo do tipo.

Sentei sozinho e assisti a outra reprise de *Sessão Espírita com Celebridades* — o episódio em que Drácula aparece e reclama que nunca foi compreendido. “Tudo o que fiz foi empalar pessoas, o que não era muito comum na época. A imagem negativa que montaram em cima de mim não passa de invenção da mídia.”

De repente, a porta de Florida se abriu e ela gritou: “Escute aqui. Estou irritada. Você deveria vir ao meu quarto me animar”.

“Hã... não. Batendo a porta, você está deixando claro que tem um espaço só seu, e o melhor que posso fazer é respeitar sua privacidade.”

“Do que você está falando?”

“Está no livro.” Mostrei a ela a parte sobre bater portas em *Converse com seu filho adolescente*.

Ela disse: “Isso funcionaria se tivesse uma televisão no quarto. Mas fiquei entediada lá”.

“Você sempre pode ler um livro.”

Ela ficou me encarando. “Brincadeira...”, eu disse.

Então, Florida continuou me encarando. “Você realmente acha que sou burra, né?” O lábio inferior dela começou a tremer. “Talvez eu seja mesmo.”

Fiquei com medo de que ela fosse chorar. Eu disse: “Florida, não chore. Eu li que, quando seu filho adolescente chora, você precisa dar um abraço nele. Por favor, não me faça te abraçar”.

“Bom, então me elogie.”

Eu disse: “Você não é nada burra. Quem disse uma coisa dessas? Você sabe um monte de coisas, só não são as coisas certas”.

“Do que você está falando?”

“Que você tem uma memória muito boa. Consegue lembrar o nome de centenas de celebridades, quem está namorando quem... Você é muito boa em armazenar e coletar informações. Só que esse tipo de informação que você guarda não é muito útil.”

Florida parecia um pouco melhor. “Foi legal hoje, quando todos ficaram me explicando sobre pressão e coisas do tipo. Eu fiquei pensando... Então é por isso que a gente não se desmonta em milhões de pedaços. Eu nunca tinha pensado sobre isso antes. Você já sabia?”

“Um pouco. Sou da turma avançada.”

“De repente você poderia me ensinar umas coisas. Você deveria ser meu pai, afinal de contas. E os pais costumam ensinar os filhos, não?”

“É o que se espera deles, sim.”

“Só que meu pai tem andado muito ocupado. Porque ele é muito importante. Mas você não está ocupado nem é importante. Pode me ensinar algumas coisas. E eu posso mostrar o que você deve fazer para ser um pai melhor. Porque esse livro só tem bobagem.”

“Tá bom.”

Florida pareceu pensativa por um momento, depois ficou quieta. Então perguntou: “Sabe quando a caixa de entrada do celular fica lotada e você deleta as mensagens antigas? Será que dá para fazer isso com o cérebro?”

“Hum... não sei. Por quê?”

“Porque meu cérebro está cheio de informações inúteis, e eu estava pensando em apagar todas e colocar informações úteis no lugar. O que você acha? Ou talvez as coisas novas e legais automaticamente expulsassem as velhas. Como se, quando aprendesse sobre gravidade, eu esquecesse a suposta luta de Jennifer Aniston contra a depressão.”

“Você não precisa apagar nada. Seu cérebro tem muito mais capacidade de armazenamento do que um telefone celular. Dá para colocar informações novas sem se preocupar em apagar as antigas.”

Florida sorriu. Ela parecia mudada. Mais feliz do que a tinha visto em anos. “Então posso ser inteligente e burra ao mesmo tempo? Legal!”

Ah. Estranhamente, alguém votou em mim naquele dia. Todos receberam um voto. Pensei que o meu tinha sido de Florida, mas ela negou. Deve ter sido alguém que achava que um bom pai não sabe vestir a própria calça.

PLACAR	
EDDIE XANADU	5
M. MARTINET	1
SAMSON ONE	1
EU	1

O cometa do vômito

Quando o despertador me acordou na manhã seguinte, eu continuava com a sensação de que alguém queria perfurar minha cabeça. Florida me explicou que aquilo se chamava ressaca. Você fica de ressaca quando bebe muito álcool. Ela disse que a melhor cura era um café da manhã cheio de fritura. “Mas não vamos comer nada hoje de manhã, porque vamos em um dos brinquedos.”

“Meus dias de parque de diversões acabaram.”

“Liam, você está de ressaca. Não é nada de mais, se você é adulto. Eles ficam de ressaca o tempo todo. É só beber café e fazer alguma piada sobre o assunto quando encontrar alguém.”

“Certo. E Florida... obrigado.”

Apesar de ainda não estar terminado — havia pessoas escavando e trabalhadores por todos os cantos —, dava para ver que o Parque Infinito ia realmente ser o maior parque de diversões da história. Havia jardins, lagos e muitas atrações quase terminadas com cara de foguete. A entrada era um grande arco formado por dois foguetes se encontrando. Do lado de fora dos portões, só havia o deserto bege sem fim e as montanhas. Lá dentro, tudo tinha cores vibrantes, e havia árvores e cachoeiras.

Enquanto íamos no micro-ônibus com esteiras, a dra. Drax se comportou como um guia de turismo. “No Parque Infinito”, ela disse, “algumas atrações não são as típicas dos parques de diversões. Elas podem ser exigentes e perigosas, por isso você precisa treinar antes de andar nelas. Então vocês devem fazer exatamente o que for pedido, o tempo todo. Sinto muito, mas a seguradora nos obriga a dizer isso. Alguma dúvida?”

Hasan levantou a mão. “Podemos tomar café da manhã agora?”

“Não. Alguma outra pergunta?”

“Podemos comer batatinhas?”

“Não. Nada.”

“Por quê?”

“Vocês vão ver.”

Ela nos levou para uma espécie de campo que tinha foguetes em vez de árvores, como um orquidário de foguetes. No final dele, havia um avião.

“Parece um avião comum”, disse a dra. Drax, “e não é muito diferente daqueles que vocês pegam nas férias para viajar. Só que não tem janelas. E não vai levar vocês para outra cidade. Ele vai fazer uma parábola. Muitas parábolas, na verdade. Alguém sabe o motivo?”

Samson Two levantou a mão. “Gravidade zero.”

“Você é muito inteligente, Samson Two.”

“Na verdade”, anunciou Samson One, “ele é oficialmente um gênio...”

“Hoje”, continuou a dra. Drax, ignorando-o, “vocês vão ter um gostinho da sensação de ficar sem

peso. Empolgados?”

Nós estávamos.

“Alguma outra dúvida?”

“E se dividíssemos um pacotinho de batata entre nós?”, perguntou Hasan.

“Hasan”, respondeu a dra. Drax, “o nome oficial deste avião é Draxcom Estrela Zero. Mas as pessoas que o testaram deram um apelido mais informativo a ele: Cometa do Vômito.”

“Ah.”

“Porque a maior parte das pessoas que andam nele vomita.”

“Ah.”

“Então, nada de batatinhas.”

“Não.”

O lado externo do Cometa do Vômito parecia idêntico ao de um avião normal, mas a parte interna era muito diferente. Só havia um assento — um banco comprido com cintos de segurança. As paredes estavam completamente cobertas de almofadas brancas enormes, e não havia mais nada dentro dele, apenas um grande espaço vazio. “Vocês podem pensar neste avião”, disse a dra. Drax, “como uma espécie de berço acolchoado. É um pensamento reconfortante, não? Os sacos de vômito estão embaixo dos assentos. Boa sorte.”

Enquanto colocávamos o cinto de segurança, Florida sussurrou: “O que ela quer dizer com ‘sem peso’? Vamos perder peso?”.

“Mais ou menos...” Comecei a explicar sobre a gravidade, mas aí os motores ligaram. E estávamos decolando. Não era uma decolagem normal. O Cometa pareceu alçar voo por um tempão. Tínhamos que nos segurar no banco para não deslizar. E o zunido nos ouvidos era tão alto que achei que fosse ficar surdo. Minha cabeça parecia que ia explodir. Não foi uma experiência prazerosa. Ninguém queria pensar no que ia acontecer, o que não foi fácil, pois Samson Two tentava impressionar Florida descrevendo tudo, de como subiríamos até uma altura incrível e depois desceríamos a uma velocidade muito maior do que se o avião estivesse simplesmente caindo.

Max gritou: “Pai, peça para ele parar quieto!”.

Monsieur Martinet olhou com severidade para o filho e disse: “Max, não adianta se esconder do medo. Ele encontrará você. É preciso encará-lo nos olhos, dar um ‘oi’ e continuar caminhando. Lembre-se: o medo é o maior inimigo da coragem”.

“Sim”, gritou Samson Two, “você precisa entender que está sentindo mais medo que o normal porque a diferença de gravidade age sobre sua glândula pituitária. Ela está sendo esmagada, então libera mais adrenalina do que costuma. É melhor simplesmente curtir o momento.”

Max gaguejou: “Mas...”.

“Max”, cortou o pai dele, “você TEM que aproveitar!”

“QUERO SAIR!”, berrou Hasan.

“Sabe”, comentou Eddie Xanadu, “tem brinquedos como esse nos Estados Unidos. Só que uma volta neles custa quatro mil dólares. Não pense nisso como uma experiência assustadora, mas como uma pechincha.”

Florida estava apertando com força meu braço. Mas eu não me sentia mal. Quanto mais alto subíamos, mais meus ouvidos doíam, e mais eu pensava que já tinha passado por essa sensação antes. Então lembrei onde tinha sentido aquilo. Virei-me para Florida e disse: “É um tobogã”.

“Quê?”

“É só um tobogã gigante. Sabe? Demora um tempão para você subir até o alto, aí você desliza e...”

“Ah, sim”, disse Florida, soltando um pouco meu braço.

“É um tobogã de seis mil metros de altura. A única diferença é que você não se molha no final.”

Ela sorriu de orelha a orelha. Pensar no avião como um tobogã mudava tudo. De repente, o zumbido em nossos ouvidos não era mais da pressão do ar, mas da emoção enchendo nossa cabeça como se fosse um balão. Uma voz no alto-falante anunciou: “Estamos nos aproximando do ápice da parábola. Por favor, soltem os cintos de segurança e se preparem para o interlúdio de gravidade zero”.

“É isso!”, exclamou Florida, e me soltou completamente, colocando os braços para o alto e gritando, como se estivesse no tobogã. Ao contrário de *monsieur* Martinet, que apertou meu braço com força.

“Gostaria de lembrar a todos”, anunciou a voz no alto-falante, “que os sacos para enjojo estão embaixo dos assentos.”

Monsieur Martinet ainda não tinha soltado meu braço. Ele não tinha soltado o cinto de segurança nem pegado o saco de vômito. Ficou apenas sentado, respirando fundo com os olhos fechados. Tentei tirar os dedos dele de cima de mim.

E, então, aconteceu.

Eu me levantei, libertando-me de *monsieur* Martinet, e tentei caminhar. O primeiro passo foi mais comprido do que eu imaginava. O segundo foi ainda mais, e no terceiro eu simplesmente decolei.

Por um segundo, voei pelo avião como se fosse o Super-Homem. Mas meus pés continuavam subindo, então acabei fazendo o primeiro salto mortal duplo que fiz em toda a minha vida. Gritei “Uhuu!” ou algo do tipo. Quando terminei o salto, estava de frente para Florida. Ela me empurrou e gritou: “Peguei!”, como num jogo de pega-pega. O empurrão me fez girar para o lado contrário. Quando vi, estava em frente a Samson Two. Antes mesmo de pensar, toquei nele, continuando o jogo. Ele parecia completamente surpreso e confuso. Tentei nadar para o outro lado — essa era a sensação, de nadar pelo ar —, mas, de repente, tudo tinha acabado. Um dos meus pés tocou o chão e, antes que eu me desse conta, todos estavam de pé novamente. Exceto *monsieur* Martinet, que continuava amarrado ao assento.

Florida resmungou: “Por que chamam de Cometa do Vômito? Ninguém passou mal!”. Ela parecia esperar que eu fizesse algo quanto a isso.

Então, a voz do alto-falante disse: “Essa foi a primeira parábola. Por favor, preparem-se para a segunda”.

“Tem mais!”, gemeu *monsieur* Martinet, agarrando de novo meu braço.

Então, tudo aconteceu outra vez. O avião subiu, nossos ouvidos doeram, Hasan disse que queria sair e todos começaram a flutuar de novo.

Alguém bateu nas minhas costas e isso me fez sair dando cambalhotas pelo avião. Quando minha cabeça voltou à posição normal, pude ver Samson Two sorrindo e gritando: “Peguei você também!”. Ele fez um sinal de positivo.

De repente, uma voz berrou: “Parem!”. Lá estava *monsieur* Martinet, ainda de cinto de segurança, mas flutuando um pouco, como um balão preso a uma corda. “O piloto perdeu o controle”, ele ganiu. “É uma emergência! Precisamos de ajuda! Precisamos...” Porém, em vez de palavras, uma bola de vômito saiu da boca dele, e ficou planando no avião como um pequeno planeta verde.

“Olhe!”, berrou Florida, apontando para o vômito como se fosse a coisa mais impressionante da história. Ela ficou na frente dele, abriu o saco de enjoo e deixou o vômito entrar ali.

“Gol!”, ela comemorou.

Quando estávamos de pé novamente, Florida me mostrou o saco e comentou orgulhosa: “Peguei!”.

“Eu sei.”

“Quer ver?”

“Na verdade, não.”

Ela também tentou mostrar o vômito para a dra. Drax quando pousamos. Tentei desestimulá-la. “Florida”, alertei, “tenho certeza de que ela não vai querer ver isso.”

“Ah, mas eu quero, eu quero”, respondeu sorrindo a dra. Drax. “Fiquei vendo pelos monitores e preciso confessar, Florida, que fiquei impressionada com a agilidade e a coordenação que você exibiu ao capturar o pequeno acidente de *monsieur* Martinet. Acho que você tem tudo para ser uma excelente taikonauta.”

Florida ficou reluzente, num cor-de-rosa quase radioativo, e olhou ao redor para confirmar que todos estavam ouvindo aquilo. Ninguém estava. Todos olhavam para o avião. Uma menininha com o cabelo preso por uma fita e as mãos fixas ao lado do corpo descia dele. Pensávamos todos a mesma coisa: como ela tinha ido parar ali? Onde ela estava enquanto flutuávamos? Ela aparentava ter a idade de Florida, mas, pela maneira como ficou parada ao lado da dra. Drax, me lembrou a sra. Sass no palco — ereta e estática, esperando que todos ficassem em silêncio.

“Ah”, disse a dra. Drax, “gostaria de apresentar minha filha, Shenjian. Ela pilotou o avião de vocês hoje.”

Eddie Xanadu comentou: “Isso com certeza é mais uma de suas piadas”.

“De jeito nenhum. É disso que se trata o Parque Infinito”, respondeu a dra. Drax. “Dar às crianças a oportunidade de mostrar o que sabem fazer de melhor. Apesar de Shenjian ter apenas treze anos...”

“Treze?!” exclamou, perplexo, *monsieur* Martinet.

“... ela pilota muito bem.”

Todos ficaram boquiabertos.

Shenjian disse: “O Parque Infinito acredita nos jovens. Por isso comecei a treinar aos nove anos de idade. Os astronautas do futuro devem ser jovens, para que a humanidade possa fazer jornadas mais longas. Eu sou o futuro”.

Dava para ver que a dra. Drax estava curtindo o fato de que tínhamos ficado muito impressionados.

“Alguma dúvida?”, ela perguntou.

Florida disse: “Que macacão lindo! Adorei os detalhes nos bolsos. A gente também vai ganhar um desses?”.

“Talvez.”

“Parece coisa de astronauta. Eu adoraria ter um.”

“Alguma dúvida que não seja sobre roupas?”, cortou a dra. Drax.

“Isso é muito inspirador”, disse Samson One. “Samson Two consegue fazer coisas que muitos adultos não conseguem. E, quando tinha apenas treze anos, Alexandre, o Grande, já era um líder importante. Embora, é claro, não soubesse pilotar aviões. Porque eles não tinham sido inventados ainda.”

Depois disso, os adultos tiveram que ir à clínica para fazer exames de sangue e de pressão.

“Senhor Digby”, disse a médica, quando chegou minha vez, “você tem o metabolismo de uma criança de doze anos. Precisa nos contar seu segredo.” E ela piscou para mim!

Monsieur Martinet era o próximo da fila. Ele comentou: “Acho que ele também tem o cérebro de uma criança de doze anos. Quando a garota perdeu o controle do avião, ele tentou brincar de pega-pega!”.

“Ela perdeu o controle do avião?”, perguntou a médica. “Ouvi dizer que tudo correu muito bem.”

“Eles têm que dizer isso”, explicou *monsieur* Martinet, “por causa do seguro.”

Florida me esperava do lado de fora da clínica, o que era muito incomum, porque ela costumava ser imediatamente atraída pela televisão mais próxima. Ela ainda estava reluzindo em cor-de-rosa radioativo de empolgação e sorria de um modo que me deixava preocupado. “Como aquilo aconteceu?”, ela perguntou.

“O quê?”

“Como você começou a flutuar daquele jeito?”

Ela estava sendo simpática. Minha experiência com os jogos de computador me deixou em estado de alerta: eu suspeitava que aquilo não passava de uma armadilha. Ainda assim, estava curtindo o jeito respeitoso como ela me tratava. Comecei a explicar sobre o fato de a Terra ter uma gravidade que mantém você preso ao chão, e sobre como você tem menos gravidade quando se afasta da Terra, então pode flutuar.

“Sim, mas o que é a gravidade? Quero dizer, como funciona?”

“Bom, todos os objetos exercem gravidade. E objetos grandes como os planetas têm gravidade o bastante para atrair as coisas na direção deles. Como a Terra atrai a Lua e a Lua atrai o mar.”

“Do que você está falando? A Lua atrai o mar?”

Tentei explicar as marés, mas, quanto mais eu tentava explicar, mais notava que eu mesmo não dominava o assunto.

“Liam”, ela me interrompeu, “no fundo você não sabe, né?”

“Não.”

“Hoje de noite a gente entra na Wikipédia e descobre.”

“Você sabe que hoje é dia de *Dentista das Celebidades* na televisão, né?”

“Deixa isso pra lá. Hoje é o episódio com o Tom Cruise, em que eles descobrem que os dentes dele são falsos. Como se não desse para notar.”

Eu tinha certeza de que ia conseguir todos os votos. Afinal de contas, era o único adulto que tinha gostado da gravidade zero. Mas só consegui um voto. Na verdade, todo mundo recebeu um voto de novo. “Qual é o sentido da votação? Quem é que vai votar contra o próprio pai? A não ser quando é subornado com sorvete.”

“Eu não votei em você”, disse Florida.

“O quê?! De novo? Por quê? Você disse que ia me ajudar.”

“Votei em *monsieur* Martinet.”

“Você... quê? Por quê? Ele estava apavorado! Passou mal na pista de decolagem! Ele *vomitou*.”

“Eu sei. Não foi demais?”

PLACAR	
EDDIE XANADU	6
M. MARTINET	2
SAMSON ONE	2
EU	2

Astrofoca

Naquela tarde, Florida passou, de fato, um tempão na Wikipédia tentando aprender sobre gravidade e viagens espaciais.

Ela leu as páginas certas, mas seu cérebro simplesmente tinha a capacidade de transformar tudo em televisão. Então, Florida acidentalmente inventou uma nova área do conhecimento: a astrofoca. Ela me contava coisas do tipo: “Saca só: Valentina Tereshkova — ela foi a primeira mulher no espaço, esteve no *Vostok 6* — se casou com um homem do espaço...”.

“Astronauta.”

“Cosmonauta. E eles tiveram um filho espacial! Vai dizer que não é fofo?! Um cosmonautinha.”

Eu preferia quando ela falava sobre o cachorro fantasma da Britney.

A gravidade não é um monstro qualquer

No meio do Parque Infinito há um domo, o Domo Infinito. A parte externa é espelhada, portanto, quando você caminha em direção a ele, parece que está caminhando em direção a si mesmo. A entrada é por uma porta estreita, e os espelhos ao redor são curvados. Quando você se aproxima, tem a impressão de que está se fundindo a seu próprio reflexo, como se estivesse entrando em um portal para outra dimensão. Lá dentro, é totalmente cósmico. Os melhores brinquedos ficam no domo. Não são como as outras atrações de parques de diversões. Os nomes dos brinquedos estão relacionados à história da exploração espacial: há o Grande Salto, o Lago do Medo, o Mar das Tempestades.

O maior de todos — o Vortex — parece um liquidificador da Terra dos Gigantes. Quando chegamos ao domo naquela manhã, o Vortex girava tão rápido que parecia estar prestes a se soltar e sair voando. Um homem mais velho chamado sr. Bean era o responsável pela máquina. Quer dizer, ele parecia velho, mas também parecia jovem — seus olhos eram claros e brilhantes, e ele caminhava como se não tivesse peso. O sr. Bean nos deu um grande “olá” quando entramos e apertou alguns botões, fazendo a velocidade do Vortex diminuir.

“Vocês não vão acreditar no que tem aí dentro”, a dra. Drax comentou sorrindo.

Ninguém fazia ideia do que podia estar dentro de um liquidificador de seis metros. A dra. Drax fez um sinal para o sr. Bean. Ele piscou para nós, e então apertou outros botões. A porta se abriu, uma rampa apareceu e, descendo a rampa, estava... Shenjian.

Todos ficaram boquiabertos. “Você estava aí dentro?!”, perguntou Florida. “Como isso é possível? Se me girassem desse jeito, eu viraria sopa.”

“O Vortex”, explicou a dra. Drax, “é uma grande máquina de lavar. Quando estiverem prontos, vamos colocar todos aí dentro, e vocês vão rodopiar até se sentirem como um par de tênis velhos. O que acham?”

“Não parece agradável”, respondeu Florida.

“Com certeza não vai ser agradável. No início. Mas logo vão aprender a lidar com o movimento, assim como Shenjian. Olhem, ela nem está tonta.”

Shenjian se curvou outra vez, para mostrar que não tinha virado sopa e nem estava tonta.

“Ontem nos divertimos muito sentindo como é ter menos gravidade que o normal. Hoje, vocês vão ver como é ter *muito* mais gravidade. É isso o que acontece quando vocês rodopiam na centrífuga. Empolgados?”

Não sei por que, mas a ideia de girar em uma máquina de lavar gigantesca não parecia tão emocionante quanto flutuar dentro de um grande avião.

Florida ainda estava tentando entender aquele lance todo de gravidade. “Se menos gravidade faz você flutuar”, ela disse, “então, mais gravidade faz você afundar?”

Samson Two gargalhou. Max segurou uma risada. Samson One revirou os olhos. *Monsieur* Martinet deixou escapar um ronco.

Alguns dias antes, eu também teria rido, mas tudo tinha mudado. “Não, Florida, você não vai afundar no chão. Só vai se sentir pesada”, expliquei.

“Você vai sentir 15g”, contou a dra. Drax. “Quinze vezes a gravidade normal.”

Era o triplo da gravidade que o Cósmico produzia. Tentei imaginar uma versão do brinquedo que tivesse o triplo do tamanho. O operador tinha dito que muitas pessoas passavam mal com 5g. Íamos sentir o triplo de gravidade. Ia ser realmente assustador.

O sr. Bean abriu completamente as portas de aço. Lá dentro havia um grande braço metálico com um assento pequeno em cada ponta. Se Orgrim Doomhammer, o Lorde Orc de Durotar, tivesse construído uma gangorra, seria mais ou menos daquele jeito.

“Então”, continuou a dra. Drax, “você vão pesar quinze vezes o que costumam pesar.”

Florida levantou a mão e perguntou: “Isso quer dizer que a gente vai engordar?”

Todos gargalharam de novo.

Florida não reagiu. Ela sabia que iam rir dela e ainda assim fez a pergunta. Porque queria aprender.

Eu disse: “Você vai ganhar peso, mas vai perder de novo quando voltar à gravidade normal”. E então complementei: “Certo, princesinha?”

Ela sorriu para mim. “Certo, papai”.

A dra. Drax continuou: “Sei que 15g parece uma quantidade absurda de gravidade, mas o corpo aguenta mais do que isso. David Purley, o piloto de corrida, experimentou 180g e sobreviveu para contar a história. Se ele consegue, vocês também conseguem”.

“Parece uma quantidade absurda de gravidade para um carro. Como ele conseguiu?”, perguntou Samson One.

“Ele dirigiu reto em direção a uma parede de tijolos com a válvula de combustível completamente aberta. Estava a 172 quilômetros por hora. Então... quem vai ser o primeiro?”

“Tem certeza de que ele sobreviveu?”

“Sim. Ou será que não? Não lembro. Seja como for, os foguetes são muito mais seguros do que os carros.”

“Tem certeza que os foguetes são mais seguros do que os carros?”, perguntou Samson Two.

“Claro que são”, respondeu Florida. “Não tem paredes de tijolo no espaço, tem?”

Monsieur Martinet queria que Max fosse o primeiro, porque “é isso que significa ganhar”. Mas Max se recusou. E quando o pai dele tentou empurrá-lo, ele ficou gritando: “Não, eu não quero!”.

Monsieur Martinet sussurrou: “Você está me envergonhando”.

Eddie Xanadu tentou subornar Hasan para ser o primeiro, mas ele também não se mexeu. “Você está me fazendo parecer idiota”, grunhiu o pai.

Samson One tentou explicar a Samson Two que a gravidade era apenas uma força natural e que não precisava ter medo dela. O discurso não funcionou, apesar de o pai ter resmungado: “Pense em sua reputação”.

“Acho que a gente deveria ser os primeiros, para mostrar que somos uma boa equipe”, eu disse a Florida.

“Não vou entrar lá.”

“Você já andou no Cósmico?”

“Não. Eu era baixinha demais, lembra?”

“E no Pepsi Max?”

“Tinha muita fila.”

“E no Traumatizador?”

“Fiquei com medo.”

“Bom, eu já andei em brinquedos grandes, e o Vortex é apenas isso, um brinquedo grandalhão. E sabe qual é a pior coisa dos brinquedos grandes?”

“O quê?”

“A fila. A espera. A expectativa. Ver todo mundo gritando e ficando verde. Essa é com certeza a pior parte. É muito melhor ser o primeiro. E, se nós formos os primeiros, todos os outros, todos os que riram de você vão ter que ficar aqui parados, vendo a gente e ficando cada vez mais assustados.”

Ela gostou da ideia.

No caminho para a máquina, passamos por *monsieur* Martinet, que cutucava o peito de Max, Eddie Xanadu, que sacudia um bolo de dinheiro na frente de Hasan, e Samson One, que desenhava um diagrama para provar a Samson Two que a gravidade não era assustadora.

“Florida Digby”, disse, sorrindo, a dra. Drax, “você realmente tem o que é preciso para ser um taikonauta.”

O sr. Bean entrou no Vortex conosco para mostrar como deveríamos nos prender aos assentos. Cada um ficava numa ponta, e o meu, claro, era pequeno demais. Tive que apertar bem as pernas para conseguir entrar. Quando já estávamos sentados, Florida começou a ficar nervosa. “Senhor Bean, alguém já morreu andando nisso?”, perguntei.

“Nessa velharia? Não, senhor. Ninguém.” Ele encaixou uns fios na ponta dos nossos dedos.

“Por favor, não diga que há uma primeira vez para tudo.”

“Bom, vou fazer o que puder para que vocês não sejam os primeiros. Monitorarei seus batimentos cardíacos e esse tipo de coisa. Se começarem a passar mal, paro a máquina.”

Por um tempo, nada aconteceu. Só havia o mais profundo silêncio. Florida confessou: “Agora eu estou assustada de verdade”.

“Mas pense: se estamos assustados *de verdade*, eles devem estar assustados de verdade *mesmo*. E, daqui a alguns minutos, não vamos mais sentir medo. Vai ficar tudo bem, princesinha.”

“Na verdade, você pode parar de me chamar assim. Você fica meio estranho quando fala isso. Mas obrigada, de qualquer forma.”

Escutamos um PANC ensurdecedor. Nós dois gritamos. Nossas cadeiras deram um salto para o lado e pararam.

Ufa! Pensei. Está quebrado.

E, então, começou.

Se você já andou no Cósmico, sabe como é lidar com 4g. Você se sente um pouco enjoado e assustado, mas se abrir os braços e fingir que está voando se sentirá melhor. Enquanto voa, você pensa: “Isso é horrível, mas não tem como ficar pior”. Fica mais fácil a cada segundo.

Mas o Vortex era diferente. Nele, 4g era apenas o início.

Uma voz no alto-falante anunciou que agora estávamos em 5g. Você não consegue abrir os braços em 5g. Nem mexê-los. Parece que o ar se transformou em concreto e você está preso nele. É difícil de respirar, mas você pensa: “Deve estar quase acabando. Daqui a pouco a velocidade vai diminuir”. Mas a velocidade não diminui. Só aumenta.

A voz anunciou que tínhamos chegado a 8g. Meus globos oculares pareciam uvas-passas murchas. Eu não conseguia enxergar nada além de um borrão. Mas não paramos. Aceleramos.

Em 12g você se sente achatado, bidimensional, como Comichão e Coçadinha quando são esmagados por um rolo compressor. Pensei que tinha morrido. Estava gostando da ideia de estar morto quando ouvi mais uma vez a voz no alto-falante anunciando que estávamos em 15g. Não parecia uma frase comum. Parecia furar minhas orelhas, constante como o barulho de um pião. E então, meu peito explodiu. Parecia que o meu corpo tinha se dividido em milhares de pedaços, mas o ar era tão grosso que eles não conseguiam se espalhar, por isso meu corpo mantinha sua forma.

E, então, a velocidade diminuiu.

E isso também me lembrou de Comichão e Coçadinha, quando o rolo compressor passava e alguém aparecia com uma bomba de ar e enchia os dois até voltarem ao normal. Incrível. Por um minuto, eu não disse nada, porque pensei que, se abrisse a boca, poderia desinflar. Olhei para Florida e ela disse algo como: “Hahahahahahahahaha!!!! Uhuuuuu!”.

E eu disse: “Tchu-ru-ru-ru-ruuu”, que é algo que eu não costumo dizer.

A porta se abriu. Eu estava tão orgulhoso de nós dois que tentei sair caminhando tranquilo. Infelizmente, tinha perdido a capacidade de controlar meus movimentos e acabei andando meio na lateral.

“Sente-se, Florida. Sente-se, senhor Digby. Descansem um pouco. Vocês foram muito bem.”

Acho que ela queria que eu e Florida nos sentássemos numa cadeira ou algo assim, mas no momento em que ela disse isso minhas pernas e as de Florida se afrouxaram. Desabamos no chão.

Monsieur Martinet ainda estava implicando com Max.

Eddie Xanadu implorava para a dra. Drax que Hasan não precisasse andar no Vortex. “Meu queridinho realmente não quer.”

“Sinto muito, mas seu queridinho não tem escolha. A não ser que ele não queira viajar para o espaço sideral.”

Tem gente que realmente não CONSEGUE CONTROLAR os filhos, pensei. Todos ficaram quietos e olharam para mim. Pelo jeito, eu não tinha pensado, mas dito em voz alta. Muito alta.

“Então”, retrucou *monsieur* Martinet, “você acha que faz melhor?”

“Acho que já fiz.” Dei de ombros e apontei para Florida. Ela deu tchauzinho, tímida.

Acho que eu deveria ter parado aí. Mas, depois que ele disse aquilo, realmente me dei conta de que eu podia fazer melhor. Samson Two ficava repetindo: “*Não vou. Não vou. Não vou. Não vou*”. E pensar que eles tinham rido de Florida! Imaginei que o pai dele aprenderia uma boa lição se eu o convencesse a entrar no Vortex.

Decidi encarar o desafio. “Ei, Samson Two, qual é o brinquedo mais assustador em que você já andou?”

Ele me fitou com o rosto sem expressão.

“Você já foi em uma montanha-russa com *looping*?”

“Não.”

“Em uma montanha-russa comum?”

“Não.”

“Bungee-jump?”

“Eu já brinquei de gangorra.”

“Gangorra?”

“Não em uma gangorra de verdade... Era um modelo usado para demonstrar a ação de vetores com um eixo no meio. Quando meu pai não estava olhando, eu sentei na gangorra. Desculpe, pai.”

“Então não tinha ninguém do outro lado da gangorra?”

“Não. Mas eu resolvi facilmente esse problema me jogando para cima com as pernas, funcionando como um vetor.”

“Esse foi o único lugar em que você brincou? Uma gangorra de um lado só?”

“Foi divertido.”

Por isso ele estava assustado. Imagine entrar em algo como o Vortex se você nunca nem brincou de gangorra direito. Tentei explicar a ele sobre o parque de diversões, sobre como, dali a alguns meses, o domo estaria lotado de pessoas gastando dinheiro e fazendo fila, desesperadas para andar no Vortex. Por diversão.

“Mas elas não vão ficar com medo?”

“Vão, sim. Vão ficar apavoradas. É uma sensação boa. Dá um arrepio. E as pessoas vão vir com os amigos, e os amigos vão provocar e lançar desafios. Nós só estamos na frente da fila.”

Ele olhou para o Vortex e disse: “Tá bom, eu vou”. Sorri para Samson One, pensando: *Quero ver você rir da gente agora*. Então, Samson Two disse: “Desde que você vá comigo”.

“Quê?”

“Você disse que é divertido. Imagino que queira ir de novo.”

“Bem, mas não seria... não seria justo tirar a vez do seu pai.”

“Eu não me importo”, respondeu Samson One, um pouco rápido demais.

“Bem, não sei se a doutora Drax concordaria.”

“É difícil discordar dele, senhor Digby”, ela disse. “Como você já descansou, não tem por que não ir de novo.”

Não foi tão ruim na segunda vez. O único problema foi que, quando chegamos na parte em que parecia que o Tempo congelava, eu só conseguia pensar: *Esse assento é pequeno. Estou desconfortável e não consigo me mexer.* Então, aquele pensamento grande e triste ficou ali parado, no meu cérebro, por décadas, dominando qualquer outro pensamento e fazendo tudo parecer pior do que era. Então, se você tiver que suportar um período prolongado com muito mais peso, minha dica é que tente pensar em coisas alegres.

Quando terminou, Samson Two ficou um bom tempo tentando recuperar o fôlego. Então, ele perguntou: “Acabou?”

“Sim. O que você achou?”

“Foi muito... informativo.”

“Informativo?”

“Sim. A gravidade não tem nada a ver com o que mostram nos diagramas.”

Quando saímos nada tinha mudado, apesar de ter parecido que tínhamos ficado anos lá dentro. Hasan continuava dizendo ao pai que não iria no Vortex e *monsieur* Martinet continuava cutucando Max no peito e o chamando de perdedor. Max não dava bola. Até me ver. Então ele disse: “Eu vou”.

“Isso é que é ser um bom garoto, Max”, disse *monsieur* Martinet, lançando um olhar para o sr. Xanadu. Dava para notar que, quando ele disse “Isso é que é ser um bom garoto”, na verdade ele estava dizendo “Melhor que o seu”.

“Desde que eu vá com ele”, Max disse, apontando para mim.

Quando eu entrei no Vortex pela terceira vez, tentei me concentrar em pensamentos alegres e em todas as coisas incríveis que tinha conseguido desde que resolvera fingir que era adulto — caminhar pelo deserto de Gobi, dirigir um carro e voar de avião, quando eu deveria estar no playground da Escola Waterloo. Max se inclinou em minha direção e confessou: “Votei em você da última vez”.

“Sério?!” Eu tinha me perguntado quem havia votado em mim. Nunca imaginei que tinha sido ele.

“Votarei de novo em você. Porque quero que vá com a gente. Não meu pai. Quero que você vá, porque você é um perdedor.”

“O quê?”

“Um perdedor.”

“Não sou um perdedor. Sou da turma avançada.”

“Quando você desceu a duna, foi engraçado”, ele disse. “E quando você rolou pelo chão com a roupa de astronauta, lembra?”

“Não dos detalhes.”

“Quando você faz coisas idiotas...”

“Não foram idiotas. Eu só...”

“Pode fazer algo idiota hoje? Por favor?”

“Farei o melhor que posso.”

“Valeu!”

E, então, PANC.

Lá íamos nós de novo. Só que, dessa vez, quando chegamos à parte da eternidade, eu não fiquei pensando sobre voar ou caminhar pelo deserto. A palavra “perdedor” ficou grudada no meu cérebro e ali permaneceu.



Quando saímos, Hasan ainda insistia que não queria andar. A dra. Drax disse: “Se ele precisa de mais tempo para se preparar, talvez seja uma boa oportunidade para que os outros pais andem no Vortex. Samson One e *monsieur* Martinet podem ir juntos, e o senhor Xanadu pode ir depois com Hasan”.

Eles pareceram não gostar da ideia, mas o que podiam fazer? Entraram, e eu assisti a tudo do lado de fora. Para começar, a máquina de lavar começou a centrifugar como se tivesse roupas de tecido delicado dentro. E, então, acelerou para a velocidade em que se lava roupas de algodão. Então, atingiu uma velocidade preocupante, tipo de uma secadora. De repente, começou a frear outra vez. “O que aconteceu? Algo deu errado?”, perguntei.

“Não”, respondeu a dra. Drax. “Esse é o ciclo completo. Eles ficaram tanto tempo quanto você.”

“Mas eu fiquei muito mais tempo do que isso.”

“Eles ficaram exatamente o mesmo tempo: seis minutos, sendo um minuto em 5g.”

“Um minuto?!”

“Sim, por quê?”, perguntou a dra. Drax enquanto examinava as próprias unhas. “Pareceu mais?”

Tinha parecido um capítulo inteiro da minha vida. Tipo todos os anos que eu tinha passado no ensino básico.

Florida estava toda empolgada com a possibilidade de os pais saírem do Vortex enjoados. Mas isso não aconteceu.

Hasan olhou para mim e disse: “Todos que andaram foram com você. Quero ir também”.

“Estou um pouco cansado.”

“Que injusto. Todos foram com você. Por que só eu não posso?”

A dra. Drax disse que achava que eu realmente já tinha feito a minha parte naquele dia.

“Pai, diga que ele precisa ir comigo”, ordenou Hasan.

“Sinto muito, mas seu pai não pode pedir isso”, disse a dra. Drax. “Porque não é verdade.”

Eddie Xanadu ficou ao meu lado e perguntou: “Quanto você quer pelo seu tempo, senhor Digby? Um relógio? Um carro, talvez?”.

“Um carro? Não, valeu.”

“Acho que você não vai conseguir subornar o senhor Digby, senhor Xanadu”, interrompeu a dra. Drax.

Então Hasan me disse, bem baixinho: “Se andar comigo, eu voto em você”.

E então percebi que, embora o sr. Xanadu não pudesse me subornar, o filho dele podia.

Saber que a eternidade em 15g durava apenas um minuto fez a minha quarta ida muito mais fácil. Eu estava começando a ter pensamentos alegres quando Hasan disse: “Tem uma guerra acontecendo no meu país”.

“Sério?”

“Soldados invadiram nosso vilarejo. Queriam levar todas as crianças. Mas meu pai deu muito dinheiro ao soldado mais importante para que eu não fosse levado.”

Dava para escutar o motor aquecendo do lado de fora. Hasan começou a falar mais rápido. “Por isso ele gosta tanto de dinheiro. Porque pode ajudar bastante.”

“Bom, parece justo.”

“E é por isso que ele sempre quer mais dinheiro. Vi todos os meus amigos serem levados embora, todas as crianças da escola. Vi nossa casa pegar fogo.”

Ele me disse isso, e então o motor começou a girar. Na minha cabeça, vi Bootle em chamas, minha mãe, meu pai e Florida sendo levados por soldados. Era nisso que eu estava pensando quando chegou a parte da eternidade.

Eu ainda estava pensando nisso quando saímos do Vortex. Mas Hasan sorria. Ele disse: “Foi *fantástico*. Eu adoraria ir de novo”. Acho que qualquer coisa é fantástica comparada a ver sua casa pegar fogo e seus amigos serem levados embora. Hasan saiu da máquina.

“Não se esqueça de votar”, lembrei.

PLACAR	
EU	6
EDDIE XANADU	6
M. MARTINET	2
SAMSON ONE	2

Todos tinham votado em mim.

Última chance de votar

A Penúltima tinha esse nome porque era a melhor coisa do mundo, tirando viajar pelo espaço sideral. Do lado de fora, parecia qualquer outro simulador, só que maior. Quando você entra na Penúltima, no entanto, está no maior e melhor simulador de voo já construído. É uma réplica em escala real do módulo de comando do *Possibilidade Infinita* — tem cinco assentos, telas multifuncionais e até um Playstation 3 para jogar durante as partes chatas da viagem. Dava para notar que ia ser uma das principais atrações do parque, porque estava no centro do Domo e o espaço reservado para a fila tinha quase um quilômetro e meio. Florida amou passar pelo aviso que dizia 45 MINUTOS DE FILA A PARTIR DAQUI.

“É assim com muitas celebridades”, ela disse. “Li que abriram o Mundo de Aventuras de Chessington antes só para os filhos de Brad Pitt.”

Passamos a manhã na Penúltima, aprendendo a guiar o foguete na reentrada na Terra. “É claro”, disse a dra. Drax, “no grande dia, pessoas habilitadas do DraxControl vão cuidar disso para vocês. Mas queremos que aprendam, só por precaução.”

Havia um monitor no formato de uma janela. Dava para ver a Terra, com as nuvens e os oceanos espalhados pelo globo. Conforme a Terra ficava maior, você só conseguia ver a borda brilhante do espaço e da atmosfera.

O sr. Bean nos mostrou o que deveríamos fazer. “Pensem nesse brilho”, ele disse, “como a dobra de um envelope. É só entrar por baixo dela que vocês estarão no caminho de casa. Simples assim. É tudo uma questão de ângulo. Max, você é o primeiro.”

Max foi ao painel de controle e tentou conduzir a reentrada do foguete. Tinha uma espécie de seta na tela que mostrava o ângulo. Era preciso manter a frente do módulo alinhada à seta. Max provavelmente teria conseguido se o pai dele não tivesse ficado atrás repetindo sem parar: “Firme, Max, firme”. Quanto mais ele dizia isso, menos firme ficava o comando de Max, até que, de repente, justo quando o brilho estava ficando mais claro, tudo mudou. A Terra girou, continentes e oceanos viraram um borrão, misturando um ao outro. Então, o planeta inteiro sumiu e tudo ficou escuro.

“Agora, vejam o que aconteceu”, disse a dra. Drax. “Max não acertou o ângulo...”

“Eu disse para você tomar cuidado com o ângulo”, grunhiu o pai dele. “Por que você não tomou?”

A dra. Drax continuou explicando: “... e o foguete quicou na atmosfera da Terra, como quando você joga uma pedra na superfície do mar. Meu pai, por sinal, era ótimo em arremessar pedras. O recorde dele era de vinte quicadas”.

Não se enxergava nada além de escuridão pontuada por estrelas pela “janela”, e nós nos afastávamos mais e mais pelo espaço. Florida perguntou: “Não podemos voltar?”.

“Não. Estamos flutuando sem controle.”

“Mas vamos acabar parando, não? Tudo para, cedo ou tarde.”

“Não no espaço. Lá você continua para sempre em movimento.”

“Sim”, concordou Samson Two. “É a primeira lei do movimento de Newton, sinto informar. A não ser que uma força externa seja aplicada, um corpo permanecerá em descanso ou em movimento a uma velocidade constante. Para sempre.”

“Então”, perguntou Florida, “se no dia quicarmos na atmosfera, o que podemos fazer?”

“Se segurar e curtir a viagem”, respondeu a dra. Drax, sorrindo. “Mas não se preocupem, isso não vai acontecer. Mostre a eles, Shenjian.”

A dra. Drax reiniciou o simulador e Shenjian assumiu o controle. Enquanto nos aproximávamos da Terra, ela lia nos monitores todas as mudanças na gravidade.

“Shenjian está fazendo isso só para que nós, na Terra, possamos ter certeza de que ela está consciente”, explicou o sr. Bean. “Muita gente desmaia durante a reentrada. Além disso, é difícil mover as mãos. Você acabou de se acostumar ao fato de não pesar nada quando, de repente — *ping* — você pesa uma tonelada.”

Os mares azuis e as nuvens brancas pareciam familiares e amigáveis. De repente, desapareceram. A tela foi coberta por um fogo dourado flamejante.

“Morremos de novo!”, gritou Samson Two. Shenjian nem piscou. “Será que tem um problema na máquina?”

Shenjian ficou apenas repetindo números.

O sr. Bean disse: “Não morremos e não é um problema na máquina. Esse brilho surge porque estamos atravessando a atmosfera. Estamos a uma velocidade tão alta que os pequenos átomos do lado de fora do foguete perdem seus elétrons. Bonito, não? Mas é claro que vocês não vão ter tempo de apreciar o espetáculo quando ele acontecer de fato”.

Shenjian gritou: “Gravidade cinco e aumentando”.

Samson Two disse: “Isso significa que ela está de volta, dentro da atmosfera”.

“A caminho de casa, Skylark.” O sr. Bean sorriu. “A Mãe Terra está segurando sua mão. Não solte.”

E o brilho dourado saiu voando como se fosse um papel amassado, dando lugar à Terra azul, parecendo novinha em folha, como um presente.



Todas as crianças tentaram o procedimento de reentrada. Meus dedos coçavam só de assisti-los. Porque, na verdade, a Penúltima — o simulador de foguetes mais preciso do mundo — não passa de uma versão grande de *Orbiter IV* — um jogo no qual eu batia um recorde atrás do outro. Até o layout do painel de controle era idêntico. É preciso dominar a reentrada para passar da sétima fase do jogo.

Eu estava morrendo de vontade de jogar, mas os outros pais nem pareciam dar bola. *Monsieur* Martinet disse que assistir aos outros o lembrava das aulas de direção, e, logo em seguida, todos estavam falando sobre carros. *Monsieur* Martinet afirmou que dirigia uma Mercedes, e o sr. Xanadu disse que também tinha uma, “para o meio da semana, sabe?”. Samson One disse que preferia as Land Rovers porque morava no deserto, e todos começaram a falar sobre carros com tração nas quatro rodas. Eles falavam como se estivessem jogando *Super Trunfo*. Às vezes, eu tinha a impressão de que era o único adulto ali.

“E você, senhor Digby? Que carro dirige?”

“Ah, um carro.”

“Mas qual?”

“Um azul...” Eu tentava me concentrar no que estava acontecendo no simulador. “Não entendo muito de carros.”

“Mas seu trabalho é dirigir pela cidade. Tem que saber do assunto.”

Eu tinha esquecido que era motorista de táxi. Então eu disse: “É mais importante saber os vários caminhos. O carro é apenas... um instrumento do ofício”. Lembrei o que meu pai tinha dito sobre a profissão dele. “Ser motorista de táxi tem mais a ver com pessoas do que com carros. Você tem que ser uma mistura de psicólogo e guia de turismo, enfim, um pouco de tudo. Não tenho tempo para pensar nos carros... Eu até já ajudei num parto.”

Acho que mencionar o parto talvez tenha sido um pouco demais, embora meu pai realmente tenha feito isso uma vez. Todos me olharam, como se fossem me pedir para ajudar em outro parto como prova. Por sorte, o sr. Bean avisou *monsieur* Martinet que era a vez dele de controlar o foguete.

Monsieur Martinet entrou no envelope dourado com tanta facilidade quanto Shenjian. Ele cruzou o braço e disse: “Brincadeira de criança”. Então, a tela ficou preta e o simulador anunciou: “Erros fatais permanentes. Opa, você morreu”.

“Acho que não”, ele retrucou.

“Ainda não”, a dra. Drax disse, sorrindo, “mas você vai morrer em alguns segundos. Você se esqueceu de abrir o paraquedas.”

O próximo foi Samson One, que quicou na atmosfera e foi arremessado na direção do Sol. Ele não se importou. Pareceu gostar da ideia de acelerar até se transformar em um raio de luz.

O sr. Xanadu parecia mais interessado em comprar a Penúltima do que em manobrar o foguete. “Que máquina fantástica. Se vendê-la para mim, vou acrescentar monstros e alienígenas do sexo feminino em trajes sumários para aumentar a diversão. Acho que seria popular e lucrativo.”

“O simulador faz parte do nosso programa de treinamento”, respondeu a dra. Drax. “Lutar com monstros não faz parte dos nossos objetivos de treinamento.”

“Mas, com um pouco de esforço”, disse Eddie, “você poderia ficar rica.”

“Eu já sou rica, mas obrigada pela sugestão.”

Assim que a dra. Drax disse isso, Eddie atingiu com força a atmosfera terrestre, em uma espécie de salto de barriga interplanetário, e o fogo tomou conta da tela novamente. “Os gráficos são incríveis”, ele comentou. “Por favor, tire uma foto minha controlando a máquina como um verdadeiro taikonauta.” Ele me passou o seu celular e fez as crianças posarem sorrindo junto dele.

Então, chegou a minha vez. Não quero me exibir, mas eu já tinha passado da fase cinquenta do *Orbiter IV*, na qual você precisa reentrar na órbita do planeta enquanto é perseguido por um polvo gigante. Logo, não foi difícil comandar a Penúltima. Mesmo assim, a dra. Drax ficou impressionada. “Você se incomodaria de fazer de novo só para eu ter certeza de que não foi sorte de principiante?”

Daquela vez, tentaram colocar uma armadilha para me pegar. Uma chuva de meteoros inesperada apareceu durante a aproximação final. Por sorte, esse era um desafio comum no *Orbiter IV*. Você só precisa lembrar que os meteoros têm força gravitacional própria, então é preciso corrigir as coordenadas

adequadamente. Do contrário, você é desviado do trajeto. Entrei no envelope dourado uma segunda vez.

Depois disso, durante a votação, Samson Two me perguntou como eu podia ser tão bom na Penúltima. Confessei: “Não conte para ninguém, mas eu tenho um jogo de Playstation que é igualzinho”.

“Você joga Playstation?”, perguntou Samson Two.

“Um pouco. Prefiro jogos multiplayer on-line, como *World of Warcraft*.”

“São atividades incomuns para um pai.”

“Mas parece que úteis para um taikonauta.”

Samson Two sorriu, assentiu com a cabeça e começou a cochichar com as outras crianças. Então, todos foram votar. Eu sabia que ia ganhar. Só eu seria capaz de salvá-los em uma emergência. Fiz a conta na minha cabeça. Eu e Eddie estávamos empatados com seis votos. Isso significava que, se eu conseguisse três, com certeza ganharia. E eu ainda conseguiria ganhar com apenas dois votos, desde que não fossem para Eddie.

Quando a dra. Drax voltou com os resultados, meu coração estava pulando de emoção. “As crianças decidiram”, ela disse, “quem é o melhor pai do mundo. E quem será o melhor pai no espaço. Ele recebeu quatro votos hoje...”

Quatro votos. Tinha que ser eu. Eu ia para o espaço sideral!

“E foi Eddie Xanadu!”

Eddie ficou com dez pontos. Eu fiquei em segundo lugar, com seis.

Perguntei às crianças sobre a votação. “Gosto que tirem fotos minhas”, disse Florida, dando de ombros.

“Mas eu comando a máquina melhor.”

“Sim”, disse Samson Two, “você controla melhor o foguete. Mas isso também significa que é melhor no Playstation. Não queremos um adulto bom no videogame. Pessoas assim não morrem por horas e horas, então os outros têm que ficar esperando um tempão para jogar. Não queremos um fominha. Queremos alguém sem nenhum talento no Playstation.”

Isso é que é assustador nas crianças. Eles votam em alguém que é perigosamente inútil no espaço se isso significar que vão poder jogar mais videogame.

Estou a meio mundo de distância

A dra. Drax queria que as crianças fossem para uma casa especial para a tripulação, em frente ao prédio Possibilidade, para que se acostumassem a morar juntos e o sr. Xanadu passasse a se comportar como o “adulto responsável”.

Florida ganhou uma maleta azul de “membro da tripulação”. Eu a vi ir de um lado para o outro do bangalô juntando as roupas, a escova de dente e outras tralhas, o que me deixou com uma sensação esquisita na garganta. Primeiro achei que fosse algum problema relacionado à gravidade, mas não fazia sentido. Não temos problemas de gravidade na Terra.

Então, a ficha caiu.

Era preocupação.

Eu estava preocupado com Florida Kirby.

Afinal de contas, ela ia para o espaço.

Sem mim.

Quem cuidaria dela? Eu tinha me acostumado a ser seu pai, e agora ela ia partir.

Perguntei: “Tem certeza de que você vai ficar bem, Florida?”.

Ela respondeu: “Bem? Vou ser famosa. Como Buzz Lightyear...”.

“Buzz Aldrin.”

“... ou a Laika. Ela era só uma vira-lata, mas foi o primeiro animal no espaço, então virou a cadela mais famosa da história. Fizeram barras de chocolate com o nome dela e bichinhos de pelúcia. Laika apareceu em selos. Compuseram músicas sobre ela. Um dia, ela andava sem rumo pelas ruas de Moscou com os outros cachorros. No outro, ficou superfamosa. E era só uma cadela”, Florida disse. “Imagine como vai ser com a gente, as primeiras crianças no espaço. Qual é o seu problema?”

Ela devia ter notado que eu estava nervoso. Eu pensava: *Laika morreu no espaço. E se...?*

“Ah, você deve estar com inveja porque não vai”, ela continuou.

“Quem disse?”

“Eu disse.”

“Eu? Com inveja de você?”

“Como se não estivesse.”

“Como se estivesse.” Eu estava me comportando feito uma criança. Sabia disso. Parecia mais fácil do que fazer o papel do pai e contar que estava preocupado com ela. Fiquei pensando em Florida em um fogo de artifício de sessenta metros voando pelo espaço. Que espécie de pai deixa a filha fazer uma coisa dessas?

Então, tive que levá-la até a casa da tripulação. Essa foi a pior parte: ver Florida se afastando. Ela nem olhou para trás para dar tchau. Conversava alegremente com Samson Two. Pareciam tão pequenos ao passar pelo prédio Possibilidade...

Pensei em todas as vezes em que havia desejado que Florida Kirby desaparecesse, e lá estava eu,

querendo que ela se virasse e voltasse correndo.

Foi estranho e triste ficar sozinho no bangalô aquela noite. Sentei no sofá e vi televisão a noite toda. Às vezes, eu cochilava no meio da *Sessão Espírita com Celebridades* e acordava em *Dentista das Celebridades*. Então cochilava de novo e acordava em outro episódio de *Sessão Espírita com Celebridades*. Quando o primeiro raio de sol entrou na sala, pensei: *Certo, agora já posso comer um sanduíche de bacon*. Mas não consegui achar o bacon, só encontrei uma espécie de carne rosa em um pacote que dizia: EXPLODE NA LÍNGUA. Devia ser um aviso, porque, na hora que coloquei a carne na grelha, ela pegou fogo e os alarmes de fumaça dispararam. Pensei em minha casa quando me vi ali parado, no meio da cozinha, com a fumaça da gordura e o alarme tocando.

Deve ter sido por isso que telefonei para minha mãe.

Para minha surpresa, o telefone tocou por um tempão antes que ela atendesse.

“Alô?” A voz dela parecia com a de uma pessoa que nunca tinha ouvido um telefone tocar na vida.

“Mãe, sou eu, Liam.”

“Liam? Está tudo bem?”

“Sim, estou ótimo.”

“O que você está fazendo?”

Olhei para o calendário, para o sexto dia do Centro de Atividades da Região dos Lagos, e disse: “Mergulhando na lagoa. Nós mergulhamos na lagoa e eu peguei...” — eu não sabia o que dizer — “Hã... um corixídeo. É um besouro grande que está desaparecendo rapidamente”.

“E o que mais?”

“Escalei uma parede de quinze metros e desci de tirolesa, mas foi bem seguro.”

“Que ótimo, Liam. E você não ficou assustado? Não teve pesadelos?”

“Não.”

“E está se alimentando direitinho?”

“Sim. A comida é sem graça, mas saudável. Cozinham aqui mesmo. A gente ajuda com a limpeza depois. É para aprender a trabalhar em equipe.”

“E tem certeza de que está tudo bem?”

“Sim. Ótimo.”

“Certeza mesmo?”

“Por que você fica me perguntando isso?”

“Porque você me ligou.”

“Não posso mais telefonar?”

“Liam, é de madrugada.”

“Ah.”

“Ah” foi a melhor coisa que consegui dizer. Então desliguei o telefone.

Eu tinha esquecido completamente da diferença de fuso horário. Foi aí que me dei conta de que estávamos a meio mundo de distância.

Comparando à experiência pela qual Florida passaria, era como se eu só tivesse ido até a esquina.

Naquela noite, eu me senti realmente solitário. Deve ter sido a única vez que fiquei sozinho em uma casa à noite. E, veja só, eu me senti mal de estar sozinho em uma casa. Agora estou sozinho no espaço.

Se algo der errado...

Na manhã seguinte, todos os pais — incluindo Eddie Xanadu — tinham que se encontrar com a dra. Drax em um bar dentro do Domo, chamado Desolação Magnífica. “Eu só preciso que vocês assinem mais uma ou duas coisinhas”, disse a dra. Drax, passando uns formulários e o cardápio de bebidas. “São, de modo geral, formulários legais em que vocês declaram que reconhecem os perigos da viagem espacial e dão permissão para que seus filhos possam ir, de modo que, se algo der errado — não que algo vá dar errado —, vocês, os pais, serão os responsáveis.”

Eu realmente não queria pensar em nada dando errado, então me concentrei no cardápio de bebidas. Não consegui acreditar quando os outros pediram café ou chá. Havia tanta coisa para escolher. Vi algo chamado *refresco cósmico* e precisei pedir, porque “cósmico” era a minha palavra favorita.

A dra. Drax estava explicando que a missão toda era confidencial. “Se algo der errado — não que vá dar — nunca poderemos admitir que essa missão aconteceu. Porque, é claro, se algo der errado — mas não vai dar — a publicidade negativa fecharia o Parque Infinito. Tenho certeza de que nenhum de vocês gostaria que isso acontecesse.”

“Quando você fala sobre algo dar errado, bom, o que, exatamente, pode dar errado?”, perguntei.

“Ah, vocês sabem como as pessoas são exageradas”, a dra. Drax desconversou. “Se alguém quebrar o dedo do pé ou ficar com dor de cabeça, vão dizer que é perigoso demais. Essa é nossa primeira tentativa. Se não for de acordo com o planejado, não vamos dizer que da próxima vez será melhor. Vamos negar que aconteceu.” Ela sorriu e complementou: “Você é um homem vivido, senhor Digby. Vai entender”.

Agora eu entendo. Porque algo deu errado — tão errado que a dra. Drax deve ter negado a existência dessa missão. Isso significa que ninguém lá embaixo está tentando nos ajudar. Ninguém vai chamar o resgate ou os X-Men. Ninguém vai entrar em um foguete para vir nos salvar. Porque ninguém sabe que estamos aqui. Ninguém sabe para onde estamos indo. E ninguém sabe que não vamos chegar lá.

O refresco cósmico era um balde de coca com duas bolas de sorvete dentro, decorado com pequenas estrelas prateadas e um monte de velas que soltavam estrelinhas. Imaginei o que os outros deviam estar pensando e me arrependi de ter pedido aquilo em vez de um café sem graça. Eles deviam estar dizendo para si mesmos: *Essa não é uma bebida de pai*. Mas eu não me importava mais.

Enquanto assinávamos os formulários, Eddie Xanadu ficava repetindo como estava feliz por ter ganhado. “Nunca imaginei que iria para o espaço. Bom, imaginei, sim. Quando criança, é claro que acompanhava as missões Apollo pela televisão. Pensei que vivia na era espacial. Pensei que *todos* iríamos para o espaço. Fiquei decepcionado. Até agora. Eu lembro quando meu pai me levou para ver umas amostras de rocha lunar que os astronautas tinham trazido...” Os outros pais também se lembravam de ter visto as amostras. “Foi decepcionante, porque era cinza. Eu achava que brilharia, como a lua no céu.”

Todos os outros gargalharam. Então, Samson One comentou: “Até uma criança sabe que a Lua não tem luminosidade inata e só brilha porque reflete a luz do Sol”.

O sr. Xanadu deu de ombros. “Todo mundo se engana de vez em quando.” Os outros assentiram,

como se não importasse. Mas importava! Como eles deixariam que os filhos fossem para o espaço com alguém que não sabia que a Lua não tinha luz própria? Antes de partir em uma missão, você precisa garantir que tem tudo o que é necessário: habilidades, equipamento, dinheiro, saúde, elixir dos magos... E o que nós tínhamos? Nada. Ele era apenas um ogro burro, grandalhão e sorridente. E nós estávamos deixando nossos filhos com ele. Tentei ficar em silêncio. Sei que a educação é uma marca dos pais, e gritar não é. Tentei não entrar na batalha. Fiquei quieto, escutando o que ele dizia: “O importante é que as crianças decidiram que sou o melhor pai. E *serei* o melhor pai, não apenas para Hasan, mas para os filhos de vocês, podem ficar tranquilos”.

Todos bateram palmas, menos eu. Antes de pensar no que estava fazendo, fiquei de pé e disse: “Bom, eu não estou tranquilo”. “Como podemos deixar nossos filhos irem para o espaço com um homem que nem sabe que a Lua não tem luz própria? Aliás, como podemos deixar nossos filhos irem para o espaço? Não é seguro. Que espécie de pai deixa o filho embarcar numa viagem dessas?”

Todos murmuram algo sobre ser uma grande oportunidade, uma chance única. Samson One acrescentou: “Além do mais, a filha da própria dra. Drax vai”.

“Bom”, interrompeu a dra. Drax, reunindo os formulários, “ela não vai.”

“Não vai?”

“Não. Na verdade, Shenjian está com febre, então decidi que era melhor ficar em casa. Pode ser só um resfriado, mas também pode ser sarampo.”

Shenjian não iria para o espaço porque estava febril. A dra. Drax disse isso como se a filha fosse perder a aula de educação física.

“Mas Shenjian é a taikonauta profissional”, eu disse.

“Senhor Digby, a tripulação não precisará fazer quase nada. Você sabe, em 1969, os americanos pousaram na Lua com muito menos tecnologia do que você tem hoje no seu Draxphone. O equipamento que eles tinham era um pedaço de pau comparado ao que construí aqui.”

“Então é completamente seguro?”

“Temos uma política na Draxcom chamada Superproteção Extrema. Isso significa, por exemplo, que tem dez vezes mais oxigênio a bordo do que o necessário. O dobro de combustível. Até mesmo a camada de Kevlar no módulo é três vezes mais grossa do que seria preciso, então ele é três vezes mais à prova de balas.”

“À prova de balas? Por que precisa ser à prova de balas? Os alienígenas têm uma espingarda ou algo do tipo?”

“Ah, você sabe, no caso de meteoros.”

Eu nem tinha pensado nos meteoros. “Quer saber? Não quero que minha filha vá para o espaço. É muito perigoso. Sim, é uma grande oportunidade, mas ela pode ter grandes oportunidades na Terra, onde não será atingida por meteoros.”

“Acho muito legal, senhor Digby, que se preocupe tanto com a sua filha.” Ela estava se afastando enquanto falava isso, e levava Eddie Xanadu junto.

Eu me levantei e quase gritei: “Estou removendo minha permissão”.

“Mas, em termos legais”, ela disse, sacudindo um dos formulários no ar, “você já deu sua permissão. Tenha um bom dia.”

E fechou a porta.

Você não tem vidas extras no espaço

Mal consegui terminar o refresco cósmico. Fui até o prédio Possibilidade para olhar o foguete. Pensei que me sentiria melhor ao ver como era sólido, com seus tanques adicionais de oxigênio e reforço à prova de balas. O sr. Bean estava lá, olhando para o foguete também. Perguntei se alguém já tinha morrido naquilo.

“Nesse foguete específico? Não. É um veículo de lançamento descartável. Você só pode usar uma vez. Como as lâminas descartáveis. Você só sabe quando um foguete descartável não funciona quando já está lá em cima, e aí é tarde demais.”

A ideia de que eles iriam para o espaço em uma lâmina descartável não era um pensamento reconfortante. E piorou. “As pessoas morrem em foguetes”, ele continuou. “Gus Grissom morreu quando a *Apollo 1* pegou fogo na plataforma de lançamento, assim como Ed White e Roger Chaffee.”

“Ah. Certo.”

“Mas isso foi há muito tempo. Esse foguete é diferente. Mas se você quer saber de algo mais recente...”

“Não, na verdade não quero. Eu só estava perguntando.”

“A tripulação inteira do ônibus espacial *Columbia* morreu na reentrada. Eram sete astronautas. A tripulação do *Challenger* morreu no lançamento. Sete também. Todos jovens.”

“Obrigado, acho que você já respondeu à minha dúvida”, eu disse. Mas ele não parava.

“E também teve o *Soyuz 1*. O paraquedas não abriu. Vladimir Komarov. Foi horrível. Ele sabia que não tinha salvação. Todos ouviram ele falando com a mulher pelo rádio, sobre os filhos e...”

“Sério”, interrompi, “chega de informações. Obrigado.” Comecei a me afastar.

O sr. Bean continuou falando: “Ir para o espaço não é um jogo de videogame. Se você morre, não tem vidas extras”.

Foi quando decidi tirar Florida do alojamento da tripulação e levá-la para casa em segurança. Poderíamos ir a pé até Bootle se fosse preciso.

Claro que seria melhor voltar de avião. Enquanto caminhava pelas linhas de transporte do foguete e pela ponte que passava sobre a área de decolagem, eu ensaiava o discurso que faria diante da dra. Drax, sobre como seria melhor para todos se ela nos desse uma passagem de volta. Mas, assim que me aproximei, ouvi gritos e vi um veículo da Draxcom chegar cantando os pneus na frente do alojamento da tripulação. A dra. Drax gritava, e o sr. Xanadu gritava de volta, enquanto jogava sua bagagem no porta-malas do carro.

O carro se afastou, e a dra. Drax se virou para voltar para a casa. Então, ela me viu e pareceu completamente surpresa.

“Senhor Digby!”, ela exclamou. “Como soube? Você deve ter imaginado. Eu deveria ter imaginado, é

claro.”

Eu não sabia do que ela estava falando. “O senhor Xanadu”, ela disse, “me traiu.”

Parece que, quando tinha mandado que tirassem fotos dele com as crianças na Penúltima, o sr. Xanadu não estava interessado nos rostos sorridentes. Ele queria era ter fotos do simulador de voo e dos painéis de controle, que rapidamente enviou para uma fábrica de brinquedos em Xangai, pedindo que construíssem uma réplica funcional idêntica para Hasan.

Para a infelicidade do sr. Xanadu, a dra. Drax também era dona da fábrica de brinquedos de Xangai.

“Eles me contaram tudo. O senhor Xanadu também queria fazer bonecos de todas as crianças para vender. Ele queria dar o nome de Astrokids. Dá para imaginar? De onde as pessoas tiram essas ideias? Pelo menos nada mais grave aconteceu. Exceto para o senhor Xanadu. Ele não vai mais ser o adulto responsável no espaço. A honra será repassada para a pessoa que ficou em segundo lugar. Ou seja, você, senhor Digby.”

“Ah.”

“Tome seu tempo, não é fácil assimilar essa notícia.”

Pareceu que ia levar um bom tempo. Por algum motivo, meu cérebro dava a impressão de que tinha parado de funcionar.

Ela me chamou: “Senhor Digby?”

“Quer dizer que posso ir para o espaço?”

Olhei para trás. Eu estava a mais de um quilômetro de distância, mas não havia nada entre mim e o prédio Possibilidade. Ele ainda ocupava a maior parte do céu. Eu estava sob sua sombra.

“Você sabe, é claro, o que significam, não?” A dra. Drax apontou para as enormes letras chinesas em preto na lateral do prédio.

“Não.”

“É o slogan do Parque Infinito. ‘O mundo é meu parque de diversões’”.

“Mas isso...”

“Foi o que você me disse pelo telefone naquele dia. Por isso escolhi você. Parecia resumir tudo o que eu estava tentando dizer. Sabe, senhor Digby, sempre soube que você seria o pai que iria para o espaço. Você lembra muito meu pai. Ele era muito parecido com você, também tinha uma alma de criança.”

Eu podia ouvir as outras crianças conversando e rindo atrás da dra. Drax. Podia sentir a sombra fresca do foguete nas minhas costas. Seria diferente se eu fosse para o espaço também? Tudo bem mandar minha filha para o espaço se eu a acompanhasse? Tudo o que eu precisava dizer era: “Obrigado”, e então estaria junto com ela no foguete.

Respirei fundo e disse: “Doutora Drax, você acha que sou um adulto responsável, mas não sou. Sou apenas um garoto. Um garoto estranhamente alto e barbudo, mas um garoto”.

Eu me senti melhor no mesmo instante. Como se a gravidade tivesse diminuído e eu começasse a flutuar. Pronto. Tudo estava acabado. Sem mais mentiras, fingimento e responsabilidade. Eu não me importava com o que ela fosse dizer.

A dra. Drax apenas sorriu. Ela pegou minha mão e disse: “Foi isso que eu quis dizer. Você tem o que

precisa, a alma de uma criança. Assim como Einstein teve, durante toda a vida. Ele disse que nunca deixou de pensar como uma criança. Por isso fez tantas descobertas incríveis...”

“Não. Não estou dizendo que me sinto como uma criança. Realmente não sou um adulto.”

“Perfeito. É exatamente isso. Qualquer pessoa que se considera um adulto não serve para este projeto. São as pessoas que acham que não têm mais nada para aprender...”

“Isso mesmo. Eu nem terminei a escola. Mal comecei.”

“Eu me sinto da mesma maneira. O universo é tão grande. Conhecemos apenas uma parte mínima dele. Prefiro alguém que esteja ciente de sua ignorância do que uma pessoa que acha que sabe tudo.”

“Mas...”

“E cuide bem de Hasan, está bem? Não é fácil para ele. Vai ficar triste porque o pai não vai junto. E irritado, porque vou processar o senhor Xanadu até arrancar cada tostão dele.”

“Ah. Sério?”

“Sim. Estou disposta a colocar aquele homem na cadeia pelo que ele fez.”

“Certo. Você gostaria de dizer mais alguma coisa?”

Pensei que não era o melhor momento para confessar que tinha mentido o tempo todo, que a tinha manipulado para que me colocasse (eu, que tenho pouco mais de doze anos) a cargo do foguete (que custava mais ou menos um bilhão).

“Na verdade”, ela disse, “pode aproveitar e assinar isso aqui? É um formulário que me permite usar sua maravilhosa frase ‘O mundo é meu parque de diversões’ em todos os anúncios publicitários. Aqui. Obrigada. E só me resta dizer: boa viagem.”

Na real

Enquanto entrávamos no alojamento da tripulação, a dra. Drax disse que era bom mesmo que eu visse minha filha naquele dia específico. Não entendi bem o que ela quis dizer com isso. Quando entrei no alojamento, o local estava lotado de balões e havia pilhas de papel de presente amassado.

Florida gritou: “Oi, pai! Cadê meu presente?”.

Perguntei: “Que presente?”.

“Ah, deixa de graça”, ela disse, sorrindo para todos. “Ele nunca esquece meu aniversário.”

Era aniversário dela?! Como eu ia saber uma coisa daquelas? Como todos os outros sabiam?

“A doutora Drax contou para todo mundo. Ela viu nos formulários. Olha só o que o senhor Xanadu me deu...”

Era uma boneca tipo uma Barbie, mas não era uma Barbie. Era Florida em sua roupa de Power Ranger azul. Realmente se parecia com ela, como se tivesse encolhido com o feitiço de um mago superpoderoso. Quando você apertava a boneca, ela dizia: “Como assim sem peso? Isso significa que vou emagrecer?”.

“Vai dizer que não é demais?”, comentou Florida sorrindo. Eu sabia o que era aquilo. Era um protótipo dos Astrokids.

“O que você comprou para Florida, senhor Digby?”, perguntou Hasan.

“Ouvimos a história de quando você deu um pônei para ela.”

“Ah é?”

“E também das festas que fez para ela. Você vai nos mostrar algum truque com cartas?”, perguntou Samson Two. “Tenho muito interesse nesse tipo de coisa, psicologicamente falando.”

“Quem sabe depois. Agora, quero dar a Florida o presente dela. Em outro lugar.”

Fomos até a cozinha. Perguntei: “Por que você não me contou que era seu aniversário?”.

“Você deveria saber. Você é meu pai, afinal de contas.”

“Eu não sou seu pai. Só estou fingindo ser. Lembra?”

“Quer dizer que você não me comprou um presente?”

“Vou te dar o maior presente de todos. Vou salvar sua vida.” Contei tudo a ela sobre a missão ser secreta e Shenjian estar com “sarampo”.

Florida disse: “Ken Mattingly”.

“Quem?”

“Ken Mattingly deveria ter embarcado na *Apollo 13*, mas não foi na última hora — assim como Shenjian — porque podia ter sarampo. Depois disso, tudo deu errado e eles quase morreram. Ken Mattingly se sentiu culpado pelo resto da vida. ‘O inferno da culpa da *Apollo 13*’, ele dizia.”

“É isso aí. Eles ficaram em uma situação de extremo perigo, e nós estamos em extremo perigo.”

Precisamos sair daqui. Você achou que eu dirigir um Porsche era perigoso. Um Porsche anda no máximo a duzentos e setenta quilômetros por hora. Você sabe qual é a velocidade do *Possibilidade Infinita*? Estamos encrencados.”

“Você é meu pai, me tira dessa.”

“Não. Esse é o problema. Não sou seu pai. E não sei fazer truques com cartas. Não te comprei um pônei de presente. E não chamo você de princesinha.”

“Mas...”

“Ligue para seu pai de verdade.”

“Para quê?”

“A gente está em apuros. Ele pode nos ajudar. Ele é um pai. É para isso que ele serve.” Eu achava que tudo era simples. Florida telefonaria para o pai dela. Ele provavelmente ficaria louco. Mas, daí em diante, eu não seria mais o responsável. Não precisaria mais agir como um adulto.

Florida disse que seu pai estava muito ocupado e que eu deveria ligar para o meu. Eu disse: “Não ia dar certo. O que meu pai poderia fazer? Ele nunca vai a lugar nenhum. Seu pai sabe das coisas. Ele chegaria aqui em alguns minutos. Ele poderia...”

“Ninguém viaja para a China em poucos minutos, Liam. Ele não é o Super-Homem.”

“Não. Mas ele é seu pai. Não ia querer que a princesinha dele viajasse em um foguete pelo espaço. Ainda mais quando descobrir que a única pessoa que sabe algo sobre foguetes não vai junto e que o suposto adulto responsável tem doze anos de idade.”

Dei a ela meu Draxphone e pedi que ligasse. Antes que fosse tarde demais. Ela mexeu no telefone por um tempo e depois disse em voz baixa: “Liam, eu não tenho pai”.

Não entendi. O que ela estava dizendo não fazia sentido. “Como assim?”

“Eu não tenho pai. Lá em casa, só tem eu, minha mãe, Orlando e Ibiza.”

“Mas seu pai viaja pelo mundo. Por isso vocês têm nomes de lugares distantes.”

“Nunca vamos a lugar algum. Meu pai nos abandonou logo depois que Orlando nasceu. Não sei onde ele está. Ele teve uma briga feia com minha mãe e nunca mais voltou. Mesmo quando ele morava comigo, nunca fez nenhuma das coisas que eu disse que fazia. Você sabe, tirar fotos, comprar pôneis, nada disso. Ele só ficava sentado no sofá assistindo a programas de turismo. Foi daí que ele tirou nossos nomes.”

Isso era completamente inesperado. Continuei: “Tá bom. Se você tivesse um pai... se ele estivesse aqui agora, não deixaria você sentar dentro de uma caixa de sessenta metros de combustível inflamável. Ele não deixaria você ser arremessada para o ar a milhares de quilômetros por hora. Ele ficaria muito, muito preocupado com a ideia de que você ficasse em um ambiente com 40g. Ele já ficaria preocupado se você fosse em uma montanha-russa perigosa, e isso não é uma montanha-russa. É de verdade”.

Florida pareceu surpresa.

“Mas, Liam, se eu ficasse famosa, meu pai — esteja lá onde estiver — me veria, não? E voltaria para me encontrar. Ou pelo menos saberia de mim. Ele contaria para as pessoas que é meu pai. Teria orgulho de mim. Por isso quero ser famosa. Por isso quero andar no foguete.”

Eu não tinha certeza do que responder. Acho que fiquei um bom tempo em silêncio, porque ela acabou dizendo: “Liam? Você pegou no sono?”

“Não. Só estava pensando.” Eu me dei conta de que era o único pai que Florida tinha. E havia chegado o momento de fazer a coisa certa, tomar a atitude de um pai e dar a ela exatamente o que ela queria — o que nós dois queríamos. Havia um daqueles chapéus de festa feitos de papelão na mesa — aqueles pontudos com um enfeite brilhante em cima. Encontrei uma tesoura na cozinha e comecei a recortá-lo.

“O que você está fazendo?”

Quando terminei, levantei o chapéu para que ela o visse. Eu o tinha transformado em uma espécie de coroa. Não ficou perfeita, mas era uma coroa. “Acho que seria melhor se você estivesse vestida adequadamente.” Coloquei na cabeça dela e disse: “Feliz aniversário, princesinha”.

Ela sorriu e cobrou: “Você ainda me deve um presente de verdade”.

“Tá bom. Então que tal se... eu levar você para o espaço sideral?”

Voltamos para junto dos outros. Eles estavam reunidos em um círculo, parados, comendo bolo. Anunciei: “Tá bom, vamos começar a festa!”.

Todos permaneceram estáticos. Eles não conheciam nenhuma brincadeira de festa. Fiz com que brincassem de estátua, dança das cadeiras e um jogo chamado peixe, no qual cada um pega um pedaço de papel em formato de peixe e aposta corrida soprando esse papel. Essa última brincadeira demorou um tempão, porque Samson Two fez um peixe aerodinâmico e Hasan quis comprar o peixe dele. Já Max soprou com tanta força que se engasgou. E, para constar, eu conhecia alguns truques de magia com cartas — meu pai me ensinava, de vez em quando, quando eu andava com ele de táxi e ficávamos muito tempo parados no ponto. As outras crianças ficaram impressionadas e radiantes. Florida comentou que foi a melhor festa de aniversário da vida dela.

Missão laranja

Em *World of Warcraft*, as missões são divididas por cores. As de cor cinza exigem que você derrote pessoas mais fracas do que você. São fáceis, mas você não ganha muita experiência com elas. Depois, tem as verdes, um pouco mais difíceis; as amarelas, ainda mais difíceis; as laranjas, muito mais difíceis; e as vermelhas, morte certa. Resolvi que a melhor maneira de lidar com aquilo seria pensando que era uma missão.

A dra. Drax queria dar a impressão de que estava nos enviando em uma missão cinza. Talvez um pouco verde, se olhássemos com atenção. Mas, com certeza, não parecia amarela ou laranja. E com certeza não parecia do nível morte certa.

Para começo de conversa, tínhamos apoio. Ela nos levou até o DraxControl para que víssemos com nossos próprios olhos. Era um escritório enorme de vidro, com plantas grandes, uma pequena fonte de água e dezenas de pessoas andando e falando no telefone com o fone de ouvido, enquanto leem algo no BlackBerry. Pareciam saber o que estavam fazendo. “Essas são as pessoas qualificadas que pilotarão o foguete”, explicou a dra. Drax. “Então, vocês não precisarão se preocupar com nada. O *Possibilidade Infinita* é só um brinquedo. E o DraxControl é como o operador de parque de diversões, que fica na cabine. Vocês só precisam aproveitar a viagem. Ah, e fazer um favorzinho para mim.”

E realmente pareceu algo simples. Tínhamos que apertar alguns botões coloridos na ordem certa na hora certa. Só isso.

O *Possibilidade Infinita* é um veículo de lançamento — por isso é tão grande. Ele carrega algo para o espaço. Uma carga. Uma carga completamente cósmica.

“Vou explicar tudo para vocês”, disse a dra. Drax. “É como um micro-ônibus espacial. O nome dele é *Dente-de-leão*, porque não tem motores, apenas velas prateadas que captam o vento solar, como as velas dos barcos aproveitam o vento normal, para se mover pelo espaço. Uma espaçonave cuja propulsão são os raios de Sol. Silenciosa, como uma semente de dente-de-leão. Daí veio o nome.”

Ela nos mostrou um modelo. Parecia um veículo com as laterais altas, todo envidraçado. Tipo um trailer que vende sorvete. Só que sem rodas. E sem sorveteiro.

Depois que o *Dente-de-leão* se separasse do *Possibilidade Infinita*, o pessoal do DraxControl manobraría o trailer pelo espaço, de modo que desse uma volta ao redor da Lua e depois retornasse à Terra. Tudo controlado à distância. Então, o trailer daria uma volta ao redor da Terra e retornaria à Lua. E ficaria fazendo isso — uma volta na Terra, outra na Lua —, como se desenhasse um oito, eternamente. O trailer tinha assentos confortáveis que se transformavam em camas. O plano da dra. Drax era que as pessoas pagassem para entrar em um pequeno foguete e depois passar para o *Dente-de-leão*, enquanto estivesse em órbita terrestre. Elas dariam uma volta ao redor da Lua antes de voltar para a Terra.

Uma viagem turística ao redor da Lua em um trailer de sorvete interplanetário.

O *Dente-de-leão* era uma espécie de caixa enorme que ficava logo abaixo do alojamento do *Possibilidade Infinita*. Tudo o que precisávamos fazer era subir para o espaço, flutuar por um tempo, e então, quando a dra. Drax decidisse, apertar os botões na ordem certa — vermelho, laranja, verde. Isso liberaria o *Dente-de-leão* para que seguisse sua própria órbita.

Então, o DraxControl nos levaria de volta no módulo de comando.

Os botões detonariam uma sequência de eventos — o vermelho separaria o *Dente-de-leão* do foguete, o laranja abriria as laterais do *Dente-de-leão*, e o verde liberaria as velas.

“Poderíamos fazer isso daqui de baixo”, explicou a dra. Drax, “mas pensamos que seria melhor simplificar as coisas.”

O que poderia dar errado?

Bom, nada deu errado, exatamente.

Nem com os botões.

Nem com a carga.

Nem com o *Dente-de-leão*.

O que deu errado fomos nós.

Contagem regressiva

A contagem regressiva começou quarenta e oito horas antes do lançamento.

Nessas quarenta e oito horas, tivemos que ficar no alojamento da tripulação, impedidos de falar com qualquer pessoa do lado de fora. Essa experiência deveria promover o desenvolvimento de laços entre os tripulantes.

Além disso, a comida na geladeira foi substituída por comida espacial. Pequenos pacotes com um canudo, parecendo suquinhos Kapo, mas com carne e vegetais em vez de laranja. Precisávamos começar a comer comida espacial, para nos acostumar. Os pacotes tinham nomes preocupantes, como “saliva de frango” e “porco que faz você comer a própria mão”.

Samson Two explicou que deviam ser erros de tradução. “Talvez ‘saliva de frango’ na verdade signifique ‘frango de dar água na boca’. E ‘porco que faz você comer a própria mão’ signifique ‘de lambar os dedos’.”

“Talvez”, disse Florida. “Mas acho que vou ficar no sorvete.”

Todos concordaram. Então ficamos lá, parados, comendo sorvete espacial (dois sabores: “framboesa como a brisa em um lago” e “banana dividida”) e praticando a sequência de botões coloridos no computador.

Durante a noite, ouvimos o som de algo batendo, como se a tampa do céu tivesse caído ou algo assim. Todos correram em direção à sala. Quando cheguei lá, estavam reunidos, e eu me juntei a eles no exato momento em que Samson Two perguntou: “O que foi isso?”, e então me dei conta de que eles estavam me esperando para resolver a questão.

Hasan perguntou: “Seriam ursos?”

“Ursos? Por que seriam ursos? Esperem aqui enquanto dou uma olhada.”

Abri a porta da frente pensando *E se forem ursos?*, mas não vi nenhum, nem senti o cheiro de nada diferente. Pude, no entanto, ouvir um barulho — um ruído lento e monótono. Mas não enxergava nada além do prédio Possibilidade. Então me dei conta de que ele tinha mudado de forma. Fiquei ali observando até entender o que estava acontecendo.

Estavam movendo o foguete.

O *Possibilidade Infinita* se deslocava muito lentamente pelos trilhos, na direção em que ficava o local de lançamento, uns cinco quilômetros adiante, no deserto. Mal dava para ver alguma coisa, mas se você tirasse os olhos e depois voltasse o olhar, era possível notar que o foguete tinha saído um pouco mais do prédio. Era como acompanhar o ponteiro de minutos do relógio. Os outros se reuniram ao meu redor e eu disse: “Vamos lá. Hora de dormir. É só o foguete. Não precisam se assustar”.

O que é ainda mais assustador do que os ursos, eu pensava.

“Quero meu pai”, choramingou Samson Two.

Eu sabia muito bem como ele se sentia.



Na manhã seguinte, havia uma pilha de presentes nos esperando na mesa de jantar — uma coisa que parecia um porta-lápis de borracha, chamada Pacote Pessoal de Bordo, e cinco consoles de última geração da Draxcom (chamados Wristations). O Papai Noel do espaço tinha nos visitado. Os Wristations eram silenciosamente cósmicos, um tipo de Game Boy que se encaixa no pulso, mas, em vez de ter uma telinha minúscula, projeta a imagem do jogo na parede, como no cinema, então você pode jogar em uma tela enorme. Eles vieram com *Orbiter IV*, *Stone Age Boneheads* e *Surfing Eskimos*. Todos menos o meu, que veio com *Golfe Profissional* e um kit para testar o colesterol.

Havia um recado da dra. Drax explicando que podíamos colocar o que quiséssemos no Pacote Pessoal de Bordo (ou PPB) para levar como bagagem. Podíamos colocar qualquer coisa que coubesse ali.

Dois minutos depois, houve uma disputa de território por causa do Wristation. Hasan e Max estavam jogando *Orbiter IV* juntos em uma parede e Samson Two estava usando outra parede inteira para jogar *Stone Age Boneheads*. Então Florida ficou sem ter onde jogar. Comecei sugerindo que ela e Samson jogassem *Boneheads* juntos, mas a sugestão resultou imediatamente em uma briga fora da tela. No final, eu disse para Samson ficar mais perto da parede, diminuindo, assim, o tamanho da projeção.

“Não”, ele retrucou.

Todos me olharam.

Era o teste de paternidade.

O que eu deveria fazer? Implorar? Ameaçar? Empurrá-lo?

Se não fosse capaz de controlar as crianças na sala de estar, como faria isso no espaço?

Arrastei o sofá até o meio da sala e me certifiquei de que estava no meio da parede. Então, sem olhar para Samson Two, eu disse: “Sente aqui”. E só. Tentei soar como se esperasse que ele me obedecesse imediatamente. Então prendi a respiração. Samson Two não tirou os olhos da parede. Mas andou para a frente e deu a volta no sofá. Sentou-se e continuou jogando. O espaço que o jogo dele ocupava tinha diminuído pela metade, então havia espaço de sobra para Florida jogar. Ordenei: “Agora, vá para a ponta, Samson. E você, Florida, sente-se na outra ponta”. Os dois obedeceram.

Hasan e Max nem estavam me olhando. Eu tinha sido aprovado no teste.

Mas e se Samson Two tivesse insistido?

Foi quando decidi que colocaria *Converse com seu filho adolescente* no meu PPB. Era grande demais, então tive que enfiar o livro pouco a pouco. Enquanto eu encaixava as pontas de borracha na brochura, notei todas as coisas de pai que havia no livro — duas manchas de chá sobrepostas, como um número oito, um número de telefone escrito a caneta, recibos do posto de gasolina. Era o livro do meu pai. *Meu pai*. Desejei que ele aparecesse ali, como aconteceu quando entrei no Porsche. Queria que ele aparecesse e gritasse: “Pare!”.

Algo encantador

Faltando seis horas para o lançamento, eu ainda estava torcendo insanamente para que meu pai aparecesse de fato. Principalmente porque ainda faltavam seis horas, porque, quando faltassem cinco, eles aplicariam o spray de traje de astronauta, e logo todos pareceríamos Power Rangers.

O problema do traje espacial é que seu peito precisa estar liso antes da aplicação. Então, se você é um pai, tem que depilar o peito. Isso significa que derramam cera quente em você e arrancam seus pelos com tiras de papel. A cera é removida e leva todos os seus pelos junto.

Faltando cinco horas para o lançamento, meu pai ainda não tinha aparecido e eu estava gritando de dor e olhando para um pedaço de cera coberto de pelos encaracolados que tinham sido arrancados desde a raiz.

“Pronto”, disse a dra. Drax, tentando me tranquilizar. “A agonia da reentrada não será nada perto disso.”

Aparentemente, as mulheres costumam fazer isso nas pernas, e nem vão para o espaço sideral depois!

Em seguida, passaram o spray de traje espacial — que parecia quente e grudento — e pude retornar ao alojamento enquanto esperava secar.

Quando cheguei lá, o sr. Bean estava me esperando. Ele apertou minha mão e desejou boa sorte. “Cuide-se, viu?”

“Pensei que *você* ia cuidar de nós. Achei que tudo o que tínhamos que fazer era aproveitar a vista.”

Ele riu. E disse: “Já que você mencionou a vista, eu queria falar uma coisa. Você está com seu PPB, certo?”

“Sim.”

“Pense bastante no que vai colocar nele. Pode ser seu equipamento de segurança mais importante.”

“Quê? Mais importante que nosso traje espacial?”

“Talvez. Sabe, no espaço...”

“Um monte de gente morre. Você já me contou.”

“Não, eu quero dizer... O espaço é um lugar muito diferente. Não é só um lugar muito longe. É um tipo diferente de lugar. Pode dominar você.”

“Você está dizendo que eu vou achar legal quando chegar lá?”

Ele sorriu. “Minha mãe costumava dizer isso. A sua também?” Ele olhou pela janela. Apesar de ser dia, ainda dava para ver a lua, pálida, mas enorme, como um balão. Ele perguntou: “Você já ouviu falar de Ed White? Ele foi o primeiro americano a andar pelo espaço. Isso foi há muito tempo, em 1965. Ed White foi o primeiro americano a abrir uma porta e sair para o espaço, preso por um fio. O primeiro a olhar para baixo e ver o planeta Terra. Ele não conseguia acreditar no que enxergava. Tudo o que ele conhecia, e também o que ele não conhecia. Seus amigos, inimigos, lugares onde tinha estado, locais que nunca visitaria, tudo ali, parado, no seu campo de visão. Quando chegou a hora de voltar para o foguete, ele não conseguiu. Ele estava todo ‘Deixe eu ficar mais um pouquinho’. E: ‘Ali são os Estados

Unidos? Ah, não, é a África'. E... sabe? O comandante, Jim McDivitt, teve que gritar para que ele recobrasse os sentidos. Você sabe do que estou falando.”

Respondi: “Na verdade, não sei”.

Florida tinha acabado de chegar com sua roupa de Power Ranger. Ela disse que tínhamos que ficar nos mexendo para conferir se havia alguma fissura ou falha no traje.

O sr. Bean prosseguiu. “Estou falando de como não pirar. Não esquecer as coisas que são importantes, as coisas boas e verdadeiras na vida. Há algo encantador lá em cima. E talvez você precise ter algo no seu coração, sabe, ainda mais encantador. Para conseguir voltar para casa. Do contrário, pode acabar se iludindo.”

“Me iludindo?”

“Acho que essa seria a palavra certa. Boa noite.”

“Boa noite, senhor Bean.”

Ele sorriu e disse: “Pode me chamar de Alan”.

Quando ele estava prestes a sair pela porta, Florida gritou: “Espere! Alan Bean? *Apollo 12*, 1969? Isso é cósmico!”.

Deve ter sido a primeira vez que ela usou a minha palavra. Provavelmente não existia nenhuma outra que desse conta do fato de que havia ali uma pessoa que tinha estado no espaço.

“Uau!”, comentou Florida. “Um astronauta da *Apollo*? Então você é ridiculamente famoso, não? Quer dizer, faziam paradas em homenagem a vocês, e os astronautas iam a todas aquelas festas e apareciam na televisão no mundo todo.”

“Não apareci muito na televisão, na verdade, porque estraguei nossa câmera. Quando pisamos na Lua, eu a apontei acidentalmente para o Sol e ela queimou. Imagine isso. Viajamos até a Lua e não conseguimos filmar nada. Então... não apareci tanto na televisão quanto os outros! Mas me lembro da Lua. De cada segundo lá. Cada pedra. Cada estrela. Às vezes, parece que nunca voltei para a Terra.”

Ele deu de ombros. “Mas eu voltei”, disse, “e você se lembra disso. Aonde vocês vão... parece um lugar distante e perigoso. Mas vocês também vão voltar.”

Foi mais ou menos a mesma coisa que meu pai disse no meu primeiro dia de aula na Escola Waterloo.

Assim que Alan foi embora, coloquei meu celular velho no PPB, porque tinha fotos de casa. E o São Cristóvão do meu pai. Não teria cabido se não estivesse um pouco quebrado.

Florida perguntou: “Por que você está levando isso?”.

Respondi: “Por quê? O que você está levando?”.

Florida disse: “Basicamente balas”.

Quero meu pai

Quando saímos do alojamento da tripulação no dia seguinte, todos os pais estavam esperando perto do transporte, prontos para se despedir. *Monsieur* Martinet, Samson One e Eddie Xanadu, que estava acompanhado por dois guardas, um de cada lado dele. Os pais conversaram com os meninos, ajeitaram o cabelo e deram um soquinho no ombro deles. Samson One gritou para mim: “Cuide bem do meu filho!”. Pensei que talvez meu pai fosse aparecer com os outros, mas isso não aconteceu. Pelo menos pude conversar com Alan.

A dra. Drax nos deu um picolé “mais leve que o ar” no formato do *Dente-de-leão*. “Um agrado de última hora.” Ela sorriu. “Quando o Parque Infinito abrir, vamos vender esses picolés para o mundo todo. Não são deliciosos? Ah, preciso pedir que vocês entreguem seus novos Draxphones. Só para proteger nosso segredinho.”



A primeira coisa que fiz quando entrei na cabine de voo foi tirar o São Cristóvão do meu pai do PPB e pendurá-lo no painel. O foguete inteiro sacudia, então o São Cristóvão parecia estar fazendo uma dancinha maluca. Também estava ali o cartão que eles tinham me dado para medir o nível de estresse. Quando o peguei, ele mudou de azul para cor-de-rosa e uma mensagem apareceu: ESTRESSADO.

O *Possibilidade Infinita* tinha sessenta metros de altura. No topo, você conseguia sentir o foguete balançando com o vento, que entrava e saía dos canos e motores produzindo um ruído que parecia um suspiro ou um soluço, como se alguém estivesse triste.

No papel de adulto responsável, tive que fazer uma porção de verificações de última hora. Durante todo o caminho, Samson Two ficou recitando fatos sobre o espaço sideral. Acho que era a maneira que ele tinha de lidar com a viagem. “Sabia que a exposição a um ambiente com gravidade zero faz você crescer?”, ele disse. “Porque tem menos pressão agindo sobre a sua coluna vertebral, então ela relaxa e você fica mais alto.”

É tudo o que eu preciso, pensei. *Ganhar mais uns centímetros*. Eu disse: “Podíamos ter uma régua só para ver se é verdade. Seria um experimento”. Fiz com que todos ficassem lado a lado, para marcar as alturas na parte de trás da porta de segurança. Pensei que isso os ajudaria a não pensar na viagem.

De repente, Max disse: “Não estou assustado. Quando a coisa fica difícil, temos que agir com mais vigor. Além disso, só os mais fortes sobrevivem. E eu sou forte”.

“Sim, mas eu não sou”, replicou Hasan. “Isso significa que não vou sobreviver? Cadê o meu pai? Eu quero meu pai.”

Florida disse: “Seu pai provavelmente está na cadeia agora”, o que não ajudou em nada.

O cartão de estresse mudou de rosa para escarlata. A mensagem dizia: CONSULTE UM MÉDICO IMEDIATAMENTE.

Eu disse: “Estamos todos preocupados com a decolagem. Vamos parar de pensar nisso e focar na hora

de inflar os trajes. Aliás, vamos fazer isso agora”.

Não tinha sido só o refrigerante de uva esquisito de Eddie Xanadu. Eu tinha razão. Aquilo era tão engraçado que até conseguiu nos distrair. As crianças se sentaram. Certifiquei-me de que todos estavam bem seguros e de que os trajes tinham sido bem colocados. Repeti para todos eles onde ficava o botão de inflar. Então, fui até o meu assento e gritei: “Três, dois, um...”.

As roupas começaram a chiar e a se expandir, e todos nós inflamamos como tangerinas risonhas de novo. Os trajes se expandiram até preencher cada canto do módulo. Apenas nossas cabeças ficaram de fora. Então, a contagem começou:

“Vinte... dezenove... dezoito...”

“Preciso fazer xixi”, disse Hasan.

“Então faça. Você está com o traje espacial, não se esqueça disso.”

“Pete Conrad fez xixi nas calças pouco antes do *Gemini 5* decolar”, comentou Florida.

Ninguém mais a ouviu dizer isso, porque um ruído que parecia uma montanha roncando tinha surgido. Tudo tremeu como no pior filme de terremoto já visto. Nossos estômagos despencaram. Nosso corpo todo despencou. E de repente, tive a sensação de que realmente o Pai Invisível Gigantesco realmente estava ali, mas tão furioso que queria nos esmagar com a palma da mão. E não éramos capazes de reagir, porque nossos braços não se mexiam. Não conseguíamos gritar. Porque nossos rostos não funcionavam.

E eu me lembro de pensar: *Se temos que passar por isso para subir, como vai ser na hora de descer?*

Aluaseu idiota

Imagine que você amassou um papel com a mão, e então abriu a mão e o papel se abriu como uma flor. Essa é a sensação de decolar.

Logo o foguete começou a estabilizar. Florida perguntou: “Já chegamos?”.

Então Max perguntou: “Já chegamos?”.

E em seguida todos estavam repetindo: “Já chegamos? Já chegamos?”.

Tentei calá-los, para o caso de alguma mensagem importante estar sendo emitida pelo DraxControl. Então ouvi um dim-dom no meu fone e uma voz tranquilizante disse: “Olá, senhor Digby. Meu nome é Li. Serei a comandante do voo hoje”.

“Muito prazer, Li.”

“O prazer é meu. Se tiver alguma dúvida, é só perguntar. No momento, pode relaxar. Se quiserem, podem desinflar os trajes de decolagem e curtir o ambiente com gravidade zero.”

Anunciei: “Tripulação, podem desinflar os trajes”. Todos gritaram “Oba!” e eu não me senti apenas um pai, mas também um capitão.

Começamos a flutuar pela cabine, propelidos pelo ar dos trajes que desinflavam. Na gravidade zero, não passávamos de uma família de balões ornamentais.

Da última vez, tínhamos ficado sem peso só alguns poucos minutos. Mas, agora, podíamos brincar, curtir o momento, esperando a hora que aquilo ia terminar. Só que nunca terminava. Max me perguntou se tinha chegado a hora de realizar nossa primeira tarefa. “Em breve”, respondi. Eu estava feliz demais sendo um balão para me importar em ser adulto.

Alguns minutos depois, a voz tranquilizante disse outra vez ao meu ouvido. “Senhor Digby, estamos com um probleminha. Não foi possível liberar o escudo protetor. Há um botão no display multifuncional que permite corrigir isso. É um botão preto no canto superior direito. Você enxerga?”

Sim, eu estava vendo o botão.

“Se puder apertá-lo quando eu disser...”

Aquilo era completamente cósmico.

Algo tinha dado errado e eu ia consertar. Nem mencionei aos outros. Não queria deixar ninguém em pânico. A voz pediu: “Agora”. Eu apertei o botão.

Escutei o barulho de uma porta se fechando em algum local distante. A cápsula tremeu um pouco. Depois, tudo ficou claro.

Nossos painéis externos de proteção tinham sido expelidos. Agora tínhamos janelas. Podíamos ver os painéis descartados se afastando de nós pelo espaço.

“Ótimo trabalho, senhor Digby.” A voz de Li estalava em meu ouvido.

“Toda missão tem um probleminha. Você acaba de passar pelo seu. Agora relaxe e aproveite a vista.”

A vista, por sinal, era o planeta Terra.

Não todo o planeta, pelo menos não no início. Menos de um quarto dele. Ainda estávamos tão próximos que aquela quarta parte ocupava toda a janela. Como estávamos lá no alto, pensei que teríamos que olhar para baixo. Mas, na verdade, era como se estivéssemos olhando para cima. E tudo que enxergávamos era o azul. Era o azul mais azul que eu já tinha visto, apesar dos tufos de nuvens e das veias verdes na superfície do mar. Estávamos olhando para o sul do oceano Pacífico.

Max ficou emocionado ao ver os painéis saírem voando. “Olhe só para eles”, gritou. “Parecem torpedos!”

“Eu que fiz isso”, comentei.

“O quê?”

“O DraxControl não conseguiu liberar os painéis. Tive que apertar um botão especial.”

“Sério?”, perguntou Florida, lembrando depois de se referir a mim como “pai”.

“Se acontecer de novo”, disse Max, “é a minha vez.”

“Não”, retrucou Hasan. “É a minha.”

Na cabeça deles, éramos uma nave *X-Wing* e a Terra era a *Estrela da Morte*. Em nossas cabeças, tudo aquilo era tão cósmico que só podia ser um jogo.

Descobri que, se empurrasse meus pés contra a parede, eu podia rodopiar livremente pela cabine, girando até empurrar de novo na parede oposta, como o Homem-Aranha voando por Nova York. Então, Florida apareceu na minha frente, fazendo um ruído de zumbido com a boca, e dando golpes com um sabre de luz imaginário.

Olhando em retrospecto, eu deveria ter me preocupado um pouco mais em agir como um pai naquele momento. Porque foi aí que o DraxControl entrou em contato, pedindo que realizássemos nossa tarefa. “Vocês têm dois minutos para completar a tarefa. Por favor, comecem agora.”

Tudo o que precisávamos fazer era apertar os botões certos na ordem certa, e então estaríamos prontos para voltar para casa. Hasan e Max ainda estavam discutindo. Samson Two levantou a mão e disse: “Por favor, senhor, eu também gostaria de apertar o botão”, o que foi o suficiente para que Hasan e Max começassem a gritar com ele. Talvez eu mesmo devesse ter apertado os botões, mas eu estava ocupado sendo um Super Mario Matrix Jedi Power Ranger. Por isso sugeri: “Vamos resolver isso com sabres de luz!”, e ataquei-os imitando o barulho de um. Eles se abaixaram e depois se levantaram, parecendo um pouco confusos. Foi quando me dei conta de que nunca tinham visto *Star Wars*. E com certeza nunca tinham visto um pai fazer uma decisão de vida ou morte com um sabre de luz imaginário.

Berre: “LUKE, EU SOU SEU PAI”.

Florida achou engraçado e gritou: “Você NÃO é meu pai”.

“E você não é Luke.”

Estávamos zumbindo e gargalhando e rindo e zumbindo. Então, Max notou que Hasan se aproximava dos botões. Max gritou: “Ei! Ele está roubando!”, e foi atrás dele. Samson Two foi atrás também. Segundos depois, eles estavam empurrando um a outro em frente ao display multifuncional.

E, então, ouvimos um longo barulho de algo arranhando. Sentimos um solavanco, como se estivéssemos no momento da parada do bungee-jump. Depois, rodopiamos. E rodopiamos. E rodopiamos. E giramos um pouco mais. Rápido. De forma aleatória. Como o Cósmico.

E uma luz se apagou e se acendeu várias vezes, como um trovão azul.

E, em algum lugar em meio a tudo isso, a voz do DraxControl gritava em meu ouvido.

E então parou.

E então gritou.

E então parou outra vez.

A Terra desapareceu.

E então voltou.

E então desapareceu.

E então voltou.

E então paramos de rodopiar.

E a Terra tinha sumido.

Ninguém disse nada.

Flutuamos até a janela e pressionamos o rosto contra o vidro, procurando pela Terra.

Tudo estava em silêncio. E mergulhado na escuridão. E era muito, muito assustador.

Não demorou muito para que Samson Two descobrisse o que tinha acontecido. Os botões haviam sido apertados na ordem errada. A tampa protetora do *Dente-de-leão* tinha sido ejetada, liberando velas prateadas. Mas o *Dente-de-leão* não se separou do módulo de comando.

As velas solares tinham se aberto de forma inesperada — por isso o ruído metálico de algo arranhando — e captaram um sopro de vento solar no mesmo instante. Elas deveriam conduzir o *Dente-de-leão* de forma sutil, mas nosso módulo de comando ainda estava preso no topo dele. Em vez de planar tranquilamente em direção à órbita da Lua, o *Dente-de-leão* ficou girando sobre seu próprio eixo e nos tirou da rota. As velas não estavam agindo como as velas de um barco. Pareciam mais as pás de um moinho de vento, girando e girando, e nos levando junto.

Não conseguíamos enxergar a Terra pela janela. Mas vimos algo que se parecia com uma parabólica passando por nós, e outra coisa que lembrava uma antena. A nossa parabólica. E a nossa antena. Foi quando me dei conta de que não escutava mais o DraxControl no fone de ouvido. Todo o equipamento de comunicação tinha se soltado.

Todos começaram a gritar, um culpando o outro, e a se empurrar. Empurrões em um ambiente sem peso demoram mais do que na Terra. Se você empurra alguém, leva alguns minutos até a pessoa voltar e te empurrar.

Eu ia me juntar a eles quando notei uma mensagem piscando na tela. Uma mensagem. Talvez tudo fosse ficar bem, afinal.

Mas a mensagem dizia: ERROS FATAIS PERMANENTES.

Eu ainda podia escutá-los brigando e gritando atrás de mim. Queria gritar algo como “Estamos completamente condenados e a culpa é de vocês!”, mas, quando me virei, todos estavam olhando para mim. Como se eu soubesse de algo.

Como se eu soubesse o que fazer.

Como se eu fosse o pai deles.

Como se o fim nunca fosse chegar enquanto eu estivesse ali.

“Chegou uma mensagem?”, perguntou Samson Two.

“Sim.”

“E o que diz?”

Eu poderia ter respondido: “Erros fatais permanentes. Ou seja, vamos morrer. Aproveitando, não sou pai de ninguém. Sou uma criança. Então parem de me olhar desse jeito”.

Mas os pais daqueles garotos — Hasan, Samson Two, Max — não davam a menor bola para eles. Os pais os obrigavam a fazer um monte de coisas para ficarem mais inteligentes, ricos ou bem-sucedidos. E agora estavam todos condenados no espaço. E os garotos ainda achavam que alguém, em algum lugar, estava cuidando deles.

Naquelas circunstâncias, tive a sensação de que eu deveria ser essa pessoa.

Pensei: *Está bem, vocês serão minha missão. Vou enfrentá-la.* Desliguei o monitor e disse: “Tudo vai ficar bem. Só precisamos encontrar a Terra e voltaremos para casa”.

Florida não tinha notado isso até então. Ela gritou: “Meudeusdocéu, a Terra desapareceu! O que você fez com a Terraseuidiota?!”.

“A Terra não desapareceu. Só não está visível agora. Não se preocupe, ela vai aparecer.”

“Como você sabe?”, perguntou Samson Two. “E se não aparecer?”

“Sei disso porque todas as minhas... todas as coisas de Florida estão na Terra: o barco Viking do Playmobil, a arminha de água que vaza um pouco, o móbil do sistema solar que brilha no escuro...”

Não sei o que me levou a começar a listar essas coisas. Mas funcionou. Todos pensaram na Terra. Em como o planeta era real e enorme. Fiz com que o enxergassem, mentalmente, e eles passaram a acrescentar coisas à lista até se acalmar e dormir.



Os sacos de dormir azuis ficavam presos à parede. Penduradas ali, com a cabeça do lado de fora, as crianças pareciam dormir em uma fileira de meias natalinas. Eu era o único acordado, como se fosse Papai Noel ou o anjo da guarda.

E então, de repente, a cabine se encheu de luz. A luz entrou e inundou tudo, como se fosse água. A luz do Sol.

Se toda aquela luz estava entrando, coisa que não tinha acontecido antes, isso significava que até então o Sol estava atrás de alguma coisa. Só podia ser da Terra, não?

A Terra... Ainda não conseguia enxergá-la, mas sabia que estava lá.

Abaixei o filtro da janela de observação. Não queria que as crianças acordassem.

Havia uma portinhola no chão em frente aos displays multifuncionais, que levava ao *Dente-de-leão*. Pensei em descer ali para olhar pela janela daquele módulo. De lá, talvez conseguisse enxergar a Terra.

Comecei a mexer na tranca. Parecia simples de abrir. Só quando ela de fato começou a abrir pensei: *E se não levar ao Dente-de-leão? E se essa porta se abrir direto para o espaço sideral? Então, todos nós seremos sugados pela diferença de pressão e nossas cabeças explodirão.*

Por sorte, isso não aconteceu.

No *Dente-de-leão*, nada se parecia com um foguete. Havia três fileiras de assentos e duas janelas enormes. Era realmente como estar dentro de um trailer de sorvete muito mais espaçoso que o normal. A boa notícia era que havia prateleiras cheias de comida e bebida.

A má notícia era que, apesar das janelas enormes, ainda não dava para ver a Terra.

Tinha algo enorme entre nós e o Sol, mas não era a Terra.

Senti alguma coisa se movendo atrás de mim.

Era Florida. Ela tinha descido até o trailer de sorvete. Então, ela disse: “Meu. Deus. Do. Céu”, apontando para a janela. “Você sabe o que é aquilo?”

Assenti e disse: “Acho que já vi isso em algum lugar”.

“Aquilo”, continuou Florida, “é aluaseu idiota.”

Um obstáculo não previsto

Quando você olha para a Lua a partir da Terra, ela parece meio manchada. Quer dizer, você sabe que as manchas são montanhas e coisa e tal, mas, na verdade, só parecem manchas. De onde estou agora, dá para ver que são montanhas esquisitas, pontiagudas, dignas de livros de fantasia. A superfície é branca como papel e as sombras são nítidas e bem definidas. Dá a impressão de que estou olhando para o mapa de um reino imaginário em *Warcraft*. Montanhas enormes, vales profundos, planícies desertas. Só faltam alguns ogros e dragões, além de uma bússola grande e bonita.

“O que a Lua está fazendo aí?”, gritou Florida.

Respondi calmamente: “Ah, você sabe... Está orbitando ao redor da Terra, agindo sobre as marés, essas coisas”. É importante que um pai mantenha a calma em qualquer situação.

Dentro da minha cabeça, a voz do meu eu de doze anos gritava em pânico: “Ela está nos puxando, estamos cada vez mais próximos! Vamos entrar na órbita da Lua! É isso que vai acontecer! Vamos ficar girando em volta dela para sempre! O que você vai fazer?”.

Na verdade, ao entrar no *Dente-de-leão*, eu esperava encontrar freios e um volante, para poder parar o foguete, mudar a direção dele — e talvez dar uma volta intergaláctica — e voltar para casa. Mas, aparentemente, não havia nenhuma forma de controle ali.

Florida deu de ombros e disse: “Acho que vamos ter que fazer uma trajetória livre de retorno ao redor da Lua para voltar”.

Perguntei: “Como?”.

Ela disse: “Você sabe, como na *Apollo 13*”.

Voz do pai tranquilo (em voz alta): “Ah. Sim. Exatamente. Esse é o meu plano. O que você acaba de dizer”.

Voz do garotinho assustado (dentro da minha cabeça): “O que foi que ela disse? Quer dizer que tem uma maneira de a gente se salvar?”.

Florida desabou em um dos assentos do banco e grunhiu: “Odeio quando isso acontece. Quando você acha que está chegando em casa e então o ônibus entra em uma... como se diz?”.

“Trajetória?”

“Não, sabe, quando você pega o ônibus, vê o viaduto e pensa que está quase em casa, mas aí ele passa *por baixo* do viaduto, dá a volta e vai até o posto antes de voltar para onde você estava, tão pertinho de casa.”

“Ah, sim.”

Ela cruzou os braços e olhou pela janela. Parecia mesmo que Florida estava sentada naquele ônibus. Sentei ao lado dela e perguntei: “Pois é, trajetórias... São realmente um saco... Como é que elas funcionam mesmo?”.

Florida me contou toda a história da *Apollo 13*, que é a seguinte: o foguete estava a caminho da Lua quando um dos tanques de oxigênio explodiu. A tripulação entrou no pequeno módulo de aterrissagem,

que foi usado como um bote salva-vidas. Eles voaram ao redor da Lua, para que sua gravidade conferisse mais velocidade ao foguete e, na hora certa, queimaram o resto do motor, conseguindo deixar assim sua órbita. Desse jeito, eles conseguiram voltar para a Terra.

Claro que isso é só um resumo. A versão de Florida incluía uma discussão acerca do número treze dar azar ou não, quais atores de Hollywood tinham interpretado os astronautas na adaptação para o cinema — Kevin Bacon e Tom Hanks — e com quem eles eram casados.

Enquanto ela falava, os outros deviam ter notado a portinhola aberta no chão do módulo de comando. Um por um, entraram flutuando no *Dente-de-leão*. O primeiro foi Hasan, que não pareceu ter percebido a Lua. Ele se esticou em um dos assentos do banco e comentou: “Aqui embaixo é muito mais confortável”.

Samson Two olhou pela janela, boquiaberto, até Florida explicar sarcasticamente: “Sim, é a Lua. Precisamos dar a volta nela. Dá para acreditar?”.

“A Lua? Mas... ninguém falou nada sobre a Lua.”

“É um obstáculo”, explicou Florida. “Um obstáculo não previsto.”

“Mas... a Lua? Fica tão longe.”

“Não mais”, disse Florida.

O verdadeiro problema era Max. Ele não se sentia incomodado com a Lua, mas com o *Dente-de-leão*. “Nossa missão era soltar esse módulo e colocá-lo em órbita. Precisamos fazer isso agora.”

Expliquei que não poderíamos fazer aquilo naquele momento, porque tínhamos um probleminha.

“Não soltar o módulo significa que fracassamos. Não podemos falhar.”

“Não fracassamos, só não fomos bem-sucedidos. Ainda. Vamos apertar o botão verde quando possível.”

“Mas a doutora Drax disse...”

“A doutora Drax não sabia.”

“Ela sabe mais do que você. Vou apertar o botão verde agora”, Max anunciou.

Corri atrás dele. Correr sem peso não é exatamente rápido. Parecia um daqueles sonhos nos quais você tenta fugir de cães raivosos, mas seus pés ficam grudando no piso. No final, acabei me jogando para frente em um salto mortal involuntário e agarrei Max com o pé, mandando-o rodopiando de volta para os assentos.

Agarrei a portinhola e disse: “Escutem, temos um plano, que é...”. Qual era o plano? “Florida vai explicar para vocês.”

Delegação de tarefas, veja bem. É muito importante quando se lida com adolescentes.

“Não tenho nenhum plano”, ela retrucou.

Delegação e afirmação.

“Você tem um plano genial, Florida. O da trajetória, lembra?”

“Ah. A trajetória livre de retorno. Como na *Apollo 13*. Vocês se lembram da *Apollo 13*, né?”

“Do fracasso ao triunfo”, disse Samson Two. “A missão lunar que foi supostamente abandonada depois de uma falha em um tanque de oxigênio.” Não ouvi Samson Two dizer “supostamente” naquele momento, mas com certeza aquilo ficou claro dez minutos depois.

Florida explicou para todos como deveríamos dar a volta na Lua até estar na direção certa, e destacou

que aquilo seria fácil. Como um brinquedo em um parque de diversões, na verdade. “Na *Apollo 13*, tudo o que eles tinham era um pequeno módulo apertado, sem oxigênio ou energia. Mas o *Dente-de-leão* é movido pelo Sol, e há bastante espaço e comida. Então... é uma moleza, na verdade. Em comparação. O *Dente-de-leão* foi feito para uma viagem espacial, mas não para a reentrada. O módulo de comando foi feito para a reentrada, mas não para uma viagem espacial. Então, usamos o *Dente-de-leão* para voltar à órbita terrestre. Depois, voltamos para o módulo de comando e o usamos para retornar à Terra. Entenderam?”

Todos disseram que sim. Havia algo para não entender? Mas Max disse: “Sim, eu entendo. E, agora, vou apertar o botão verde”.

“Quê?! Você ouviu alguma coisa do que a gente disse?”

“Sim, mas prefiro seguir o que a doutora Drax disse.”

“Bom, você não pode apertar o botão”, retrucou Hasan, “porque é a minha vez de fazer isso.”

Os dois se jogaram em direção à portinhola.

Gritei: “Ninguém vai apertar o botão verde, ou todos nós vamos morrer!”.

Samson Two disse: “É claro que não vamos morrer. Vocês não acham que estamos no espaço mesmo, acham?”.

Todos pararam e olharam para ele.

“É claro que não estamos no espaço. Isso é um truque que a doutora Drax inventou. Se abrirmos a porta, vamos descobrir que estamos no meio do Parque Infinito. Na verdade, vou abrir a porta agora.”

Ele empurrou o assento com os pés e flutuou em direção à porta.

Eu ia impedir Samson quando me dei conta de que precisava parar Max também. Meu cérebro tentava escolher o que era melhor: ser arremessado para fora da espaçonave e acelerar até a morte ou flutuar para todo o sempre em um trailer de sorvete espacial.

Naquele momento horrível, dei-me conta de que o verdadeiro perigo não era o vácuo infinito do espaço ou as seis milhões de falhas possíveis no foguete. O verdadeiro perigo eram as crianças.

Lembre-se de que um adolescente mal consegue controlar alguma coisa — nem o próprio corpo ele domina. Você controla tudo. Se seus filhos estão reagindo de forma irracional ou desproporcional, você precisa resolver o que realmente os está incomodando.

*Em *Converse com seu filho adolescente**

Max estava irritado porque ele era obcecado por sucesso. Para ele, estar a caminho da Lua em um trailer de sorvete era sinônimo de fracasso. E ele achava que, se liberássemos o *Dente-de-leão*, voltaríamos a ser vencedores.

Já Samson Two estava irritado porque tinha pirado completamente.

O que era compreensível. Se eu não tivesse que cuidar dos outros, também teria enlouquecido.

Tudo o que eu precisava fazer para resolver o problema de Max era mostrar que, se conseguíssemos voltar para casa inteiros, apesar de todos os obstáculos, isso seria considerado um feito ainda maior do que completar a missão encomendada pela dra. Drax. Então, eu disse para ele: “Sabe, Max, depois de todos os problemas, voltar para casa inteiros seria um feito ainda maior do que fazer tudo o que a

doutora Drax mandou”.

Ele respondeu: “Todos os nossos problemas são culpa de Hasan”.

“Não”, retorquiu Hasan, “a culpa é sua.”

“Você apertou o botão errado. Agora, vou apertar o certo.”

“Eu não apertei nenhum botão, você que apertou.”

Eu interrompi: “Escutem, eu sou o PAI e EU decido quem aperta os botões. Resolvi que quem GANHAR o meu jogo vai apertar o botão. QUANDO EU DISSER QUE É PARA APERTAR”.

“Ganhar?”, perguntou Max, repentinamente interessado. Como eu já disse, todos os monstros têm um ponto fraco. O de Max era querer vencer sempre. “Que jogo?”

Humm. Que jogo?

Para a minha surpresa, Hasan tinha um jogo de tabuleiro no PPB. “Este jogo”, ele disse, “me ensinou a valorizar o dinheiro. E é por isso que gosto tanto dele.” Era Banco Imobiliário. Pelo visto, não havia como escapar dele.

Banco Imobiliário em um ambiente de baixa gravidade é melhor que o Banco Imobiliário jogado na mesa da cozinha, porque dura poucos minutos. Se você tem uma versão magnética para viagem — como Hasan tinha — as peças ficam presas ao tabuleiro. E, se você cuidar do seu dinheiro, fica tudo bem. O problema são os dados. Quando você jogava um, ele não caía no tabuleiro — flutuava em direções inesperadas, afundando e levantando como um cubo de açúcar geneticamente modificado. E nunca parava de girar.

O rodopio infinito prendeu o interesse de Samson Two. “Fascinante”, ele comentou. “Deve haver um jeito de captar a energia que os dados geram ao rodopiar desse jeito.” Então, só para acabar com qualquer chance de eu ficar tranquilo, ele acrescentou: “Eu me pergunto como a doutora Drax conseguiu criar esse efeito. Realmente parece que estamos sem peso. Quase dá para acreditar que estamos no espaço”.

Tentamos jogar um dado na fita adesiva que colamos em um dos assentos, mas não funcionou, e, durante uma briga sobre o resultado ter sido seis ou não, vi Max se dirigindo ao módulo de comando.

Gritei: “E que tal joquempô?”.

Nenhum deles — além de Florida — tinha jogado aquilo antes. Eles ficaram muito interessados pelo jogo por uns vinte minutos. Os primeiros dez minutos foram ocupados por uma discussão de por que papel ganhava de pedra e por que alguém tentaria cortar uma pedra com uma tesoura. Em uma rodada, Max era dinamite e eu era tesoura. Então, na rodada seguinte, ele foi papel e eu fui tesoura outra vez. Tesoura ganha.

Ele disse: “Você jogou com tesoura da última vez e eu a destruí com dinamite. Como pode jogar de novo com a tesoura se eu a destruí?”.

“Bom, elas não ficam destruídas para sempre. É só até a rodada seguinte.”

O jogo obviamente era abstrato demais para Max. Ele ficou vermelho e começou a gritar: “Isso é loucura. Algo precisa ser destruído para sempre, ou como você pode ser o vencedor? Só dá para ganhar quando uma coisa é DESTRUÍDA!”.

Quando ele gritou “destruída” desse jeito, quase entrei em pânico. Mas fiquei tranquilo. Só disse: “Esconde-esconde, quem topa?”.

Esconde-esconde sem peso pareceu uma boa ideia, mas foi um equívoco ainda maior do que joquempô. Foi o que quase nos matou.

Era eu quem deveria achar os outros. Contei bem alto até quarenta enquanto eles se escondiam. Durante aqueles quarenta segundos, sentei-me em um dos assentos da janela e fiquei olhando para a Lua. Então gritei: “Prontos? Não? Estou indo!”.

Dava para escutar Samson Two se mexendo embaixo de uma das cadeiras. Teria sido um ótimo lugar para se esconder, só que, como não havia peso, ele flutuava e ficava batendo a cabeça. Então saímos os dois para procurar os outros.

Pude sentir que Max me observava. Olhei para cima e vi que ele se segurava no teto, olhando para baixo em nossa direção, esperando que não o tivéssemos visto. Decidi deixá-lo ali para que ele pudesse ganhar, já que era tão importante para ele.

Fui para a frente do *Dente-de-leão*, entre o assento frontal e a janela, que era onde eu me sentava no ônibus escolar. Notei que havia um espaço maior que o necessário entre os dois assentos da frente e uma abertura estranha em um dos painéis do piso. Dei um empurrão e o chão se abriu para o lado. Florida estava olhando em minha direção, com um grande sorriso no rosto, e disse: “Venha ver...”.

Resolvi descer, e Samson Two me acompanhou. Florida tinha descoberto o controle do *Dente-de-leão*! Tudo estava lá — um assento de motorista com volante e até espelhos retrovisores para ver as velas solares. A vista não era grande coisa, porque o módulo de comando ainda estava preso ao *Dente-de-leão*. Mas isso só aumentava a aparência de carro comum — era como caminhão rebocando um carro. Um carro que eu conseguiria dirigir. Olhei para Florida e ela assentiu. Tinha lido minha mente.

“Só que você é um péssimo motorista”, comentou.

“Sim, mas aqui vai ser fácil. Não tem trânsito.”

“Que decepção”, disse Samson Two. “Isso não se parece com uma espaçonave. Parece feito de pedaços velhos de ônibus.”

Não pude evitar: sentei para experimentar o assento. Florida alertou: “Tome cuidado. Nós precisamos de um manual. Nunca se sabe... Uma dessas coisas” — ela apontou para o painel de controle — “pode ser o botão ejetor ou algo do tipo”.

Olhei para cima. Logo acima do assento do motorista havia um para-sol que podia ser abaixado, como em um carro. Meu pai guardava o manual, os mapas da estrada e o documento nele, presos com uma fita elástica. Abaixei o para-sol. Encontrei um mapa de pontos de observação da Lua, alguns documentos e... um manual. Continha uma seção de problemas frequentes, uma página de informações iniciais, um diagrama do painel de instrumentos e...

O diagrama do painel me encheu de medo. Os desenhinhos dos botões pareciam saltar da página e ir na minha direção como lanças do Clã da Morte. Botões! O botão! Max e Hasan estavam fora do meu campo de visão. Eles poderiam ter dado início a nove tipos diferentes de apocalipse naquele instante.

Eu me arremessei pelo ar e saí pela portinhola como se fosse o Super-Homem, bati a cabeça no teto do micro-ônibus, dei uma cambalhota em direção ao módulo de comando, passei girando pela câmara de compressão e lá estava Max, diante do botão verde, pronto para apertá-lo.

Não faço ideia de como fui de um lado do módulo até o outro tão depressa. Mas eu estava entre ele e o botão antes de conseguir pensar nisso, e nós dois entramos em uma briga no ar, batendo em canos, sacos de dormir, alavancas e botões.

Florida ficou ao lado do botão e gritou: “Então Hasan venceu! É isso, pai?”

Aquilo chamou a atenção de Max. “Hasan venceu?”

Eu disse: “Bom, eu não consigo ver Hasan... e você? Isso não faz dele o último a ser encontrado? Ou seja, Hasan é o vencedor”.

Dava para ouvir um rumor de insatisfação fermentando dentro de Max. Eu estava esperando ele colocar a cabeça para trás e uivar como um lobo.

Então, eu disse: “É claro que, se *você* encontrar Hasan, será o vencedor”.

E lá se foi Max. Pedi para Florida ficar ali, vigiando o botão verde, enquanto eu saía com Max e Samson Two para encontrar Hasan.

Mas não conseguimos achá-lo.

Não havia sinal dele no módulo de comando. Nem no *Dente-de-leão* . Nem no cockpit.

Hasan tinha desaparecido.

No espaço.

A pior coisa que você pode fazer com adolescentes é começar uma discussão. Eles têm mais tempo que você e podem continuar infinitamente na briga.

Em Converse com seu filho adolescente

“Hasan não está no foguete. Portanto, pela lógica, ele está fora do foguete.”

“Samson Two, você está sempre nos dizendo o que a lógica afirma. Quem é a lógica? Sua amiga imaginária? Por que você não dá sua própria opinião em vez de deixar a lógica falar em seu nome?”

“Ele saiu do foguete.”

“Bom, a lógica diz que você não pode sair de um foguete. Porque estaria no espaço.”

“A lógica afirma que, se alguém sai do foguete — o que Hasan fez —, o foguete não se encontra no espaço. É uma simulação.”

Reviramos mais uma vez o foguete.

Não o encontramos.

Florida disse: “Sabe, tinha um programa de televisão em que as pessoas achavam que estavam no espaço, mas na verdade estavam em Essex ou algum lugar assim”.

“Eu sei.”

“E ainda há o caso”, disse Samson Two, “do programa espacial Apollo. Eles conseguiram convencer os astronautas de que tinham ido para a Lua.”

Max disse: “Eles nunca foram para a Lua?! Tem certeza?”

Florida retrucou: “É claro que eles foram. O senhor Bean pousou na Lua. Conversamos com ele sobre isso”.

“Bom, não quero chamar ninguém de mentiroso”, continuou Samson Two, “mas, se eles foram para a Lua, por que nunca voltaram lá?”

“Ah, as pessoas sempre dizem que vão voltar e não voltam”, eu disse. “Meus pais foram uma vez para a Espanha durante as férias. Disseram que voltariam todos os anos, mas nunca mais foram para lá.”

Samson Two não estava disposto a abandonar a discussão. “Você já viu a foto da bandeira americana na Lua? Está flamejando, não?”

“Sim.”

“Mas não há vento na Lua. Então, como a bandeira pode flamejar? A foto é obviamente falsa.”

Respondi: “Talvez as pessoas que foram para a Lua soubessem que não tinha vento lá em cima, então tenham colocado um fio no topo da bandeira para que ela aparecesse direito. Afinal de contas, eles construíram vários foguetes com seis milhões de pecinhas, então devem ter pensado em colocar um fio na bandeira também”.

Samson Two nem piscou. “A lógica”, ele prosseguiu, “diz: abra a porta e veja com seus próprios olhos.”

“Tá bom, lógica. Por que você não faz isso? Vá em frente, lógica.”

“Eu vou.”

“Não falei com você, falei com a lógica.”

“A lógica diz que *eu* vou fazer isso.”

“Não, a lógica disse que *eu* vou fazer isso. Estou no comando, sou o responsável. Vou lá fora.”

Por que eu disse isso?

Sair de um foguete no espaço é uma EVA — atividade extraveicular. Infelizmente, perdi essa parte do treinamento por causa do refrigerante de uva esquisito de Eddie Xanadu. Os outros se lembravam das coisas importantes — como encaixar o capacete, como conectar o oxigênio, como conferir o traje de EVA. Havia uma seção no manual sobre como abrir a câmara de ar comprimido. E, de repente, lá estava eu, pronto para ir para o espaço. Eu estava dentro da câmara de ar comprimido quando Florida apontou para uma corda amarela espiralada. “É a corda de segurança”, ela explicou. “Prende você ao foguete, para que não saia flutuando pelo espaço. Coloque já. Sem ela, você está morto.”

Prendi bem a corda de segurança. Florida selou a porta atrás de mim e, por um minuto, fiquei parado, sozinho, dentro da câmara. Era como estar em um elevador. Parecia algo tão ordinário — além do fato de que eu estava levitando — que comecei a pensar que talvez Samson Two estivesse certo. Talvez não estivéssemos no espaço. Talvez fosse uma simulação. Então, a porta externa começou a abrir. Primeiro, tudo que vi foi um soslaio da escuridão. Um preto tão sólido que parecia uma parede. Era difícil acreditar que algo podia se mover naquilo. Então, vi a parte de baixo de uma das velas do *Dente-de-leão*. Agora sei que foi isso que eu vi, mas na hora não foi fácil compreender. Era tão hipnotizante que você não conseguia distinguir a forma. Reluzia como o filamento de uma lâmpada muito forte. Então, a porta abriu mais ainda. E eu fui em direção ao nada completamente sombrio. Flutuando livremente.

De repente, colidi com uma das velas e rolei até bater em uma barra de suporte. Agarrei-me a ela. Fiquei pendurado ali como um enfeite de Natal. Por um segundo ou dois, foi a coisa mais completamente cósmica de todas. A Lua enorme estava à minha frente e meus pés pareciam balançar em uma espécie de rio leitoso de estrelas. Em breve, eu ia me virar para ver se conseguia enxergar a

Terra. Enquanto isso, curtia a intensidade do momento. O espaço entre as estrelas era mais preto do que qualquer coisa que eu já tinha visto. Mas tudo o que brilhava — as velas, a Lua, as estrelas, o metal — reluzia com um brilho um milhão de vezes mais forte do que qualquer brilho que eu já tinha visto. Até minha corda de segurança amarela parecia brilhar. Eu me lembro de ficar pendurado, vendo a corda deslizar por minhas pernas e serpentear pelo espaço. Lembro-me de pensar: *Ei, tenho uma corda de segurança, posso me soltar.*

Se uma ponta está presa a mim, onde está presa a outra?, eu pensava ao mesmo tempo.

Em lugar nenhum.

Eu estava simplesmente flutuando no espaço.

Tinha prendido a corda em mim, mas havia me esquecido de enganchar a outra ponta no módulo.

Depois disso, só consigo me lembrar das minhas mãos. Minhas mãos segurando com força a barra. Minhas mãos se movendo com uma lentidão dolorosa pelas velas em direção ao módulo. Pensei em ir de mão em mão, como naquelas escadas horizontais que tem nos parquinhos, mas estava apavorado demais para soltar uma mão por um só instante. Parece que demorei horas até chegar à lateral do foguete. Eu suava e meu coração galopava. Meu capacete ficou até embaçado.

Foi quando me dei conta de que não sabia como voltaria à porta. Tinha ficado tanto tempo ali que nem lembrava se tinha saído pela parte de trás ou da frente.

Pensei que, se a corda amarela passava por cima de mim, deveria estar apontando para a direção oposta da qual eu tinha saído. Além disso, eu sabia que não podia ver a Lua da porta, então ela deveria estar do outro lado.

Por baixo da vela, havia uma barra que a ligava ao módulo. Acabei achando o compartimento onde as velas ficavam antes de serem liberadas. Agarrei-me a isso e segui até a parte de trás.

Demorou uma década. Quando cheguei ao final, estava cansado demais para fazer qualquer coisa além de ficar pendurado ali, olhando para o painel e os rebites. Sabia que a entrada devia estar próxima, mas não podia ver muito por causa da condensação no visor do capacete. Também me preocupava com a quantidade de oxigênio restante.

Passei a mão pelo painel até encontrar a ponta dele. Havia uma fileira dupla de rebites ali, ampla o suficiente para eu encaixar meus dedos. Eu podia me segurar ali por um momento. Coloquei a outra mão ali também, e encontrei o painel seguinte. Fiz o mesmo. Fiquei apoiado nos dedos o tempo todo.

Eu estava rastejando do lado de fora de algo que se movia mais rapidamente que um trem.

Tentei encontrar a porta com os dedos. Mas, de repente, meu pé enganchou em algo e ficou preso. Aproximei meu outro pé dele. Sim! Os dois pés encaixavam. Passei o pé pelo lado interno de seja lá o que fosse. Então, congelei. Aquilo parecia muito afiado e metálico. E se rasgasse o traje? Fiquei parado por um tempo, prendendo a respiração.

Agora eu tinha certeza de que a entrada estava logo abaixo de mim, só não sabia como faria para descer até lá. Tentei rastejar, mantendo os pés encaixados. Só consegui descer um pouco. Precisaria dar um pulo para baixo. Mas e se no momento em que me soltasse eu me arremessasse pelo espaço?

Eu não tinha escolha. Precisava arriscar. Soltei a lateral do foguete e, ao mesmo tempo, tentei empurrar as pernas com o máximo de força possível. Na minha cabeça, isso me faria deslizar de forma elegante, entrando pela portinhola com os pés na frente. Mas, na verdade, isso só me fez bater os

joelhos. A dor me obrigou a me curvar a ponto de formar uma pequena bola. Por um ou dois segundos, flutuei completamente livre pelo espaço. Mas esse movimento fez com que eu me virasse e, quando desvirei, estava na parte de baixo da portinhola. Agarrei-a e me arrastei para dentro. Havia muitas coisas em que eu podia me prender ali. Tateei cegamente e apertei um botão. Ouvi a porta se fechando atrás de mim. Ainda não estava em segurança. Porém, estava tão feliz de ter voltado para o foguete que comecei a tirar o capacete. Como não sabia o que tinha que fazer, mexi um pouco nele. Quando finalmente consegui, voltei a enxergar. E a primeira coisa que vi foi a porta fechando. Se eu soubesse a maneira correta de tirar o capacete e tivesse sido mais rápido, a porta ainda não estaria completamente fechada e minha cabeça poderia ter explodido. O mais provável, no entanto, era que eu tivesse morrido asfixiado antes.

Apoiei a testa contra a porta de metal. Era muito gelada e sólida. Adorei o fato de que ela não tentava se afastar de mim para me abandonar no espaço. Tive a impressão de ter ficado horas ali antes de a porta se abrir — horas longas e felizes, nas quais só fiquei parado, sem me segurar a nada, tranquilo, apreciando as várias características das portas de metal.

Assim que a porta se abriu, todas as crianças estavam flutuando à minha frente, levitando para cima e para baixo, como querubins. E eles pareciam tão *vivos*. Sei que parece loucura, mas conseguia enxergar cada cílio deles. Podia ouvir a respiração das crianças, e suas pálpebras abrindo e fechando. Tudo. Era como se tivesse completado uma missão e a recompensa recebida — vida, experiência, força — me inundava. Era como se eu tivesse ganhado um superpoder. Superaudição. Poderia ter passado o dia ouvindo-os respirar e piscar. Queria abraçá-los, para ser sincero, mas isso com certeza seria muito estranho.

Florida perguntou: “Você o encontrou?”

“Quem?”

“Hasan. Você saiu em busca de Hasan.”

“Não, ele não está lá fora.” Eu estava tão feliz por ter me salvado que tinha me esquecido do plano de resgate de Hasan.

“O que tem lá fora?”

“Ah, vocês sabem, o universo e tal.”

“Se ele não está lá fora, nem aqui dentro, aonde ele foi?”, perguntou Florida. “Não pode simplesmente ter desaparecido.”

Max disse: “Primeiro a Terra desapareceu, agora Hasan. Tudo está sumindo. Talvez sejamos os próximos!”.

Pedi a Max que fizesse silêncio. Entre os novos sons que podia ouvir — pálpebras se abrindo e fechando, ossos e músculos se movendo, os zumbidos dos equipamentos eletrônicos, uma peça de Banco Imobiliário flutuando por baixo dos assentos — notei que havia outro som, mais alto e forte, vindo de dentro da parede, perto do compartimento de direção do *Dente-de-leão*. Fui até lá. Para mim, o ruído era ensurdecedor, mas sabia que ninguém mais escutava. Porque, quando fui procurar Hasan antes, eu também não tinha ouvido. Era a minha nova superaudição trabalhando. Tateei a parede e encontrei uma abertura entre os painéis. Empurrei um e arrastei o outro. Lá estava Hasan, roncando.

Ele acordou, parecendo superfeliz consigo mesmo. “Eu ganhei? Quando os soldados invadiram meu

vilarejo, eu me escondi em um lugar atrás da caixa d'água por três dias. Tenho muita experiência em esconde-esconde.”

“Claro. Tinha me esquecido disso”, eu respondi. Era estranho pensar que esse devia ter sido o *segundo* esconde-esconde mais perigoso que Hasan já tinha jogado.

“Então quer dizer que ganhei?”

“Sim. Você ganhou. Você se saiu muito bem.”

“Ele venceu”, disse Max. “Finalmente sou um perdedor.”

Olhei para ele. Com minha superaudição, quase podia escutar seu coração batendo mais rápido que o normal. Depois, Max pareceu se acalmar. “Quer saber?”, ele disse. “A sensação não é tão ruim.”

Florida o empurrou e ele flutuou de volta até a outra ponta do micro-ônibus. Max foi rindo o percurso inteiro. Fiquei feliz em vê-lo daquele jeito. Soube, então, que não corríamos mais o risco de que apertasse o botão verde.

Sugeri: “Vamos medir a altura de todos vocês, para ver se cresceram”.

Florida olhou para mim como se eu tivesse enlouquecido. “Você só ficou dez minutos no espaço. Como teríamos crescido?”

“Samson Two disse que a gravidade atuando na nossa espinha é menor.” Todos se alinharam e eu marquei as novas medidas perto da porta, assim como minha mãe fazia comigo em casa.

Samson Two comentou: “O poder da sugestão é impressionante. Todos crescemos alguns centímetros, como teria acontecido se estivéssemos mesmo no espaço”.

“Nós realmente estamos no espaço”, respondeu Max. “O senhor Digby foi lá fora, lembra?”

“Sim”, disse Samson Two. “Ele saiu, leu um jornal e voltou para dentro.”

Fiquei tentado a responder: “Certo, se você não acredita, por que não dá um pulo lá fora?”. Mas respirei fundo e só disse: “Certo. Mas, mesmo que seja apenas uma simulação, ainda precisamos saber a altitude e o ângulo de partida correto para conseguir atingir a velocidade necessária para a trajetória de retorno. Você pode fazer os cálculos?”.

“Talvez.” Ele mexeu no PPB e tirou um livro grosso e velho chamado *O maravilhoso tesouro científico dos garotos*.

“Minha mãe me deu esse livro de aniversário. Quando eu era pequeno. Era o livro favorito dela quando era jovem. Ela tinha ganhado da mãe dela. É antigo. Fiquei doente um tempo e não pude ir à escola, então sentei na cama e li esse livro. Fiquei mais inteligente depois da leitura, deu para sentir. Era como um poder mágico. Mas foi uma pena, porque fiquei tão inteligente que me mandaram para uma escola especial e quase não vi mais minha mãe depois disso. Às vezes, quando estou cansado ou quando faço algo que não é inteligente, durmo com o livro debaixo do travesseiro e consigo sentir que volto a ser inteligente. Por isso entendo sobre o poder da sugestão.”

No verso do livro havia uma lista enorme de números. Tabelas logarítmicas. Usavam isso para fazer cálculos complicados antes da invenção da calculadora. “Com isso”, anunciou Samson Two, “posso calcular nossa trajetória.”

Respondi: “Bom, se você precisar de ajuda, eu sou da turma avançada. E, quando estivermos prontos e for a hora certa... nós — *todos* nós — vamos apertar o botão verde juntos”.

Todos comemoraram.

Florida, de repente, gritou: “Olhem!”.

Pela janela, conseguíamos enxergar uma sombra enorme se movendo pela Lua como um tapete sendo desenrolado.

“O que é isso?”

Eu sabia o que era. Reconhecia a sombra. Expliquei: “É a sombra da Terra”.

Assistimos àquela cena. Era o mais perto que tínhamos chegado de ver a Terra desde que tínhamos saído da rota. Foi a primeira vez que tivemos certeza de que a Terra continuava lá.

Menos Samson Two, claro, que achava que ainda estava na China.

A sombra foi se projetando sobre a superfície da Lua, e eu tentei imaginar que pedaços da Terra estávamos observando.

Então perguntei: “Quem está com fome?”, e atacamos a comida espacial.

Enquanto nos debruçávamos nos pacotes de porco que faz você comer a própria mão, Florida caiu na gargalhada e apontou para Max.

“Que foi?”, o garoto perguntou.

“Olhe, ele está falando conosco, comendo e fazendo xixi ao mesmo tempo. Dá para ver o saco de dejetos pulsando.”

“Max, você está fazendo xixi enquanto come?”

“Sim.”

“Eu também”, declarou Hasan.

Parece que todos menos eu estavam fazendo isso. Não achei que era uma atitude de pai. Fiquei parado e fiz um som de desaprovação. Acho que eles gostaram daquilo. Hasan riu tanto que flutuou até o teto. Max fez o mesmo. E Florida, e, finalmente, até Samson Two. Eles pareciam um móvel risonho, circulando pelo teto.

Deve ter sido logo depois disso que entramos na sombra e fomos em direção ao lado oculto da Lua.

O lado oculto da Lua

É difícil de acreditar em algo que não se enxerga. Como a gravidade. Eu sabia que, assim que nos aproximássemos da Lua, a gravidade lunar nos atrairia e nos faria dar a volta ao redor do astro, de modo que sairíamos de lá virados na direção certa. Eu tinha isso na minha cabeça. Mas a sensação no meu estômago era de que, depois que passássemos a Lua, continuaríamos nos afastando. E nos afastando. E nos afastando. Em direção ao Nada.

Então, a Lua desapareceu. Ela sumiu por completo. Florida começou a gritar: “Sumiu! A Lua sumiu!”. E Hasan e Max se jogaram contra a janela para tentar localizá-la.

Samson Two continuou trabalhando alegremente com seus cálculos matemáticos. “Vocês não entendem o que aconteceu?”, ele perguntou. “Eles desligaram o simulador. Ótimo. Isso significa que vão nos tirar daqui em breve.”

Florida tinha razão. O lugar onde antes se encontrava a Lua agora estava totalmente preto. Mas — talvez por causa dos meus novos superpoderes — eu conseguia ver um padrão na escuridão. Havia uma curva enorme sem estrelas, no canto superior direito da janela. Como se houvesse algo entre nós e elas. Além disso, havia uma grande curva de uma escuridão ainda mais escura que a escuridão normal. Não dava para ver a superfície da Lua, mas sua silhueta estava lá. Depois que vi isso, não conseguia mais ver outra coisa.

Sinalizei a silhueta para os outros. Eles demoraram um tempo, mas acabaram enxergando. E, enquanto olhavam para ela, ficaram perto de mim, como se eu fosse mesmo o pai deles.

É muito assustador viajar com uma escuridão gigantesca tão próxima de você. Parece um buraco e é difícil não achar que você vai cair nele. Todos ficamos parados olhando para a outra ponta dele, porque isso nos lembrava de que, no final, passaríamos pela escuridão.

E então, de repente, essa ponta começou a reluzir. Só um pouquinho, de início, mas com um brilho cada vez mais forte.

“Deve ser o Sol”, disse Florida.

Quando ela terminou de dizer isso, todos conseguimos ver a fonte do brilho. E não era o Sol. Era a Terra.

Foi a primeira vez que conseguimos de fato enxergá-la desde que tínhamos saído da órbita.

Tinha o tamanho de uma bola de golfe e era azul demais para ser verdade.

É claro que nenhum de nós nunca tinha visto o mundo daquele ângulo. Mas tínhamos todos visto fotos, e era exatamente aquilo. Nossa Terra. Nossa casa.

Então, em um instante, o planeta mudou de forma. Passou de um disco plano para uma bola. Parecia ter feito *pop!*, como quando você pega alguma coisa, amassa e depois espera que volte ao normal. E lá estava. Não era apenas uma fotografia. Era o nosso planeta — e nós estávamos indo na direção dele.

Eu sempre quis sair e ver o mundo. E, agora, era isso que estava fazendo — vendo tudo de uma só vez.

Agindo como um pai

Há algo de peculiar na maneira como a Terra fica ali parada em meio a toda aquela escuridão, sem nada para segurá-la — e isso deixa qualquer um preocupado. Eu ficava pensando que ela podia simplesmente cair. E estava tão ocupado torcendo para que o planeta se mantivesse no lugar que esqueci completamente Samson Two. Pelo menos até ele dizer: “Tá bom, podemos ir agora”.

“Para onde?”

“Se ligarmos um dos motores por onze minutos, seremos empurrados para fora da órbita da Lua e iremos em direção à Terra.”

Respondi: “Não temos motores. O *Dente-de-leão* é movido pelo Sol”.

Samson Two folheava o manual. “Temos dois motores traseiros e dois dianteiros, o suficiente para deixar uma órbita sem problemas. Podemos usá-los agora ou...”

“Ou o quê?” Ir ao supermercado?

“Ou... dar mais uma volta na Lua.”

“Por que faríamos isso?”

Samson Two tirou os olhos do manual. “Se ficarmos em órbita, mas nossa altitude diminuir... se descermos, digamos, até uns cento e dez quilômetros de altitude, ganharíamos velocidade e sairíamos mais rapidamente da órbita. E, se meus cálculos estão corretos, a Terra deve estar uns dezesseis mil quilômetros mais próxima quando terminarmos de dar a segunda volta, então não precisaríamos percorrer uma distância tão longa. Com a velocidade adicional e a distância menor, não perderíamos tempo dando a volta, porque faríamos uma trajetória melhor. Essas tabelas logarítmicas são realmente boas.”

Então, demos mais uma volta na Lua.

Da primeira vez, por causa do ângulo e da sombra, mal tínhamos visto a superfície lunar. Da segunda, quando passamos a cento e dez quilômetros de distância da Lua, parecia que podíamos enxergar cada morro e cada pedra nela. Tirei o guia de pontos de observação da Lua e apontei para os locais conhecidos — o Mar da Tranquilidade, onde Neil Armstrong deu seu grande salto (Samson Two roncou quando eu disse isso), a formação Fra Mauro, onde a *Apollo 13* deveria ter aterrissado, e o Mar das Tempestades, onde Alan Bean acampou. Comentei: “Vocês conhecem uma pessoa que caminhou ali embaixo. Naquele pontinho, estão vendo?”

“Ridículo”, desdenhou Samson Two.

“Só não há registros porque ele quebrou a câmera de televisão”, explicou Florida.

“Muito conveniente”, resmungou Samson Two.

“Ele foi o quarto homem a pisar na Lua. O terceiro foi Peter Conrad, amigo dele. E sabe o que Alan disse? Que parte dele nunca voltou para a Terra. Ele disse que acorda no meio da noite e acha que ainda

está na Lua. E, às vezes, quando algo importante está acontecendo na casa dele, tem a impressão de que está assistindo a tudo de cima. Como se o Alan Bean que você conheceu na Terra fosse um avatar em um jogo e o verdadeiro Alan Bean — o que está nos controles — estivesse aqui em cima.”

Olhei para os outros. Eles ficaram tão quietos que pensei que tinham ficado impressionados, mas só estavam jogando em seus Wristations.

Quando voltamos ao lado oculto da Lua, tivemos a mesma sensação de nervosismo e pavor da primeira vez. Observamos a ponta daquela ausência curva onde sabíamos que estava o satélite, esperando que algo aparecesse. E, então, algo apareceu.

A Terra de novo. Nosso lar.

“Certo. Prontos para ligar o motor?”

“Faltam vinte e nove minutos”, disse Samson Two. “Se ativarmos por onze minutos, estaremos no caminho de casa.”

“Como sabemos que você tem razão?”, questionou Max.

“Nunca errei antes”, retrucou Samson Two, dando de ombros. “Não em matemática.”

“Se você estiver errado, o que acontece?”

“Bem, parece pouco provável que erremos por completo a trajetória e não alcancemos o campo gravitacional da Terra, mas podemos cair em uma órbita muito ampla. Longe demais para realizar a reentrada com segurança. Nós nos tornaríamos um satélite da Terra, imagino. Como boa parte do detrito espacial. Ou um cometa. Aliás, se um cometa estiver passando, podemos ficar presos no campo gravitacional dele e...”

“Quieto!”, interrompeu Max. “Você não percebe que está nos deixando apavorados?”

“É só uma simulação”, respondeu Samson Two.

A possibilidade horrorosa de sermos arrastados pelo sistema solar para sempre junto de um cometa foi o que me levou a ter uma ideia genial. Eu disse: “Max, passe seu Wristation”.

“Por quê? Você tem o seu.”

“Sim, mas o meu veio com *Golfe Profissional*. O seu tem *Orbiter IV*. E, em algum lugar no menu, deve haver uma simulação de voo em trajetória livre. Se jogarmos seguindo as especificações para o *Dente-de-leão* — que estão todas aqui no manual — descobriremos se os cálculos estão certos. Se jogarmos paralelamente à nossa viagem de verdade, poderemos escolher a opção de ligar os motores. Se o jogo disser ‘Boa escolha’, saberemos que tudo vai acabar bem e poderemos ligar os motores, e se disser ‘Opa, você morreu’...”

“Vamos morrer.”

“Só na simulação. Na vida real, não faremos nada até conseguir a pontuação máxima na simulação.”

“Essa”, comentou Samson Two, “é uma ideia genial.”

“Ele não é um gênio”, Florida respondeu, olhando para mim parecendo radiante. “É só *avançado*.”

Então, Samson Two encaixou o Wristation e jogou *Orbiter IV*, e eu copieei cada movimento que ele

fez, descendo o *Dente-de-leão* até a altitude correta, mantendo-o fixo, preparando-me para ligar os motores.

Pedi que Max ficasse de prontidão. “Você pode ligar o motor.”

“Eu não quero.”

“Quê?! Mas você e Hasan disputaram essa tarefa.”

“Deixe Hasan fazer, então. Não quero voltar para lá.”

“Para onde?”

Ele apontou para a Terra.

“Para a Terra? Ah, o que é isso? Por que você não quer voltar?”

“Aqui é melhor.”

“Como pode ser melhor? Estamos no espaço sideral.”

Mas, antes que ele pudesse responder, Hasan repetiu: “Aqui é melhor”.

E até Samson Two comentou: “É uma simulação inesperadamente agradável. Gostei dos efeitos de ausência de peso”.

“Eu gosto de brincar”, acrescentou Hasan. “Gosto de esconde-esconde, e de joquempô. Gosto de rir de piadas sobre xixi...”

“Aqui é legal”, disse Max, “porque só estamos nós. Ninguém nos obriga a vencer, sorrir, estudar ou ganhar dinheiro.”

“Ou atira em nós”, disse Hasan.

“E meu pai? Ele é um adulto”, interviu Florida, lealmente.

“Mas ele não é como os outros adultos”, respondeu Samson Two.

“Ele é diferente. Não sei por quê.”

Eu realmente senti vontade de contar tudo, de dizer: “Também sou uma criança”. Mas não o fiz. Agi como um pai. Deixei que eles continuassem acreditando.

E os conduzi em outra volta pela Lua. E outra. Voltas e voltas. Como se a Lua fosse um carrossel.



E agora estou aqui, completamente sozinho no módulo de comando. Onde estão os outros? Vou contar. Vou contar porque estou orgulhoso de todos nós. Vou contar, mesmo que não acreditem. Sei que, mesmo se chegarmos vivos à Terra, a dra. Drax vai negar tudo — além do mais, assinamos declarações prometendo manter o projeto em segredo.

A única maneira de alguém escutar essa gravação e saber o que fizemos é se morrermos na reentrada e esse telefone for de alguma forma resgatado.

Se isso acontecer, gostaria que meu pai soubesse o que fizemos.

Porque a verdade é: os outros estão lá embaixo, na Lua.

A lógica diz...

Após a terceira volta em torno da Lua, eles ainda não queriam voltar para a Terra.

Eu disse: “Escutem, temos que voltar mais cedo ou mais tarde”.

“Por quê? A gente tem comida. Muita comida”, apontou Hasan.

“Mas não é suficiente para uma vida toda. Enfim, a Terra é o lar de vocês. Precisamos voltar.” Eu estava pensando no grupo de teatro, em comida de verdade e nos meus pais.

“Quando voltarmos”, sussurrou Florida apenas para mim, “não vou mais ter um pai.”

Olhei para eles. “Vocês não podem passar a vida toda aqui.”

No momento em que declarei isso, lembrei-me de Alan contando que, de certa forma, ele *tinha* passado a vida toda ali em cima. Suas memórias da Lua eram tão vívidas que tudo o que ele fazia na Terra parecia, em comparação, sem graça. E pensei em como seria completamente cósmico se eu pudesse mudar a vida deles. Se fizesse com que uma parte deles sempre ficasse na Lua. Para que, quando voltassem à Terra e seus pais gritassem ou perturbassem, eles fossem capazes de se lembrar daqui de cima, de suas memórias mais felizes. Assim, poderiam ser crianças para sempre.

Pedi a Samson Two que rodasse uma simulação no *Orbiter IV*. Basicamente, o *Dente-de-leão* não conseguia aterrissar em nenhum lugar. Ele tinha sido feito para ficar no espaço até parar de funcionar. Mas o módulo de comando fora feito para um pouso no deserto. E, na política de segurança da dra. Drax — a Superproteção Extrema — havia um par de todos os objetos: dois motores traseiros, dois conjuntos de paraquedas, o dobro do combustível necessário. A única coisa que não tínhamos em dobro era o escudo contra o calor. Aquilo estava lá para proteger a entrada na atmosfera terrestre, e não seria necessário numa aterrissagem na Lua, porque não havia atmosfera no satélite.

“A lógica diz que é possível”, afirmou Samson Two. “É claro, se você usar metade do combustível, não haverá reserva. É um risco calculado.”

Ele parecia tranquilo quanto a isso. Mas, por outro lado, Samson Two pensava que era tudo uma simulação.

Projetamos a simulação do Wristation na parede para que pudéssemos acompanhar o módulo de comando descendo na Lua e então aterrissando, levantando uma chuva de poeira.

Ver a cena acontecendo dava a sensação de que aquilo já tinha acontecido, de certa forma.

Florida perguntou: “Podemos realmente fazer isso? Então vamos. Vamos fazer agora”.

“A simulação é baseada em um programa de duas horas”, explicou Samson Two. “Então é possível. Só precisaríamos reencaixar o *Dente-de-leão* e usá-lo para entrar na órbita terrestre.”

“E é possível reencaixar?”

“Bom, o módulo de comando e o *Dente-de-leão* estão presos agora. Se podemos soltar os dois, devemos ser capazes de juntar novamente. Mas... alguém precisaria ficar a bordo para guiar o *Dente-de-leão* de volta ao módulo.”

“Assim como fizeram nas missões Apollo”, comentou Florida.

“Supostamente”, disse Samson Two.

Ela retrucou: “Bom, então você deveria ficar, Samson, já que acha que não há nada lá fora mesmo”.

“Eu estou muito interessado em saber até onde vai a simulação.”

Eu disse: “Eu fico. Posso passar o tempo que vocês ficam lá embaixo praticando o procedimento de reencaixe no Wristation. Quando chegar a hora de vocês voltarem, já vou ter dominado a técnica”.

Max estava preocupado. Ele disse: “Deveria ter um adulto conosco para supervisionar”.

Respondi: “Não, o adulto precisa ficar aqui, cuidando da casa para quando vocês voltarem. Além disso, vocês não querem um adulto para estragar a diversão. Devia ser um evento só para crianças. Com a poeira e tudo mais, vai ser como uma caixa de areia”.

“É uma ideia louca”, comentou Hasan.

Florida fez uma cara de desaprovação.

Continuei: “Mas vocês vieram até aqui. Percorreram quatrocentos mil quilômetros. Seria loucura não atravessar os últimos cento e dez. Max, essa é sua chance de apertar o botão verde. E, Florida, você vai achar legal quando chegar lá”.

Eu os levei até o módulo de comando, ajustei os capacetes, dei salgadinhos e bebidas, como se eles fossem para a praia. Florida foi a última a passar pela portinhola. Quando ela fechou, acrescentei: “Ei, antes de irem, levem isso. Depois me contem como é fazer uma guerra de água na Lua”. Entreguei algumas das garrafinhas de água em formato de foguete.

Eles escalaram o módulo de comando, selaram a portinhola e apertaram o botão verde. Tive a sensação de que o *Dente-de-leão* deu um salto para trás, como se tivesse batido em uma parede. Levou alguns minutos, mas, ao final, ele se estabilizou. Quando isso aconteceu, alguém falou comigo! A voz inconfundível de Keira Knightley disse: “Olá. Gostaríamos de agradecer por você ter escolhido o *Dente-de-leão* entre tantas atrações no parque”.

Quase saltei para fora do meu traje!

Pelo visto, ao se separar do módulo de comando, um sistema de boas-vindas era ativado, então comecei a escutar anúncios de segurança, até que *Piratas do Caribe* começou a passar em uma tela de plasma na parede.

Assisti ao filme por um tempo, mas, para ser sincero, preferia olhar as estrelas pela janela. E, então, o *Dente-de-leão* foi para o lado oculto da Lua e a imagem meio que paralisou e depois sumiu.

Foi minha quinta volta ao redor da Lua. Eu estava em uma órbita mais baixa, então não pareceu tão comprida como das outras vezes, mas pareceu mais distante.

Muito mais distante.

Porque eu estava sozinho.

Todos os outros — e eu estou falando de *todos* mesmo —, as crianças, meus pais, a dra. Drax, a população da China, dos Estados Unidos, da África e da Rússia, crianças, adultos, pessoas comprando, comendo, dormindo, nascendo, morrendo, até mesmo pessoas que estavam mortas há centenas de anos,

como Tutancâmon, estavam em outro lugar. Eu era o único humano naquele lado da Lua.

Nas outras vezes em que demos uma volta pela Lua, passamos o tempo todo olhando para o espaço vazio onde ela estava. Daquela vez, olhei para fora. E lá estavam as estrelas. Não havia como descrevê-las. Seria como tentar descrever as moléculas de oxigênio que você respira. Há estrelas demais.

O espaço entre a Terra e a Lua, aquilo era o espaço. Porque era um espaço entre duas coisas. Mas o outro lado da Lua não era um espaço. Eu não estava entre nada. Era o universo. Eu sentia como se estivesse vendo tudo, cada parte dele. E era enorme.

Existem mais estrelas do que pessoas no mundo. Bilhões, como afirmou Alan, e milhões delas podem ter planetas como o nosso. Desde que me lembro, eu me sinto grande demais. Mas, depois daquilo, comecei a me sentir pequeno. Pequeno demais. Insignificante. Cada estrela é gigantesca, mas há muitas estrelas. Como alguém pode se importar com uma só estrela se há tantas por aí? E se as estrelas fossem pequenas? E se as estrelas fossem como átomos em algo ainda maior? E se as estrelas fossem pixels? E a Terra fosse menor do que um pixel? Isso faz de nós o quê? O que isso faz de mim? Sou menos que poeira. Eu me sinto minúsculo. Pela primeira vez na vida, naquele momento, eu me senti pequeno demais.

O *Dente-de-leão* começava a se encher de luz. As estrelas foram ficando mais fracas, como se alguém tivesse fechado a cortina. Mas eu sabia o que estava por trás dela agora. Ali estava tudo, e eu não era nada. Qual era o sentido de tentar encontrar os outros? Qual era o sentido de qualquer coisa? Senti minha mão pressionar o volante. Mas eu não sabia em que direção girar. Como qualquer ação minha poderia fazer diferença? Se eu pedisse ajuda, quem me escutaria?

Então, meu telefone fez um bip. Recebi uma mensagem: “Bem-vindo à DraxUniversal, a primeira rede realmente universal”.

E então o telefone tocou.

Atendi. Uma voz disse: “Liam, onde você está, filho?”. Era meu pai.

“Bom, eu... é você, pai?”

“É claro que sou eu. Estou tentando telefonar há dias. Desde que você ligou. Sua mãe ficou preocupada. Ela achou que você estava triste e reclamou que estavam deixando você ficar acordado até tarde. Onde você está? O sinal está ótimo.”

“É uma rede nova.”

Eu ainda estava olhando para o gigantesco universo vazio. Mas estava falando com meu pai e de repente tudo ficou diferente. A voz dele era verdadeira. As estrelas eram apenas... decoração.

“Está tudo bem? Porque, se não estiver, vou aí buscar você.”

“Está tudo bem. Além do mais, estou muito longe de casa.”

“Não importa que seja longe. Sou seu pai. Se quiser que eu busque você, é só avisar.”

Eu ia dizer algo quando ele interrompeu: “Você viu o jogo de ontem? Acho que é um problema de atitude. Fazem um gol e depois perdem o entrosamento. Aliás, você encontrou meu São Cristóvão?”.

“Sim. Valeu.”

“Não se esqueça de trazer de volta para casa. Foi um presente do meu pai. Ele não é mais um santo, São Cristóvão, mas enfim... ele cuidou de mim. Você conhece a história, não?”

Eu conhecia. São Cristóvão era uma espécie de super-herói gigante que carregava viajantes pelo rio, e

um dia uma criança apareceu e pediu que ele a levasse. São Cristóvão colocou a criança nos ombros e a carregou, mas ela foi ficando cada vez mais pesada até que São Cristóvão quase se afogou. A criança era Jesus, então, quando São Cristóvão o levava, ele estava carregando, bom, o mundo. Era uma história sobre a gravidade, no fim das contas.

“Aposto que está um dia bonito na região dos lagos. A vista deve ser linda. O que você está vendo?”

Respondi: “A vista é ótima”. Eu estava vendo a Terra. E, por mais que as estrelas fossem lindas, a Terra era... dava para ver que tinha algo de especial no planeta. Era azul-claro, para começo de conversa. Por algum motivo — talvez por eu estar cansado de ficar sem peso — pensei na gravidade e em como ela é boa. Não apenas porque nos mantém presos ao chão. Embora isso seja bom. Quer dizer, eu adorei ficar sem peso, mas é como viver em um campo de algodão. No final, você sente falta de batatas. Mas não era por isso.

É a gravidade que mantém os gases que respiramos ao redor da Terra e que mantém a água no oceano e as nuvens no céu, senão faria cento e trinta graus de temperatura na superfície. E é a gravidade que mantém o Sol vivo. Se houvesse um pouquinho mais de gravidade, o Sol seria mais compacto, queimaria mais rápido e só teria existido por alguns milhões de anos, então não seria possível o desenvolvimento da vida na Terra. E se houvesse menos gravidade, o Sol teria um brilho fraco e a Terra não seria quente o suficiente para o surgimento de vida.

“Você está em alguma via principal?”, perguntou meu pai.

“Na verdade, não. Bom, sim, de certo modo...” Na minha cabeça, eu listava tudo o que conseguia lembrar da Terra: meus pais, a feira de Southport, o ônibus 61... e levantei meu dedo para tapar a Terra outra vez, mas daquela vez, ele não tapou direito. Foi quando vi algo lá fora parecido com um pequeno mosquito zumbindo.

O módulo de comando estava retornando.

Meu pai perguntou: “Diz uma coisa: você consegue enxergar um bar, um hotel ou algo do tipo? Ih, meu crédito está acabando. Mande uma mensagem. Vou usar o aplicativo do DraxWorld para encontrar você, certo?”.

E o telefone dele morreu. O que, de certo modo, foi bom, porque os procedimentos de encaixe exigiam a minha concentração.

Deixei o telefone de lado até as crianças voltarem a bordo.

Isso não é uma simulação

Bom, eu consegui. Fui bem-sucedido no reencaixe do módulo de comando com o *Dente-de-leão*. Se fosse um jogo de *Orbiter IV*, teria ganhado uma vida extra por isso.

As crianças voltaram pela portinhola, rindo e se empurrando, e Samson Two disse: “Quer saber? Você estava errado!”.

“Como?”

“Não é uma simulação. Nós estamos realmente no espaço! Acabamos de fazer uma guerrinha de água na Lua.” Ele explicou, então, que guerra de água na Lua é algo bem complicado.

Você consegue jogar a água, mas ela voa de uma forma esquisita, fazendo uma curva, como um diagrama descrevendo uma parábola na direção do chão. E nunca atinge o alvo. No meio do voo a água se transforma em pequenas nuvens e flutua como um fantasma, até desaparecer por completo.

Ele disse que isso acontecia porque eles estavam sob efeito de luz do Sol direta, sem filtros. A temperatura deveria estar em cento e trinta graus. A água simplesmente evaporava.

Deve ter sido estranho estar lá, sentindo-se confortável, mas sabendo que, se removesse o traje, você morreria assado.

Mas eles não morreram.

Eles voltaram com um cheiro que lembrava fogos de artifício. Isso porque alguns dos elementos da Lua que carregavam consigo reagiram com o oxigênio dentro do *Dente-de-leão*. E eles estavam cobertos de poeira. Completamente. Pareciam limpadores de chaminés. Encontrei um pequeno aspirador para limpar as migalhas presas à parede perto dos armários de comida e obriguei-os a passá-lo nos trajes.

“Senão, todos saberão o que vocês fizeram”, comentei. “Vão saber só de olhar para vocês.”

Max quis entender por que era um grande segredo. “Não é algo para se orgulhar, ser a primeira criança a pisar na Lua?”

Florida respondeu: “Vão descobrir de qualquer forma, da próxima vez que alguém pousar na Lua. Sabe o que fizemos?”.

“Não”, interrompeu Samson Two. “Não conte. É uma surpresa.”

“Ah”, disse Max. “Quase esquecemos. Aqui está um presente para você. Uma rocha lunar.”

E ele me deu uma pedra quadrada e cinza de outro mundo.

O que mais eles tinham feito lá embaixo? Bem, como estou no papel de pai, vou contar da maneira como um pai contaria.

1. Como chegamos aqui. Foi fácil chegar. Não havia quase trânsito. Só uma chuva de meteoros, nada mais.

2. Como foi para estacionar. Para começo de conversa, o estacionamento era grátis. E havia uma

quantidade infinita de vagas vazias. Desde que você ficasse de olho nos morros e nos cânions. Bem que eu gostaria de saber como pode ter muito mais vagas na Lua do que em Bootle.

- 3. Como eram as coisas antigamente.** Bom, havia o programa Apollo. Parece que um cara ia para a Lua a cada duas, três semanas. Pensei que todos iríamos para a Lua passar as férias quando fôssemos adultos. E olhe o que aconteceu.
- 4. Qualquer coisa com a intenção de gerar uma reflexão.** Caminhamos na Lua. Deixamos pegadas onde ninguém antes deixou, e, a não ser que alguém passe pela Lua apagando os rastros, elas ficarão para sempre ali, porque não há vento.
- 5. Qualquer coisa relacionada ao jogo de futebol da noite anterior.** Não teve futebol porque não há gravidade suficiente, mas fizemos uma guerrinha d'água. Quem venceu foram as condições da superfície.

Depois de eles voltarem a bordo, demos mais uma volta em torno da Lua. A três quartos do caminho, acionamos os aceleradores do *Dente-de-leão* e partimos em direção à Terra. Todos correram para os fundos para ver a Lua ficar cada vez menor. Florida então me perguntou: “E você, pai? Se divertiu?”

“Foi legal.”

Pareceu coincidência ter recebido uma chamada do meu pai quando os telefones voltaram a funcionar. Mas não foi. Ele estava me ligando há dias e dias. Ele conseguiu entrar em contato quando os telefones começaram a funcionar porque ele estava me ligando o tempo todo — é isso que os pais fazem. Eu tinha que cuidar das crianças, da mesma maneira como meu pai cuidou de mim e o pai dele cuidou dele, desde o início dos tempos. Ser pai era algo de nível estelar, era uma força como a gravidade, e eu fazia parte daquilo.



Mas, ao final, foi a obsessão de Florida pela questão do peso que nos salvou.

“De acordo com meus cálculos”, comentou Samson Two, “deveríamos estar começando o procedimento de reentrada.”

“Você está brincando?”, eu disse. “Estamos a quilômetros de distância.”

Quando você faz o processo de reentrada no simulador, a Terra parece uma parede gigante à sua frente. Se olhássemos pela janela naquele instante, ela podia parecer grande, mas dava para ver a curvatura dela. Por isso, eu sabia que ainda estávamos longe.

“Você está insinuando que meus cálculos estão errados, o que é ilógico.”

“O que estou dizendo é que a Terra parece distante. Parece que estamos muito no alto. Para ser sincero, eu não pularia daqui.”

Florida interveio: “Samson Two, quando fez os cálculos, você se lembrou de adicionar o peso do *Dente-de-leão*? Ou você fez as contas baseado apenas no módulo de comando?”

Samson Two olhou para ela por um tempo e disse: “Com licença”. E começou a refazer os cálculos.



Ainda estamos longe da Terra. Usamos as velas para tentar descer da maneira mais suave possível para uma órbita mais rápida. É como descer no maior tobogã do mundo. Com vista para a Groenlândia, o Oceano Pacífico e o norte da Rússia.

“Não podemos continuar descendo assim tranquilamente até o final?”, perguntou Hasan.

Infelizmente, não. Cedo ou tarde, começamos a ver o brilho do envelope da atmosfera. E não dá para simplesmente flutuar através disso. É uma parede de fogo.

Estamos de volta ao módulo de comando agora.

Apertamos o botão verde — todos ao mesmo tempo. Senti a sacudida quando liberamos o *Dente-de-leão*. Quase pude ouvir a voz de Keira Knightley dizendo: “Olá. Gostaríamos de agradecer você por ter escolhido o *Dente-de-leão* entre tantas atrações no parque...”.

Sabíamos que botões deveríamos apertar durante a descida. Só estávamos esperando o momento certo. Os monitores ainda não funcionavam. Samson Two estava rodando o *Orbiter IV* em seu Wristation. Todos assistíamos ao jogo na parede. Apertei os botões de verdade alguns segundos depois que ele apertou os do videogame.

Tive uma conversa de time com eles. Ordenei: “Inflem novamente os trajes. Fiquem calmos. Sei que vamos conseguir passar por essa, porque somos cósmicos”.

Então, ejeitei a metade de baixo do módulo — a parte com a janela, a porta e tudo o que não aguentaria a pressão.

De modo que agora estamos voando no escuro. Não temos janela. Consigo mais ou menos sentir o ângulo em meus ossos. Se errarmos, ricochetearemos e iremos para o espaço. Agora a gravidade está machucando. Deve estar aumentando. Temos que estar certos.

Estou olhando para o São Cristóvão do meu pai. Ele sacode de um lado para o outro como se fosse um terremoto. Posso sentir o santinho cada vez mais pesado, como a criança na história bíblica. Mal consigo me mexer. O simulador está em contagem regressiva. E consigo escutar o simulador dizendo: “Opa, você morreu”.

Nos perdemos um pouco

Mergulhamos em um profundo silêncio. Tudo era branco e gelado. E eu estava deitado, tentando entender o que estava acontecendo. Podia sentir algo quente... — um hálito quente e malcheiroso. E um cheiro de umidade e o som de alguém respirando. Notei tudo isso antes de perceber de onde vinha — de um lobo.

Um lobo? Sentei e ele rosnou para mim. Senti mais um pouco do hálito quente e fedorento.

A porta do módulo de comando estava aberta. Lá fora havia neve e mais lobos. Os lobos se empurravam tentando entrar.

Tínhamos voltado para a Terra.

Mas transformados em comida enlatada.

Algo passou zunindo pela minha cabeça e atingiu o lobo no meio dos olhos. Ele ganiu e se afastou.

Florida passou por mim, afugentando o lobo e fechando a portinhola. Ela gritou: “Acabo de fazer uma viagem de ida e volta para a Lua em um trailer de sorvete. Não vou ser comida por um cachorro”.

Os “cachorros” uivavam e arranhavam a portinhola. Eu disse: “Não são cachorros. São lobos”.

Ela desmaiou.

O São Cristóvão estava em pedaços no chão. Foi o que ela jogou no lobo. Lembro-me de pensar que meu pai ficaria furioso. Ele tinha dito que São Cristóvão havia cuidado bem dele. Para ser sincero, acho que tinha cuidado de todos nós.

Sentei de costas para a porta, para mantê-la fechada. Foi quando notei meu Draxphone encaixado no display multifuncional. Corri, peguei o celular e me joguei outra vez contra a porta. Estou aqui agora. Ninguém está nos procurando. Sei disso porque a dra. Drax declarou que negaria saber de qualquer coisa. Mas tenho este telefone em mãos, então nada disso importa. Posso ligar para meu pai. Posso pedir que ele nos encontre.

Ligo para ele.

O telefone toca duas vezes. E então faz um bipe. Uma mensagem de texto aparece: VOCÊ ESTÁ SEM CRÉDITOS.

Então, estou sentado aqui agora, falando com o telefone. Ninguém está ouvindo. E, se alguém me escutasse, como nos encontraria? Um pequeno módulo do tamanho de um carro popular, preso na terra gélida da Sibéria, que é maior que a Europa.

Os outros estão acordando. Estão machucados e ensanguentados. Felizes de estar vivos, mas sem se dar conta de que estar vivo é uma situação temporária.

Espere. Preciso parar. Preciso parar de falar porque meu telefone está tocando.

Era meu pai. “Liam, sou eu. Você não ia voltar para casa hoje?”

“Oi, pai. É que nos perdemos um pouco.”

“Sei que você não está na região dos lagos, Liam. Sei que aprontou alguma. Só me diga onde está.”

“Não tenho certeza.”

“Certo. Então, procure um bar...”

“Um bar?”

“Não. Você é jovem demais. O que mais aparece no DraxWorld? Bibliotecas. Escolas. Qualquer coisa do tipo. Encontre uma coisa dessas, ligue para mim e eu vou saber onde está. Eu deveria conseguir ver pelo telefone, mas tem algum problema com ele. Aqui diz que você está em Waterloo, mas você não está aqui, está?”

“Talvez. Posso estar em *uma* Waterloo.”

“Mas só tem uma. Não?”

“Não, tem centenas, pai. Uma em Serra Leoa, outra em Bruxelas, outra no Brasil...”

“Não vai dizer que você está na África...”

“Não, acho que não. Mas posso estar na Sibéria.”

Ele desligou. Olhei para os outros e comentei: “O que aconteceu? Achei que tínhamos morrido”.

“Esquecemos os paraquedas — de novo”, explicou Samson Two. “Então Max apertou o botão e nos salvou.”

Florida discordou: “Não, Hasan apertou o botão e nos salvou”.

Hasan disse: “Não, foi Samson Two quem apertou o botão e nos salvou”.

“Talvez todos vocês tenham apertado.”



Meu pai descobriu tudo. Pelo visto, eu estava enganado sobre a dra. Drax. É claro que ela estava procurando por nós. Queria manter a viagem em segredo, então não ia deixar uma espaçonave abandonada caída por aí.

O chip de celular do meu pai era um clone do meu, eu já disse isso. Então o telefone dele estava conectado ao meu. Quando eu salvava um contato, os números eram registrados no celular dele também. Foi assim que ele conseguiu telefonar para a dra. Drax e obter nossa localização exata.

Foi por isso que ela apareceu em seu avião algumas horas depois com cobertores, bebida e comida quentinha e muitos formulários para preencher.

Ela foi muito simpática conosco. Então, pediu: “Senhor Digby, acho que você está com um telefone. Por favor, entregue para mim. E qualquer câmera, diário, qualquer coisa que prove onde você esteve”.

Gravidade especial

Então, onde estou agora? Bom, no momento no shopping, sentado junto à fonte enquanto meus pais estão na loja de eletrônicos comprando um GPS mais moderno. Peguei o celular do meu pai emprestado para jogar enquanto esperava. E, fuçando nele, notei que a memória do áudio estava quase cheia. Então eu me dei conta. Nossos celulares eram gêmeos. Quando reentramos na atmosfera, meu diário espacial foi salvo no cartão de memória dele, em Bootle. Resolvi escutar toda a gravação de novo.

E posso contar como termina a história.

A melhor coisa de se estar na Terra é definitivamente a gravidade na medida certa. O fato de que você não sai flutuando ou sente como se tivesse uma bola de canhão em cima da cabeça. As pessoas passam correndo por você, carregando sacolas e carrinhos de compras. Elas percorrem um longo caminho e depois voltam. Tudo parece uma grande dança, e todos sabem seus passos. Então, de repente, todos — *todos* — vão em direção às vitrines da loja de eletrônicos. Como se um cometa tivesse passado, atraindo todos com sua forte gravidade. Só enxergo as costas deles. Tem até gente na ponta dos pés. Os pais colocam os filhos nos ombros. Sei o que estão fazendo. Estão assistindo ao lançamento do foguete *Possibilidade Infinita*, que vai enviar a primeira astronauta criança — uma menina de treze anos chamada Shenjian — para o espaço. Ela vai dar uma volta na Lua. Não é apenas a primeira criança a ir para o espaço, de acordo com o programa de televisão. É a primeira pessoa a sair da órbita terrestre desde 1972. Todos querem vê-la. O rosto de Shenjian está em jornais, camisetas, lancheiras, mouse pads — em toda parte.

Uma pessoa saiu da multidão e caminha em minha direção. É meu pai. Ele vem até mim como se houvesse uma gravidade especial que o atraísse. E talvez exista. Talvez todos tenham sua gravidade especial, que permite que você se afaste muito, muito mesmo de vez em quando, mas que sempre o traz de volta ao final. É assim que funciona. A gravidade é variável. Algumas vezes, você flutua como uma pena; outras, fica pesado demais para se mexer. Um garoto pode pesar mais que todo o universo. O universo se estende pelo infinito, mas isso não faz de você pequeno demais. Todos são enormes. Todos somos King Kongs.

Meu pai pergunta: “Você não vai ver?”.

“Talvez depois. Agora, estou bem aqui.”

Todo mundo lembra onde estava quando ouviu o que Shenjian avistou na superfície lunar.

Eu estava parado na nossa cozinha, pronto para ir para a escola. Tinha tirado meu boletim de fim de semestre de debaixo da rocha quadrada e cinza que usamos de peso de papel. Minha mãe se aproximava para me dar um beijo. “Quer saber”, ela disse, “tenho a impressão de que você encolheu.”

Ela me empurrou até a parede e me mediu. Era verdade. Eu tinha diminuído um centímetro desde o dia em que começaram as aulas na Escola Waterloo.

“Por que isso não me surpreende?”, perguntou meu pai. “É típico dele. Começar a encolher quando fica mais velho. Passa a infância barbudo, medindo um metro e oitenta, e chega à vida adulta com cara de bebê e medindo um metro e meio.”

A cobertura do trânsito começou na rádio. Meu pai aumentou para ouvir melhor. De repente, o programa foi interrompido e um locutor apareceu para dar uma notícia extraordinária ao vivo do foguete. Minha mãe ligou a televisão e tive certeza de que não iria para a escola. Ninguém iria a lugar nenhum naquele dia.

Porque Shenjian tinha encontrado algo na Lua.

“É sério”, comentou o locutor. “Essa descoberta muda tudo. Temos fotografias. Sim. Aqui estão. Não há dúvidas. É um objeto feito por humanos. Sabemos que nenhuma Apollo foi para essa parte da Lua. Parece improvável que uma missão secreta russa ou chinesa tenha deixado algo do tipo... Isso é... extraordinário. Inexplicável. Muda nossa visão sobre tudo.”

Era um amontoado de pedras — rochas quadradas e cinzas como a que usávamos de peso de papel. E todas as pedras estavam organizadas para formar palavras. Não podia ser uma coincidência.

Florida me telefonou para ter certeza de que eu tinha ligado a televisão. “Você se lembra da surpresa?”

Eu tinha esquecido completamente. Mas agora sabia o que era. Na superfície lunar, havia duas palavras formadas por pedras: “Oi, pai”.

Um sorriso ia de um canto ao outro do meu rosto. Sussurrei “Oi” no telefone. Eu achava que ela tinha escrito aquilo para mim. Agora, pensando melhor, talvez estivesse dando oi para seu outro pai, aquele que tinha ido embora.

Meu pai olhou para mim. Parecia intrigado. Como se soubesse que aquilo tinha algo a ver comigo. Eu disse: “Oi, pai”. E, então, ele pareceu ainda mais confuso. Quando ouvir essa história, talvez ache que convenci as crianças a escrever aquilo em homenagem a ele. E talvez ele tenha razão. Talvez fosse para nós dois, e para os outros pais também. E para todos os pais que não estão na Terra. E para os pais deles, espalhados pelo espaço, que existiram antes de nós, e assim por diante, até o Pai do Universo.

Olhando para o espaço, enviava um recado da Terra para o Universo. Oi, pai.

Agradecimentos

Tenho lembranças vagas de estar sentado no sofá com meus pais, assistindo aos primeiros homens aterrissarem na Lua. Nós realmente achávamos que estávamos vivendo a Era Espacial e que, quando fosse minha vez de ser pai, todos poderiam passar as férias no espaço. Muitas outras coisas incríveis aconteceram em vez disso, é claro, mas ainda torço para que um dia eu possa viajar para o espaço. Enquanto isso não acontece, achei que seria divertido ir até lá na minha imaginação. É claro que a minha imaginação não tem a velocidade de escape necessária, então precisei de ajuda na tarefa. Então agradeço às seguintes pessoas:

Alan Bean, o quarto homem a pisar na Lua, e uma das pessoas mais inspiradoras na face da Terra, que permitiu que eu usasse seu nome no livro; também peguei emprestado o nome real de Lorraine Sass, que fez uma doação generosa à Waterloo Partnership e merece aparecer neste livro. A Waterloo Partnership está ajudando a construir uma biblioteca e uma escola na Waterloo em Serra Leoa. Para mais informações, consulte <www.waterloopartnership.co.uk>; Andrew Smith, cujo livro *Moon dust* nunca saiu do meu lado enquanto eu escrevia *Cósmico*; Danny Boyle foi o primeiro a me falar sobre o livro de Andrew e fez uma jornada imaginária ao espaço por conta própria; Doug Millard, do Museu da Ciência, que sabe tudo; peguei toda a informação sobre *World of Warcraft* do meu bom amigo Sam Millar; Talya Baker garantiu que todos os rebites do foguete estivessem bem apertados; a incrível Sarah Dudman manteve a calma no controle da missão, até mesmo quando eu percorria uma órbita muito excêntrica; e Denise, minha esposa, que teve a coragem de me lançar às chamas quando eu estava viajando na direção errada.



FRANK COTTRELL BOYCE nasceu em Liverpool e estudou literatura inglesa na Universidade de Oxford. Seu primeiro livro juvenil, *Caiu do céu*, foi traduzido para 27 línguas, ganhou a prestigiosa Carnegie Medal e foi adaptado para o cinema pelo renomado diretor Danny Boyle.

Copyright © Macmillan Children's Books, Londres, Reino Unido, 2008

Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em 2008 pela Macmillan Children's Books,
uma divisão da Macmillan Publishers Limited.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Cosmic

IMAGENS DE CAPA E DE MIOLO Macmillan Children's Books,
Londres, Reino Unido, 2008

PREPARAÇÃO Laura Finisguerra

REVISÃO Juliane Kaori e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-8086-474-8

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com.br/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br